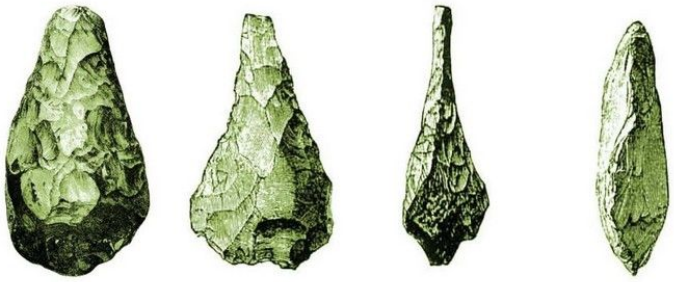


ALFREDO MENDONÇA DE SOUZA

dicionário de ARQUEOLOGIA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

DICIONÁRIO DE ARQUEOLOGIA

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA
Elizabeth Cantanhede
Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
Antônio Ausier Ramos

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

Alfredo Mendonçca de Souza

DICIONÁRIO DE ARQUEOLOGIA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

© Alfredo Mendonça de Souza, 2012

EDITOR RESPONSÁVEL ¶ **Antônio Ausier Ramos**

COORDENAÇÃO EDITORIAL ¶ **Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA E PROJETO GRÁFICO ¶ **Ângelo Lopes**

FINALIZAÇÃO ¶ **André Martins**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA ¶ **Gráfica Moderna**

REVISÃO ¶ **Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO ¶ **Ediana Palma**

S719d Souza, Alfredo Mendonça de.

Dicionário de Arqueologia / Alfredo Mendonça de Souza. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

168p. ; 23x28cm.

ISBN 978-85-64218-32-1

1. Dicionário. 2. Arqueologia. 3. Brasil. I. Título.

CDD 930.1 03
CDU 902(038)

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz
Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Este livro é desicado à Carmélia, com muito amor. Re nos sundipsa qui bla veles accuptio estrumque liqui ius est quuntis explab is aut volo is es dolore officid modia et autectia aut ius qui cus que dest, torupta quibusam dolenit atibea volescietur modio. Nempossus estisimint.

Henis enes sitium alibus volorum quibustium laborrorum et doluptatio et harum quiatem. Ibus esto eos cum delest adisquas earum haruntia eiunt, eum quis doluptatquo que maximpe ritio. Orro blaborum que aut officat volutati utet eturero doluptate maxim hiciam quuntur? Quis del ipsum soluptium harchic totatem velendi doluptat iunt mintur? To omnis aborepudandi simpor moluptatione labore, aut voluptate qui cuptas ulpa velendipsa quis dolupti aliquasint, est deriae lantur mo bere et porectur, eatium reriam aut debitasinus

Os filhos do autor; em seu nome, agradecem a todos que colaboraram para que este livro fosse publicado.

Aos amigos e colegas de profissão que leram e enviaram sugestões ao volume, durante todos os meses que custaram sua elaboração.

Ao empenho dos professores da Unesa e em especial aos colegas Ari Francisco e Maria da Conceição Duarte Cardoso (Ceiça) da Adesa, que incentivaram sua edição póstuma.
A João Marcelo Esgobi Heringer da Silva, que se encarregou gentilmente de refazer as ilustrações dos verbetes, propiciando originais adequados à prensa.

À Maria Armindo, pela belíssima foto que compôs a capa.

Nosso muito obrigado.

Nosso pai, Alfredo Mendonça de Souza, escreveu muitos trabalhos durante sua vida, alguns deles ficaram inacabados.

Este *Dicionário*, ao contrário de outras de suas produções, estava praticamente pronto quando ele se foi, por isso pode ser publicado. Sua 1.ª edição deveu-se ao trabalho persistente de seus alunos, amigos, familiares e ao apoio incondicional da Associação de Docentes da Estácio de Sá – Adesa. Na Adesa, um grupo de professores que por anos acompanhou Alfredo na Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, posicionou-se favoravelmente à edição do livro. Desde então, este dicionário foi amplamente distribuído entre alunos, profissionais e admiradores da arqueologia no Brasil, e até mesmo em outros países lusófonos como Portugal. Tem sido usado e requisitado por muitos, tendo praticamente esgotado a edição original. Graças a isso sua palavra pode perpetuar-se um pouco mais.

Alfredo era carioca de nascimento, mas foi também no Rio que viveu como profissional, formou a família e deixou seu maior legado: a formação dos primeiros bacharéis em arqueologia do Brasil. Mas a arqueologia continuou crescendo, e por todo o Brasil novos cursos de graduação e pós-graduação foram abertos, para um imenso mercado profissional que progressivamente vem se estabelecendo. Um grande contingente de profissionais está reunido hoje em torno das pesquisas e trabalhos em arqueologia, o que cria uma demanda contínua por materiais de referência.

Chega então o momento desta segunda edição. E não por coincidência, ela é feita agora em Manaus, cidade que cumpriu outro grande papel em sua vida. Manaus foi a cidade em que Alfredo cresceu, e de onde saiu, deixando raízes, para cumprir um destino e deixar sua marca. Mais uma vez a família e os companheiros vêm apoiar esta edição, na certeza de que é oportuna, e que atenderá plenamente à demanda existente.

Acompanhamos de longe, atentos e gratos ao Governo do Estado do Amazonas, por mais essa demonstração de reconhecimento pelo valor da obra e da contribuição de Alfredo Mendonça de Souza à ciência da arqueologia no Brasil.

Nossos agradecimentos,

Alfredo Augusto Ferraz Mendonça de Souza
Ana Carolina Ferraz Mendonça de Souza
Mariana Beatriz Ferraz Mendonça de Souza

A produção do dicionário foi uma das últimas contribuições do prof. Alfredo Mendonça de Souza para a Arqueologia brasileira.

A unificação da terminologia era solicitada desde que os arqueólogos começaram a se perceber e pensar como grupo e profissão. Por isso, os fundadores da nova fase da Arqueologia brasileira, que se instalou na década de 1960, foram criando, para uso dos participantes de seus programas de pesquisa e comunicação com os pares, modelos restritos de semelhantes vocabulários. Primeiro foi produzido o *Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul*, de Annette Laming-Emperaire (1967), depois a *Terminologia Arqueológica Brasileira* para a Cerâmica, de Clifford Evans e Betty J. Meggers, coordenadores do Pronapa (Chmyz, ed., 1966). Foram seguidos por autores nacionais: pe. João Alfredo Rohr, S. J. juntou a terminologia relacionada com artefatos de osso, chifre, dente, concha (1977); Pedro Augusto Mentz Ribeiro incluiu um pequeno vocabulário arqueológico no seu *Manual de Introdução à Arqueologia* (1977) e Kenitiro Suguio organizou os termos geológicos e geomorfológicos (1992).

O autor do *Dicionário* se refere a essas obras repetidas vezes, indicando que elas foram a sua inspiração e devem ter fornecido grande parte dos termos por ele compilados. Os restantes se originariam do profundo conhecimento que o autor tinha da bibliografia arqueológica nacional.

A obra produzida é um dicionário dos termos mais comumente usados na Arqueologia brasileira para se referir a elementos arqueológicos, biológicos, etnográficos, paleontológicos, geológicos e geomorfológicos, técnicos e metodológicos, bem como dos nomes usados nos produtos das classificações, muitas vezes reunidos num sistema de tradições e fases. O *Dicionário* informa sobre o sentido com que essas palavras costumam ser usadas, mas não pretende ser um manual de metodologia, de teoria ou de história. Também não pretende ser exaustivo, pois não inclui muitos termos de selares especializados de pesquisa. Ele forma clara continuidade com os obras citadas anteriormente, sendo, porém, mais abrangente. A ilustração, que acompanha alguns verbetes, é adequada e necessária.

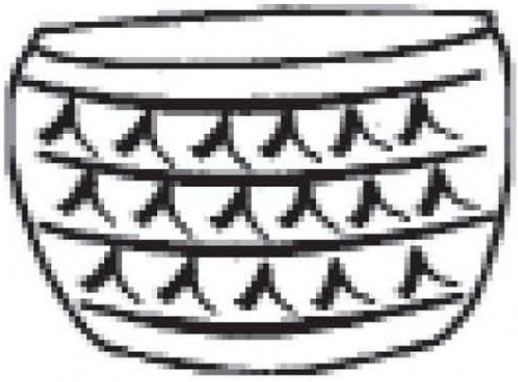
Esta obra ocupa um lugar muito claro no programa profissional do autor, nascido no Rio de Janeiro (24/1/1946), criado em Manaus, formado em Curitiba e que desenvolveu sua atividade principal na cidade de origem, junto à escola que havia fundado. Profundamente interessado no desenvolvimento da Arqueologia brasileira, ele se preocuparia, desde cedo, em formar quadros técnicos: criou o Currículo Mínimo dos cursos de graduação em Arqueologia e depois estruturou e pôs em funcionamento a única Faculdade de Arqueologia do país, à qual dedicou a vida. Também foi dos primeiros a pensar e promover a fundação de uma sociedade para congregar os profissionais que vinham surgindo. Dessa sociedade foi o primeiro secretário, o idealizador do estatuto e dos regimentos.

O dicionário se originou nesse ambiente de formação profissional, de criação e socialização de bancos de dados e conhecimentos confiáveis, de elaboração de uma história da Arqueologia brasileira (sua dissertação de mestrado) e uma obra maior sobre classificações (sua tese de doutorado, que não mais chegou a defender). O *Dicionário* foi pensado e feito para cobrir um vazio que impedia melhor comunicação entre os profissionais e entre os professores e seus alunos. A morte prematura, em 2 de dezembro de 1996, impediu que ele publicasse o *Dicionário* e a tese e que criasse mais instrumentos para o desenvolvimento da Arqueologia no país.

Como outros dicionários, esta obra é companhia recomendada para alunos e pesquisadores juniores, que buscam orientação no uso dos termos básicos e mais comuns para a leitura e produção de textos. Mas é apoio também para pesquisadores seniores, que procuram uma terminologia de consenso para comunicar-se com os pares, os jovens e o público em geral.

Pedro Ignácio Schmitz
São Leopoldo, aos 11 de abril de 1997.

A



ABA – Parte mais baixa de uma montanha, posterior aos flancos ou encostas.

ABAULAMENTO – Relevo em forma de domo.

ABORÍGENE – Nativo de qualquer região, antes do contacto com o europeu. Os indígenas brasileiros são povos aborígenes.

ABRASÃO – Desgate produzido por choque ou atrito. Pode ser fluvial, eólica, glacial, pluvial etc. – Técnica de fabrico de Artefatos Líticos (Ver) polidos, por atrito contra outras rochas duras, areia, ou outros materiais abrasivos.

ABRIGO – Ver Abrigo-sob-Rocha.

ABRIGO-DE-POÇO – Ver Casa Subterrânea.

ABRIGO FUNERÁRIO – Ver Abrigo-sob-Rocha.

ABRIGO-SOB-ROCHA – Designação tomada da geomorfologia para indicar sítios arqueológicos em lapas ou cavidades rochosas, onde a altura (ou

largura) da entrada é maior do que a profundidade. Também pode indicar paredões inclinados para a frente ou com a parte superior saliente, que podem proteger uma zona mais ou menos grande. É uma classificação morfológica, sem significação cultural. São frequentes as expressões: Abrigo pré-cerâmico; Abrigo funerário; Abrigo rupestre etc.

ABSTRATO – Diz-se de motivo, em Arte Rupestre ou decoração de cerâmica, que não guarda relação com o mundo real.

A.C. – Antes de Cristo. Forma de apresentação de Datação Absoluta (Ver) que toma por referência o ano 1 da Era Cristã. O mesmo que AD. ou Anno Domini. Complementa a escala d.C., Depois de Cristo.

ACAMAMENTO – Em geomorfologia, o mesmo que Estratificação (Ver). Em arqueologia, forma de deposição de um objeto em um sítio arqueológico (Ver).

ACAMPAMENTO – Sítio arqueológico com evidências de permanência temporária ou semitemporária. É uma classificação funcional. São frequentes expressões como Acampamento temporário (redundância); Acampamento semitemporário; Acampamento pré-cerâmico; Acampamento Tupi-guarani; Acampamento lítico; Acampamento de caça; Acampamento para colete de moluscos etc.

ACANALADO – Tipo de decoração cerâmica que consiste em marcar a superfície da cerâmica com dedos, formando sulcos alongados (Pronapa, 76).

ACOMPANHAMENTO FUNERÁRIO – Ver Mobiliário Funerário.

ACORDELADO – Técnica de confecção da cerâmica que consiste na superposição helicoidal de roletes de pasta de comprimento variável, partindo da base ou de uma porção de barro modelado para tal fim, até construir a parede do vaso. Mais de 90% da cerâmica pré-histórica brasileira (excluindo-se a Amazônia) foi confeccionada com essa técnica.

ACULTURAÇÃO – Adoção, por um grupo humano, de traço ou traços culturais de outro. Processo pelo qual a cultura se transmite de um grupo a outro. Pode ser unilateral (em um só sentido) ou bilateral (nos dois sentidos). Na aculturação unilateral aguda, diz-se que o grupo aculturado sofreu uma deculturação. Ver Difusão. AD. – Anno Domini. Ver A.C.

ADELGAÇAMENTO – Por definição, a massa da lasca não sofre mais transformações após a debitagem; somente os bordos podem ou não ser alterados por um trabalho secundário. Em certos casos, um ou vários lascamentos são efetuados em uma ou outra face, após a debitagem; esses lascamentos têm sempre a finalidade de adelgaçar uma parte do objeto (essa parte mais delgada é comumente destinada à preensão ou encabamento). Quando esse

adelgaçamento afeta a face interna, é obviamente posterior a debitagem e corresponde portanto a um trabalho secundário. Quando ele afeta a parte externa, é sempre difícil de se determinar se se trata de um trabalho de preparação (anterior a debitagem) ou de um trabalho secundário (posterior a debitagem) (Laming-Emperaire, 67).

ADORNO – Peça modelada, antropomorfo, zoomorfa, fitomorfa ou geométrica, aplicada antes da queima na face externa do vasilhame (Pronapa, 76).

ADORNO, OBJETO DE – Artefato lítico, cerâmico ou querato-ósteo-odonto-malocológico (Ver) que, supõe-se, foi utilizado como objeto de adorno. No Brasil, conhecem-se placas perfuradas, tembetás e "pérolas", em pedra, além de dentes perfurados, vértebras perfuradas e/ou com frisos circunferentes, lâminas de osso perfuradas, contas feitas com sementes etc. Nomenclatura funcional.

AFANÍTICA – Rocha com textura de granulação finíssima só discernível ao microscópio.

AFIADOR DE CANELURA – É uma pedra utilizada ao natural, portanto sem técnica de confecção, destinada à produção ou melhoramento de gumes em artefatos líticos, sobre osso ou madeira, para afiar pontos de projétil, ou produzir tembetás. A rocha preferida é o arenito. Ver Aguçador e Polidor.

AFLORAMENTO – Todo e qualquer exposição de rochas.

AFLUENTE – Rio que deságua em outro rio, lago ou lagoa. Quando vários afluentes juntam-se para formar um rio, recebem a designação de Formadores (Ver).

ÁGATA – Mineral formado, normalmente, em Geados (Ver), em forma de nódulos consistindo de anéis concêntricos de colcedônio alternados com camadas de outra qualidade. Variedade de colcedônio formado de zonas concêntricas de coloração variada. É um colcedônio multicolorido de brilho ceroso ou litoide.

ÁGRAFO – Diz-se de população ou grupo humano que não possui escrita.

AGRICULTURA – Plantio e cultivo de vegetais para deles extrair frutos, grãos, folhas, raízes e fibras. A agricultura distingue-se da Horticultura (Ver) por implicar em produção maior do que o consumo necessário ao grupo, possível de troca ou armazenamento. A agricultura geralmente foi praticada com o auxílio da tração animal e equipamentos próprios.

AGRICULTOR – Aquele que pratica a Agricultura (Ver).

ÁGUA DE CRISTALIZAÇÃO – Termo usado para a quantidade de água necessária para cristalização de substâncias.

AGULHA – Artefato de forma, aproximadamente, cônica, terminando em ponto. Artefato elaborado sobre espinhos de peixe, que são alisados e têm a

perfuração da Extremidade Proximal (Ver) particularmente aumentado. – Artefatos finos, alongados e alisados, com perfuração em uma dos extremidades (Rohr, 77). Discute-se, ainda, se teriam função utilitária ou se seriam Objetos de Adorno (Ver).

AGUÇADOR – Seixo ou bloco de rocha escolhido por suas qualidades físicas particulares e sobre o qual é esfregado o gume ou o ponto a ser aguçado (lâmina polida de machado, furador de osso etc.). As marcas nos ossos são visíveis como pequenas facetas planas. Ver Afiador e Polidor.

AIPIM – O mesmo que Mandioca (Ver).

ALAGADIÇO – O mesmo que Alagado. Zona sujeita a inundações periódicas, sazonais ou não.

ALBARDÃO – Sucessão de Cerras (Ver) e Lombados (Ver). Regionalismo gaúcho.

ALÇA – Apêndice vasado, destinado a suspender o vaso, podendo ser vertical ou horizontal (Mentz Ribeiro, 77).

ALCALINA, ROCHA – Rocha com menos de 45% de sílica.

ALDEAMENTO – Local onde foram reunidos diferentes grupos indígenas, por opção dos padres catequistas, após o contacto com o europeu. Ver Redução.

ALDEIA – Sítio arqueológico com evidências de várias habitações ou áreas de atividades, contemporâneas entre si, podendo apresentar estrutura bem definida. Ver Cabana e Fundo-de-Cabana. Classificação funcional. Na literatura arqueológica brasileira é frequentemente empregado como sinônimo de Aldeamento. Utilizam-se expressões como Aldeamento tupi-guarani; Aldeamento pré-cerâmico etc. Tal confusão deve ser evitada.

ALGODÃO – Fibra clara, macia e entrelaçada que reveste a semente do algodoeiro (*Gossypium sp*). O algodão do Novo Mundo difere do asiático (que tem 26 cromossomas grandes), por apresentar 13 cromossomas pequenos e 13 grandes, derivando de formas silvestres americanas, que somente possuem 13 cromossomas pequenos. Foi cultivado na vale do México e no Peru a partir de ± 3.200 AP. Existem duas hipóteses para explicar tal situação: 1) Contactos transpacíficos introduziram nas Américas o algodão silvestre asiático, com 13 cromossomas grandes; 2) Existiu nas Américas uma forma silvestre com 13 cromossomas grandes, que desapareceu. Relatos etnográficos registram que, quando do contacto com o europeu, numerosos indígenas do Nordeste do Brasil usavam túnicas tecidas em algodão.

ALGONQUIANO – O mesmo que Pré-Cambriano Superior. Ver Coluna Geológica.

ALETA(S) – Prolongamento lateral de um ou ambos os bordos de uma ponta de arremesso, espécie de asa que estabiliza o voo.

ALINHAMENTO-DE-PEDRA – Lajes ou blocos de pedras, dispostos intencionalmente (Pronapa, 76). – Fileiras simples ou múltiplas de blocos de pedras verticais, fincadas no solo. Ver Megalitos.

ALISADO – Processo de nivelação da superfície do vasilhame (Pronapa, 76). Em Arte Rupestre (Ver), técnica de elaboração de Petroglifo (Ver). O mesmo que Polido.

ALISAMENTO – Técnica largamente empregada na indústria sobre ossos, dentes, conchas e chifres. Destina-se a eliminar arestas, saliências e irregularidades da superfície dos artefatos para lhes dar maior eficiência ou aspecto (Rohr, 77). – Técnica de tratamento de superfície da cerâmica. Classifica-se como: Grosseiro; Mal Alisado; Alisado; Bem Alisado.

ALMOFARIZ – A mesma definição que Pilão (Ver). As dimensões são menores. Nomenclatura funcional.

ALTITUDE – Distância vertical entre qualquer ponto da superfície terrestre e o nível do mar. O mesmo que Cota Absoluta.

ALTO-RELEVO – Escultura feita sobre a Rocha Suporte (Ver), que dela sobressai em relevo ou saliência.

ALTURA – Distância vertical de um ponto a outro, geralmente, do topo à base. O mesmo que Cota Relativa (geomorfologia).

ALUVIÃO – Sedimentos inorgânicos arrastados e depositados pelos rios; sedimentos inorgânicos transportados e depositados pelas águas das chuvas.

AMAZONITA – Variedade de feldspato potássico (microclinal), cristalizado no sistema triclínico, de coloração verde, muito utilizada por populações pré-históricas da Bacia Amazônica na confecção de pequena estatuetas zoomorfas, os Muiraquitãs (Ver). Os primeiros pesquisadores julgaram tratar-se de jade, empregando esse argumento na defesa da hipótese de que os chineses haviam chegado à América antes dos portugueses. Ao contrário do jospe, o Amazonita, quando aquecido, perde a cor. Ocorre associado aos pegmatitos.

AMERÍNDIO – Designação genérica para os primeiros habitantes do continente americano. Sinônimo de Aborígene (Ver).

AMORFA, ROCHA – Uma com estrutura que implica distribuição molecular desordenada. Melhor dizer sem estrutura. Pode ser formada devido ao endurecimento de um coloide, ou de emulsão, ou de suspensão.

AMORFO – Diz-se do mineral no qual as moléculas agrupam-se de modo irregular, desordenadamente, como a opala, ágata etc., formado pelo endurecimento de um coloide.

AMULETO – Diz-se de qualquer objeto, eventualmente decorativo e transportável, que pode proteger, dar sorte, ou

causar desgraças. É muito difícil definir que um artefato é um amuleto, apenas a partir do registro arqueológico.

ANÁLISE DO ESQUELETO – Ver Antropologia Física.

ANÁLISE ESPECTROGRÁFICA – Uso de um espectrógrafo para determinar a composição química de determinado objeto, é de particular importância por utilizar amostras muito reduzidas. Em arqueologia aplica-se à identificação dos pigmentos das pinturas rupestres, ao estabelecimento das fontes de argila utilizadas na produção da cerâmica, à análise de restos biológicos etc.

ANÁLISE DE FLUORESCEINA – Ver Teste de Fluoresceina.

ANÁLISE DO FOSFATO – A putrefação de matéria orgânica animal deixa um resíduo grande de fosfatos. A análise química de solos, tumbas, urnas funerárias etc. pode indicar a existência de cadáveres desaparecidos.

ANÁLISE DE OBSIDIANA – Quando uma lasca de Obsidiana é retirada do Núcleo (Ver), inicia-se lenta alteração físico-química do sua Face Interna (Ver), à medida que a umidade vai sendo absorvida. Essa absorção varia em função da temperatura. Pode-se medir a espessura hidratada, e a utilizar os resultados para estabecer Cronologias Relativas (Ver).

ANÁLISE DO POLÉN – Ver Palinologia.

ANÁLISE DE VARVITOS – Em regiões com regime climático bem diferenciado, nas épocas de chuva ou degelo, formam-se depósitos espessos, ricos em seixos e matéria orgânica, no fundo dos lagos ou ambientes estuarinos calmos, geralmente escuros. Nas épocas secas ou frias, a vazão dos rios é menor, formando-se depósitos finos e mais claras. Cada porção de sedimentos corresponde, portanto, a um ano. Basta contá-los para se estabelecer uma cronologia. É um excelente método de Datação Relativa (Ver) que, em condições especiais e para períodos mais recentes, também pode ser usado para Datação Absoluta (Ver). Teoricamente, baseia-se nos mesmos princípios da Dendrocronologia (Ver).

ANDESITA – Rocha vítrea ou de cristalização fina, de origem vulcânica.

ANELADO – Técnica de confecção de cerâmica que consiste na superposição horizontal dos anéis de posta, partindo da base ou de uma porção de barro modelada para tal fim. No Brasil foi convencionado denominar tal técnica também como Acordelado (Pronapa, 76).

ANELAR – Tipo de Base (Ver) com um ressalto horizontal e circular para apoio do vasilhame.

ANGRA – Enseada ou baía com ampla entrada.

ÂNGULO DA FACE EXTERNA – O formado pela intersecção da plataforma (plano de percussão) com a face externa da lasca ou do núcleo.

ÂNGULO DO BULBO ou ÂNGULO DA FACE INTERNA – O formado pela intersecção da plataforma (plano de percussão) com a parte superior da face interna da lasca (Laming-Emperaire, 67).

ÂNGULO DO GOLPE ou ÂNGULO DE PERCUSSÃO – O formado pela intersecção da plataforma (plano de percussão) com o trajeto da força de percussão (Laming-Emperaire, 67).

ÂNGULO DO PLANO DE PERCUSSÃO DE UMA LASCA – É o ângulo que se forma entre esse plano de percussão e a face interna da lasca. Tem grande importância para o estudo das técnicas de debitagem. Pode-se denominá-lo ângulo de estilhamento para distingui-lo do ângulo "de chasse", que é aquele formado pelo plano de percussão com a face externa (Laming-Emperaire, 67).

ÂNGULO GASTO – É ainda mais aberto que o ângulo retocado, e frequentemente arredondado, corresponde ao estado de um gume utilizado (Laming-Emperaire, 67).

ÂNGULO INICIAL – É o que se forma no momento da debitagem. Pode ser medido mesmo quando houve trabalho secundário ou utilização intensa, prolongando-se as duas faces, em linha reta, até seu ponto de intersecção (Laming-Emperaire, 67).

ÂNGULO RETOCADO – Sempre mais aberto que o ângulo inicial, é o que se forma após os retoques de uma lasca (Laming-Emperaire, 67).

ANTIPLÁSTICO – Ver Tempero.

ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA – Ver Antropologia Física.

ANTROPOLOGIA FÍSICA – Estudos da morfologia do corpo humano ou seus componentes, como no caso do esqueleto, no que se refere aos aspectos da biologia, esqueleto relevante para a antropologia e a arqueologia. Distingue-se da anatomia clássica por aprofundar correlações morfofuncionais e por uma abordagem populacional e comparativa. Inclui campos como o da osteometria, da antropometria, da somatologia, entre outros.

ANTROPOMORFO – Exemplar de Arte Rupestre que representa a figura humana, no todo ou em parte.

ANTROPOZOICA – O mesmo que Quaternário. Ver Coluna Geológica.

ANZOL – Diferencia-se nitidamente das pontas de flecha e de arpão por ser sua função a de reter, mais do que a de perfurar. O anzol se caracteriza por uma parte

de fixação, segundo a qual ele é atado a um cabo ou linha, intermediário maleável, e uma parte ativa, composta de uma ou várias pontas, cuja função é de penetrar na carne do animal, sob o impulso de sua tração, e, desse modo, retê-lo. A ação de reter, entretanto, se acrescenta, na maioria dos casos, a de perfurar, sob o efeito de um movimento brusco na mão do pescador, que se propaga por meio da linha. Essa dupla série de ações possibilita uma dupla classificação do anzol: entre os utensílios e armas que agem por pressão e os que agem por percussão. Na América do Sul se conhece, além dos anzóis de matéria vegetal (espinhos etc.), anzóis de conchas, de osso e de pedra. Os anzóis de pedra que conhecemos são lascados bifacialmente e acuradamente trabalhados (Laming-Emperaire, 67; Rohr, 77). Nomenclatura funcional.

ANTROPOLOGIA – Em sentido amplo, o estudo do Homem.

ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA – Ramo da Antropologia que estuda as características físicas, somáticas e genéticas do Homem. Ver Paleodemografia e Paleogenética.

ANTROPOLOGIA CRIMINAL – Ramo da Antropologia criado por Cesare Lombroso (1836-1909), o qual propunha que o criminoso seria alguém entre o louco e o homem primitivo. Buscava estabelecer correlações entre aspectos físicos e tendências criminosas. Estudos modernos levaram ao total abandono de tais ideias.

ANTROPOLOGIA CULTURAL – O estudo do Homem e suas obras. Estudo do desenvolvimento do Homem, incluindo aspectos sociais, linguísticos, tecnológicos e familiares. Na Inglaterra é chamada de Antropologia Sociocultural.

ANTROPOLOGIA FÍSICA – Ver Antropologia Biológica.

ANTROPOLOGIA SOCIOCULTURAL – Ver Antropologia Cultural.

ANTROPOLOGIA SOMÁTICA – Ver Antropologia Biológica.

ANTROPOMETRIA – Ramo da Antropologia Biológica (Ver) dedicado a estabelecer medidas dos seres humanos, tanto nos vivos como sobre esqueletos. Inclui medidas de peso, estatura, proporções do corpo, medidas do crânio, dos ossos longos, tipologia de cabelos, cor da pele e dos olhos etc. Já foi de grande importância na definição da tipologia humana, mas vem perdendo importância para a serologia e a genética. Ver Paleogenética.

ANTROPÔMETRO – Equipamento usado em Antropologia Biológica (Ver) para determinar estatura, peso, diâmetros transversais e outras medidas do corpo humano.

ANTROPOMORFO – Diz-se do motivo ou objeto que tem forma humana.

ANTROPOFAGIA – Ver Canibalismo.

ANTROPOSCOPIA – Análise visual e registro de traços biológicos que não podem ser determinados precisamente, como, p. ex., a cor dos olhos.

ANTÍGENO(S) – Substâncias do sangue humano que permitem diferir uma pessoa da outra. Aos quatro grupos clássicos do sistema ABO (sangues tipo A; B; O; AB), outros antígenos (Rh, MN) foram descobertos. Ver Paleosserologia.

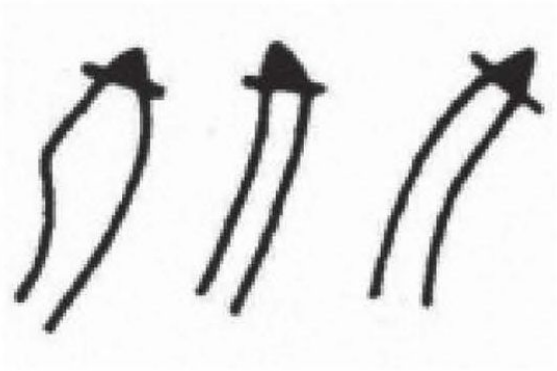
AP – Antes do Presente. Forma de apresentação de resultado de Datação Absoluta (Ver). Por convenção, a data presente é o ano de 1950 de nossa era, o qual deve ser tomado como base para conversões para o sistema a.C./d.C. Ver Radiocarbono.

APICUM – Terreno seco em zona costeira inundável, espécie de "ilha temporária".

APITO – Artefato preparado de falange do pé de mamífero e de osso de ave, servia para chamadas e sinalizações (Rohr, 77). Também se conhecem apitos feitos com carapaças de gastrópodes e em cerâmica.

APLICADO – Tipo de decoração em que se fixa uma ou várias tiras ou bolas de pasta, na superfície cerâmica, com efeitos de variadas formas e desenhos (Mentz Ribeiro, 1977). – Tipo de decoração que consiste em fixar uma ou várias tiras ou bolas de pasta, na superfície da cerâmica, com efeito de variadas formas e desenhos (Pronapa, 76).

APONTADO – Tipo de Lábio (ver) cuja seção transveral é aproximadamente ogival.



APROVEITAMENTO – Técnica de utilização da matéria-prima com pouca ou nenhuma modificação da forma original deixada pela natureza.

ARCAICO – Termo de uso genérico em arqueologia para indicar o que é antigo ou primitivo. No modelo de Krieger (64) indica o Estágio Cultural (Ver) entre o Paleoíndio (Ver) e o Formativo (Ver), momento em que ocorrem as primeiras adaptações litorâneas (Ver Sambaqui), e se inciam os primeiros cultivos e a produção de cerâmica.

ARCO – Artefato constituído por haste de madeira vergada e corda de fibra, que substituiu o Propulsor (Ver) para o arremesso de Flechas (Ver).

ÁREA CERÂMICA – Espaço geográfico com características cerâmicas próprias (Pronapa, 76).

ÁREA CULTURAL – Área onde os dados arqueológicos, etnográficos e históricos são coincidentes (Pronapa, 76).

ÁREA DE OCUPAÇÃO – Espaço geográfico ocupado por uma cultura (Pronapa, 76).

AREIA – Tipo de rocha muito empregado como Tempero (Ver) de cerâmica arqueológica. Quando na análise de tempero, classifica-se como Muito Fina; Fina; Média; Grossa; e Muito Grossa. A areia consiste de grãos de Quartzo (Ver) resultantes da desagregação ou decomposição de rochas ricas em sílica, rolados e intemperizados, misturados com grãos de hematita, feldspato, mica e outras impurezas.

ARESTA – A crista deixada pela intersecção das facetas ou planos das diversas cicatrizes, na face externa da lasca ou do núcleo.

ARGILA – Rocha constituída por silicatos hidratados de alumínio. Quando pura, tem cor branca (caulins) mas frequentemente contém impurezas, como o ferro, o que a torna colorida. Não é uma unidade química, mas uma rocha coloidal, com grãos menores que 0,002 mm. Distingue-se a argila magra ou de encosta, produzida pelo intemperismo e hidratação dos feldspatos das rochas eruptivas e metamórficas, com grãos maiores e angulosos, da argila gorda, plástica ou de várzea, resultante do rolamento e transporte da anterior, com grãos menores e mais arredondados. A argila gorda é a matéria-prima essencial na produção da Cerâmica (Ver).

ARGILITO – Rocha compacta formada pela compressão de argilas. Pode ser lascada, embora tenda a se fraturar pelas linhas de clivagem folheadas das camadas de argilas; especialmente lascável se tiver sido permeada pela sílica (Argilito Silicificado).

ARMA – Instrumento ofensivo ou defensivo para qualquer meio de agressão ou defesa. Em tipologia lítica, objeto de pedra, encabado ou não, servindo tanto à defesa como ao ataque, provocando a morte ou a captura de uma presa animal ou humana. – Designação genérica de instrumento ofensivo ou defensivo, de pedra, de osso ou metal, encabado ou não, simples ou composto, podendo atuar por pressão, percussão ou percussão lançada. Tanto uma faca de pedra quanto um engenho nuclear são armas. O que caracteriza uma arma, portanto, é seu emprego na defesa ou ataque. O termo é pouco preciso, não sendo recomendável seu uso em tipologias arqueológicas, salvo para indicar grandes classes genéricas. Nomenclatura funcional.

ARMADURA – Em tecnologia dá-se esse nome a um conjunto de peças destinadas a consolidar ou a reforçar uma ferramenta ou máquina. Na terminologia pré-histórica, uma armadura de pedra é tanto uma lasca pontuda quanto uma pequena ponta bifacial, fixadas a uma haste. O conjunto constituiria, por exemplo, uma flecha, uma zagaia, um arpão, uma lança; Pe-

quenas lascas irregulares inseridas em série, ao longo de hastes de madeira, podem ter constituído armas poderosas cujos tipos são difíceis de serem reconstituídas a partir somente dessas armaduras. As pontas de flecha e as de arpões são armaduras de flechas ou de arpões (Laming-Emperaire, 67).

ARMADURA OU CABEÇA DE ARPÃO – A cabeça ou armadura de pedra ou de osso. A de um arpão apresenta no mínimo uma saliência lateral, destinada a se enganchar na carne da presa. A maior parte das armaduras de arpões pré-históricos que chegaram até nós são de osso, material que é mais resistente que a pedra, quebrando-se menos facilmente.

ARQUEOLOGIA – Do grego *archaios* = antigo, e *logos* = estudo, significa etmologicamente o estudo do que é antigo. Ciência que estuda os restos materiais deixados sobre o solo. A arqueologia busca reconstituir o passado humano a partir dos seus traços materiais, artefatos, estruturas, construções, obras de arte, alterações do meio ambiente, comércio, dados somáticos e biológicos. Embora mais empregada aos tempos pré-históricos, quando registros escritos não estavam disponíveis, a arqueologia estuda também o período histórico.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA – Ramo da Arqueologia (Ver) que busca a reconstrução dos modos de vida à época dos acontecimentos narrados na Bíblia.

ARQUEOLOGIA DE CAMPO – Conjunto de métodos, técnicas e estratégias adotados pelos arqueólogos no seu trabalho sobre o sítio arqueológico. Ver Escavação Arqueológica.

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA – Ramo da Arqueologia (Ver) que estuda a área do Mar Mediterrâneo, particularmente as civilizações grega e romana, mas também as do Oriente Próximo, notadamente o antigo Egito.

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA – Aplicação dos métodos, teorias e técnicas da Arqueologia aos sítios ou locais do período histórico. Compreende várias subespecialidades, como arqueologia colonial, arqueologia missioneira, arqueologia industrial, arqueologia urbana etc.

ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA – Ramo da Arqueologia (Ver) que estuda a Pré-História (Ver).

ARQUEOLOGIA PROTO-HISTÓRICA – Ramo da Arqueologia (Ver) que estuda as culturas ágrafas contemporâneas ao surgimento da escrita e da história.

ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA – Campo da Arqueologia (Ver) voltado para a recuperação dos testemunhos, navios naufragados, cidades submersas, materiais lançados intencionalmente (pré-históricos ou históricos) que permanecem sob a água. É praticada tanto em mares e oceanos como em rios e lagos, e até em grutas inundadas.

ARQUEOMAGNETISMO – As rochas magmáticas ricas em ferro, ao se solidificarem, adquirem a orientação magnética da Terra, vigente naquele momento. Em qualquer época, se aquecidas novamente, perderão essa orientação magnética, e ao se resfriarem, passarão a ter a nova orientação. Como as argilas são ricas em óxidos de ferro, pontos do solo que tenham sido aquecidos (fornos, fogões, fogueiras), é possível determinar o ângulo delimitado pelo Norte magnético e o geográfico, a inclinação entre a direção do campo e o plano horizontal, e sua intensidade. Com tais dados, é possível determinar, por recurso a tabelas especiais, a época em que pela última vez o material foi aquecido, constituindo-se num método de Datação Absoluta (Ver).

ARPÃO – Tipo de ponta sobre osso, com farpas laterais, destinada à pesca. Rohr (77) reconhece os seguintes tipos: Unilateral monofarpado; Unilateral bifarpado; Unilateral polifarpado; Bilateral monofarpado; e Bilateral polifarpado.

ARREDONDADA(O) – Tipo mais comum de Base (Ver) de vasilhames cerâmicos. Apresenta seção transversal semicircular. O termo também é utilizado para designar o tipo de Lábio (Ver) Redondo (Ver).

ARREMESSO, ESPATIFAMENTO POR – Técnica de espatifamento de rochas por meio do simples expediente de arremessar um bloco grande (ativo) contra outro (passivo, bigorna) estacionário, colocado previamente no chão; a bigorna pode ser outro bloco da mesma matéria-prima e também pode-se espatifar.

ARTE ESTACIONÁRIA – Exemplar de Arte Rupestre (Ver) hipoteticamente não transportável, como as grutas ou abrigos pintados.

ARTE MOBILIAR – Tipo de arte rupestre executada sobre pequenos blocos transportáveis. No Brasil destacam-se os Zoólitos (Ver) e os seixos pintados e gravados do Rio Grande do Sul.

ARTE PARIETAL – Termo genérico para se referir a todo tipo de Arte Rupestre (Ver) executada sobre uma Rocha Suporte (Ver). O mesmo que Sinalação ou Sinalização Rupestre.

ARTE PRÉ-HISTÓRICA – Termo que se aplica a todas as manifestações estéticas pré-históricas, englobando a Arte Parietal (Ver) e a Arte Mobiliar (Ver).

ARTE RUPESTRE – Toda e qualquer manifestação plástica pré-histórica que tenha por suporte a pedra. Geralmente classificam-se em Grafitos, Pinturas Rupestres, Petroglifos, Geoglifos e Arte Mobiliar.

ARTEFATO – Todo e qualquer objeto produzido pelo Homem, incluindo Ferramentas (Ver), Utensílios (Ver), Objetos de Adorno (Ver) etc.

ARTEFATO CERÂMICO – Qualquer Artefato (Ver) produzido com argila queimada. Ver Cerâmica.

ARTEFATO LÍTICO – Qualquer Artefato (Ver) que tem a pedra como matéria-prima. Ver Indústria Lítica.

ARTEFATO QUERATO-ÓSTEO-ODONTO-MALACOLÓGICO – Qualquer Artefato (Ver) elaborado sobre chifre ou casco (querato), osso (ósteo), dente ou marfim (odonto) ou concha (malacológico).

ARTE FACTUAL – Em Arte Rupestre (Ver), diz-se das representações de objetos (máscaras, machados, cabanas etc.).

ASA – Apêndice compacto para suspender o vaso, podendo ser vertical ou horizontal, mas usualmente colocado lateralmente, podendo ser único ou duplo (em lados opostos). – Apêndice compacto destinado à suspensão do recipiente (Pronapa, 76).

ASPERSÃO – Técnica de produção de Pintura Rupestre (Ver) em que o artista sopra o pigmento líquido sobre a superfície da rocha, gerando manchas pouco definidas. Muito frequentemente o artista interpõe objetos (mãos, pés etc.) gerando uma cópia em negativo do motivo, o que é designado, por alguns autores, como Impressão Negativa ou em Negativo.

ASSADOR – Peça plana ou com borda levemente elevada, destinada à confecção de beiju e outros alimentos (Pronapa, 76).

ASSIMILAÇÃO – Aculturação bilateral (Ver) entre grupos que compartilham o mesmo território, a tal ponto que, embora tenham histórias culturais heterogêneas, acabam por constituir uma unidade cultural homogênea.

ASSOCIAÇÃO – Grupo de objetos que se encontram agrupados em um conjunto fechado. Quando uma associação se repete com frequência e cobre uma extensão variável das atividades humanas (vários tipos de evidências), é descrita como uma Cultura (Ver), porém, quando se repete com um conteúdo limitado (p. ex.: artefatos líticos), se denomina Indústria (Ver) (Bray & Trump, 70).

ASTRONÔMICO – Em Arte Rupestre (Ver), motivos que representam corpos e fenômenos celestes.

ATERRO – Elevação artificial do solo. Classificação morfológica. – Elevação artificial em zonas inundáveis. No Rio Grande do Sul recebeu o nome de Cerrito (Mentz-Ribeiro, 77).

ARTESÃO – Pessoa que exerce uma arte ou ofício manual, aquele que produz artefatos.

ARTÍFICE – Embora utilizado como sinônimo de Artesão (Ver), o termo é mais amplo, por incluir aqueles que têm ideias, prepõem planos, sem necessariamente executá-los ou os pôr em prática.

ATLÂNTICO, PERÍODO – Período climático mais quente e úmido que o atual, situado entre ± 5.500 e 2.500 anos AP. Ver Ótimo Climático, Holoceno e Transgressão Pós-Glacial.

ATLÂNTIDA – Continente hipotético, que teria existido no oceano Atlântico, onde surgiu a civilização. Não existem dados para corroborar tal proposta.

AZOICA – Estágio inicial da Terra. Ver Coluna Geológica.

B

BACIA – Área extensa e deprimida para onde correm os rios que drenam as áreas adjacentes. Área deprimida de forma circular ou elíptica, onde as camadas sedimentares apresentam mergulhos essencialmente centríptos (Suguio, 92). Termo usado eventualmente em arqueologia para indicar Panelas (Ver) rasas.

BAÍA – Trecho côncavo do litoral lacustre ou marinho delimitado entre dois cabos ou promontórios; menor do que um golfo e maior que uma enseada (Suguio, 92).

BAIXADA – Plano extenso, frequentemente situado na área litorânea pouco acima do nível das marés (Suguio, 92). Os sítios arqueológicos de pescadores recoletores são muito frequentes nessas áreas, como, por exemplo, as baixadas fluminense ou santista.

BAIXO-RELEVO – Escultura em que os motivos sobrelevam muito pouco o plano que lhes serve de fundo, não atingindo 2/3 da altura original da rocha.

BALDE – Confeccionado de vértebra de baleia. Eliminadas todas as epífeses, o corpo da grande vértebra foi escavado com Goiva (Ver) e munido.

ABRIGO-SOB-ROCHA – Designação tomada da geomorfologia para indicar sítios arqueológicos em lapas ou cavidades rochosas, onde a altura (ou largura) de dois orifícios opostos nos bordos, para fins de suspensão (Rohr, 77).

BANDO – Grupos humanos integrados por, em média, até cem pessoas que compartilham território comum. Como regra, são caçadores-recoletores, exogâmicos (casamento fora do grupo) e nômades. Não têm líderes formais, e não existem diferenças de posição econômica ou política. A integração é por obrigações ou ajuda mútua e parentesco. Os recursos são propriedade comum. Não existe especialização. O comércio é raro e, quando existe, não é intenso nem extenso. Única diferença social: idade e sexo. Distingue-se os microbandos, com cerca de 50 integrantes, e os macrobandos, com até 150 pessoas. A zona ocupada por um bando corresponde, quase sempre, a uma área aproximadamente circular, cujo raio é a distância que uma pessoa pode percorrer durante um dia e retornar ao acampamento à noite.

BANHO – Tipo de tratamento que consiste na aplicação, antes da queima, de uma camada superficial de pigmentos minerais, mais delgada que o engobo, na superfície do vasilhame (Pronapa, 76).

BARRA – Bancos ou montículos de areias, cascalhos ou outros sedimentos inconsolidados, total ou parcialmente submersos, acumulados por ação de correntes e/ou ondas em cursos fluviais ou entradas de estuários (Suguio, 92).

BARREIRA – Uma praia arenosa ou esporão que se estende paralelamente ao litoral e acha-se separada do continente por um corpo aquoso relativamente estreito. Via de regra, permanece acima do nível de maré mais alta (Suguio, 92).

BARREIRAS, FORMAÇÃO – Nome atribuído a uma unidade litoestratigráfica de sedimentação em ambiente continental, composta de argilas variegadas e lentes arenosas localmente conglomeráticas, que se distribui desde o vale amazônico e através das costa norte, nordeste e leste do Brasil. Formações de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul parecem ser correlacionáveis à Formação Barreiras (Suguio, 92).

BASAL – Ver Flange.

BASALTO – Rocha escura extrusiva (vulcânica) de textura variável; pode ser lascada, embora as lascas, normalmente, só sirvam para serviços pesados ou grosseiros.

BASE – Parte inferior, de sustentação do vaso, podendo ser arredondada, côncava, cônica, plana etc. – Parte inferior, de sustentação do vasilhame (Pronapa, 76). Quanto à forma, a base pode ser: 1. Plana; 2. Côncava; 3. Pla-

no-côncava; 4. Convexa; 5. Em pedestal; 6. Anelar; 7. Cônica; 8. Trípoda; 9. Tetrápoda; 10. Polípoda.

BASTONETE – Certas rochas, como a obsidiana, têm forma natural de bastonetes. Podem constituir a matéria-prima de certos utensílios. Esse caso é, porém, raro. Em Pintura Rupestre (Ver), forma em que o pigmento é preparado e utilizado em estado sólido.

BEM CULTURAL – Todo e qualquer artefato, utensílio, monumento natural ou feito pelo homem, que caracterize, de modo notável, uma cultura, etnia ou nação, aceito pela maior parte dos seus integrantes.

BICO – Forma afunilada de boca, de posição central ou não (Pronapa, 76).

BIFACE – Ferramenta de bloco, teoricamente trabalhada na totalidade de suas duas faces de modo a determinar um gume em bisei duplo, contínuo e periférico. A forma é geralmente oval ou em amêndoa. Como para os *choppers* e *chopping-tools*, o uso dos bifaces é incerto, e talvez, sob esse nome genérico, se confundam utensílios diferentes. Antes de qualquer análise tipológica fina, pode-se distinguir alguns tipos de biface, por exemplo, com gume periférico de bisei duplo ou simples etc. Algumas formas finas foram certamente utilizadas como facas; fala-se, no caso, de facas bifaciais (Laming-Emperaire, 67).

BIFACIAL – Qualquer artefato trabalhado em ambas as Faces (Ver).

BIGORNA – Pedra cuja parte útil é constituída por uma face mais ou menos plana, onde é apoiado o material destinado a ser batido, quebrado, por meio de um percurtor (seixo utilizado, martelo etc.). Trata-se, geralmente, de um bloco de forma natural, não trabalhado, sendo que o uso é detectado pelas marcas de golpes impressas na sua face plana. Uma bigorna dormente é constituída pela superfície de uma rocha utilizada *in situ*. – Bloco estacionário de matéria variável, servindo de suporte para o núcleo ou, de percutor estacionário, no qual bate-se o núcleo a ser lascado. – Diz-se de vértebras de baleia que servem de suporte para trabalhos que implicam em percussão (Rohr, 67).

BICO – Ver Lesma.

BIOARQUEOLOGIA – O termo tem sido empregado para os estudos que, partindo de dados biológicos, principalmente referentes à biologia esqueleto de populações passadas, procuram reconstituir aspectos socioculturais da vida dos grupos de indivíduos,

de interesse para a arqueologia e a pré-história. A abordagem da bioarqueologia tende a considerar a multiplicidades dos fatores que tomam parte integrante do complexo sistema biologia-cultura, evitando proposições deterministas e reducionistas.

BIOCENOSE – Unidade natural das plantas (Fitocenose) e dos animais (Zoocenose). Associação de organismos que vivem juntos em dependência mútua. Em estratigrafia corresponde a uma associação de organismos que viveram no mesmo local em que foram soterrados e fossilizados (Suguio, 92). Ver Tanatocenose.

BIOCULTURAL – Termo empregado para as abordagens que discutem aspectos da cultura e comportamento humano a partir de dados biológicos, tais como a existência de doenças ou condições nutricionais, a distribuição de padrões genéticos, o comportamento de indicadores paleodemográficos e outros.

BIOGÊNICO – Termo relacionado a um depósito resultante da atividade fisiológica de organismos (Suguio, 92).

BIOMA – Comunidade principal de plantas e animais associada a uma zona de vida ou região com condições ambientais, principalmente climáticas, estáveis (Suguio, 92).

BIOMORFO – Em Arte Rupestre (Ver) ou na decoração da cerâmica, diz-se dos motivos que representam seres vivos.

BIOTA – Termo coletivo para as vidas animal e vegetal de uma região. Exemplo: Biota Amazônica (Suguio, 92).

BISELADO – Tipo de Lábio (Ver) de recipiente cerâmico, com seção transversal em forma de V invertido.

BLOCO – Por convenção, chama-se bloco uma massa destacada da rocha mãe, que não corresponde a nenhuma das definições para seixo, plaqueta e bastonete, e que não apresenta nem o plano de fratura nem a face interna de uma lasca. O bloco pode apresentar córtex em uma das faces, correspondendo àquela que estava exposta ao ar. Nesse caso, o córtex apresenta curvas, sempre menos acentuadas do que as do seixo. Quando uma pedra lascada não apresenta mais nenhum traço de córtex não é possível determinar se ela provém de um bloco, de um seixo ou de um bastonete (Laming-Emperaire, 67). – Fragmento desagregado da rocha mãe, tendo forma angulosa e irregular, de qualquer tamanho susceptível a ser lascado pelo homem, embora ainda não lascado.

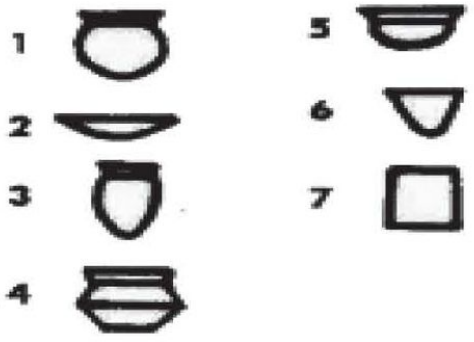
BLOCO-SOBRE-BLOCO, ESPATIFAMENTO POR – Técnica de espatifamento pelo qual bate-se com força um bloco segurado na mão contra outro estacionário (bigorna). O bloco segurado na mão é o núcleo, do qual espera-se tirar lascas ou fragmentos (Laming-Emperaire, 67). Também conhecido como Lascamento (Ver) por contragolpe.

BLOCO TESTEMUNHO – Ver Testemunho.

BOCA – Abertura do vaso ou do vasilhame. Quanto à forma, a boca pode ser: 1. Circular; 2. Elíptica; 3. Quadrangular; 4. Retangular; 5. Irregular.

BOCA DE BAÍA – O mesmo que entrada (ou saída) de uma baía.

BOJO – Parte, geralmente a ser de maior diâmetro, entre a base e o pescoço do vaso. Pode ser: 1) Esférico e/ou Globular; 2) Meia Calota; 3) Ovoide; 4) Carenado; 5) Meia Esfera; 6) Cônico; 7) Cilíndrico; e 8) Complexo etc. (Ver).



BOLA – Bola de pedra picoteada ou polida de forma tipicamente esférica, mas podendo apresentar variantes (ovoides etc.), que apresenta ou não um sulco equatorial. As bolas são utilizadas como arma de arremesso para a caça aos cervídeos, guanacos etc. As bolas utilizadas nos tempos históricos para capturar os animais domésticos não deviam tocar as pernas dos animais, pois as quebrariam. Não constituem, pois, uma arma por si mesmas, mas um objeto que servia para lastrear e um elemento constituinte da boleadeira (conjunto de bolas e couros). Eis o motivo de sua classificação como objeto que serve para lastrar. As bolas pré-históricas eram certamente utilizadas como armas (Mentz-Ribeiro, 77). Dependendo do contexto, podem ser confundidas com Pesos de Rede (Ver) de pesca. Ver Boleadeira. Nomenclatura morfológica.

BOLA DE FUNDA – São pequenos esteroides naturais ou feitos de argila seca, utilizados para armar as fundas; Massa destinada à percussão a distância. Para receber essa designação, o objeto deve ocorrer em contexto compatível com o uso.

BOLEADEIRA – Geralmente elaborada por polimento, eram conseguidas pela fricção em outra pedra, em geral de arenito, colocando água. A pedra que servia para esfregar tem, em geral, uma depressão, parecendo uma saboneteira ou bacia. Muitas vezes, antes de polir, picoteavam-na, o que tornava mais fácil o trabalho. A rocha utilizada com maior frequência é o basalto e rochas ricas em óxido de ferro, isso para a encosta da Serra Geral no Rio Gran-

de do Sul. Existem mais de uma dezena de tipos de bolas de boleadeiras: sem sulco, com um sulco circundante, estas as mais comuns e que apresentram muitos tipos: esféricas, ovoides, elipsoides, com duplo cone etc., e com dois sulcos. Os sulcos serviam para melhor preensão da peça nas tiras de couro. Utilizada especialmente por grupos de caçadores de campo a fim de prender o animal pelas pernas, em um arremesso a distância. Outros grupos pré-históricos a utilizaram, como os índios do Planalto e os Tupi-guarani. O gaúcho, da área do Pompa, ainda as emprega. A boleadeira pertence, caracteristicamente, a grupos de caçadores especializados. Acompanham a boleadeira, pontas-de-projétil, facas, raspadores, bifaces, furadores, núcleos, lascas, todos de pedra lascada ou resultante, batedores, polidores, pedras com depressão semiesférica polida ou quebra-coquinhos etc. Mais tarde, com a evolução, surge a boleadeira mamilar (Mentz-Ribeiro, 77).

BOLEADEIRA MAMILAR – Também conhecida como rompe-cabeças ou bola eriçada. De formas mais variadas, caracteriza-se por mamilos ou pontas; apresenta o sulco circundante como a boladeira. Utilizada para ferir, poderia ter sido sob a forma de arremesso ou por percurssão, presa a uma tira de couro ou fibras vegetais. Não possuímos datação para a boladeira mamilar, mas pelas características técnicas comparáveis à boleadeira, deve ser muito mais recente, talvez pouco antes da conquista (Mentz-Ribeiro, 77). Nomenclatura funcional-morfológica.

BONECA – Nódulos formados pela precipitação em volta de uma "semente" ou núcleo (frequentemente de origem orgânica), de mineral como sílica, em depósitos sedimentares. Tem forma nodular ou arredondada, e caracteriza-se pela distinção da rocha encaixante.

BORDA – Extremidade superior do vaso. – Parte terminal da parede, junto à boca. Quanto à forma, a borda pode ser: 1. Direta; 2. Expandida; 3. Introvertida; 4. Reforçada internamente; 5. Dobrada; 6. Ref. ou descontinuidades), essa linha se divide em duas: do lado da face externa ela forma o bordo externo do plano de percursão; do lado da face interna, o bordo interno do plano de percursão. Pode-se considerar os bordos de uma lasca seja quanto à sua disposição, seja quanto à sua utilização. Um bordo longitudinal é aquele que é paralelo ao eixo longitudinal da lasca. Por convenção, ele é chamado direito ou esquerdo, segundo sua representação à direita ou à esquerda, no croquis. Um bordo transversal é aquele que é perpendicular ao eixo longitudinal da lasca. Por convenção, ele é chamado superior ou inferior segundo sua representação acima ou abaixo, no croquis. O bordo ativo e de preensão pode ser interrompido por superfícies de tamanho variável, aproximadamente perpendiculares ao plano principal e que não foram retiradas pelo trabalho secundário. Tais superfícies são chamadas descontinuidades. O bordo de uma lasca será definido por:

- sua morfologia, comprimento em valor absoluto, curvatura no plano

principal, curvatura no plano perpendicular ao plano principal (retilíneo, convexo, côncavo, irregular, sinuoso etc.), ângulo formado pela interseção das duas faces, aspecto desse ângulo (vivo, atenuado, arredondado etc.);

• seu trabalho secundário, isto é, os retoques ou o desbeiçamento que o afetaram numa ou noutra face, com o novo ângulo que se formou;

• seu uso. Deve-se distinguir os bordos ativos dos de preensão, e depois, para cada um deles, realizar o estudo das marcas deixadas pelo uso (esmagamento, esfregamento, estrias, colorações diferentes, serrilhado; locais gastos pelo uso, assim como traços de matérias orgânicas como, por exemplo, resina). Esse estudo só pode ser feito à lupa binocular. A diferença entre ângulo inicial e o ângulo gasto dá uma espécie de índice de uso da lasca; entre o inicial e o retocado, um índice de retoque (Laming-Emperaire, 67).

BORDO ATIVO – Corresponde à parte ativa (gume, ponta etc.) da lasca, utilizada ou não. Quando esse bordo apresenta um trabalho, esse visou, geralmente, um aguçamento no gume (Laming-Emperaire, 67). Ver Extremidade Distal.

BORDO DE PREENSÃO – Bordo de preensão ou de encabamento corresponde ao bordo pela qual a peça era manuseada ou eventualmente encabada. Diferencia-se do bordo ativo por ser menos regular e por apresentar um ângulo mais aberto. Quando nele se apresenta um trabalho secundário, este consiste, geralmente, no desbeiçamento das arestas (Laming-Emperaire, 67). Ver Extremidade Proximal.

BORDO EXTERNO – É aquele que, antes da debitagem, constituía o bordo do plano de percussão do núcleo. O bordo externo muito comumente é marcado por uma série de pequenos golpes ou esmagamentos, efetuados durante a preparação da lasca para a sua debitagem.

BORDO INTERNO – É aquele que, antes da debitagem, se encontrava no interior do núcleo. Algumas vezes nota-se, no bordo interno, uma ligeira saliência da pedra. Essa saliência pode ser chamada cornija ou corniche. É útil anotar sua presença.

BOREAL – Período climático do Holoceno (Ver), seco e de temperatura baixa. No Pré-Boreal (± 9.800 – ± 8.800 AP), o clima vai de frio a morno, mas úmido. No Sub-boreal (± 4. 900 – ± 2.700 AP), é menos frio e seco. Brezillón (69) data o Boreal entre 6.800 e 5.500 AP. Suguio (92) o situa entre 9.700 e 7.750 AP. Ver Atlântico.

BOTÃO – Pequeno artefato de pedra, osso ou madeira, geralmente circular e com uma a quatro perfurações centrais, destinado a fechar vestimentas ou servir de enfeite. São comuns nos sítios coloniais brasileiros.

BOTOQUE – Disco de madeira, de diâmetro variável, usado como adorno, introduzido em perfurações nos lábios ou orelhas, podendo apresentar extensões para a parte externa.

B.P. – *Before Present*. O mesmo que AP. (Ver).

BRAÇO DE MAR – Canal largo de mar que penetra terra adentro.

BRAÇO DE MARÉ – Canal estreito e relativamente curto que liga uma baía ou laguna com corpos aquosos mais extensos (mar ou oceano). Canal que se estende por considerável distância terra adentro, sendo mantido pelo fluxo de marés, enchentes e vazantes (Suguio, 92).

BRAQUICEFALIZAÇÃO – Processo em que uma população humana torna-se, progressivamente, mais braquicéfalo, o qual é associado a um aumento do cérebro sem incremento da estatura.

BRAQUICRÂNIO – Indivíduo com Índice Craniano (Ver) entre 80 e 84,9.

BRECHA – Rocha composta por fragmentos de outras rochas mais antigas consolidados por um cimento natural. Em arqueologia, o termo é usado para indicar camadas estratigráficas consolidadas.

BRILHO – Chama-se brilho de uma pedra o lustro que ela adquiriu pela ação do vento, da água ou pelo uso ou manejo prolongado. O brilho pode afetar toda a peça ou somente uma parte mais exposta ou mais utilizada do que as outras. O exemplo mais clássico de brilho observado em um objeto de pedra é o das foices, que serviram para cortar os cereais. A expressão pode ser empregada sob a forma de um substantivo (brilho) ou como adjetivo (brilhante). É necessário não confundir o brilho aqui definido que é involuntário, enquanto o lustro de uma peça polida, resultado de uma ação voluntária, que visa torná-la mais polida, mais brilhante, executada durante a última etapa de sua fabricação. – Modificação natural da superfície da rocha que resulta numa qualidade mais lustrosa sem, no entanto, modificar a cor. Ver Verniz.

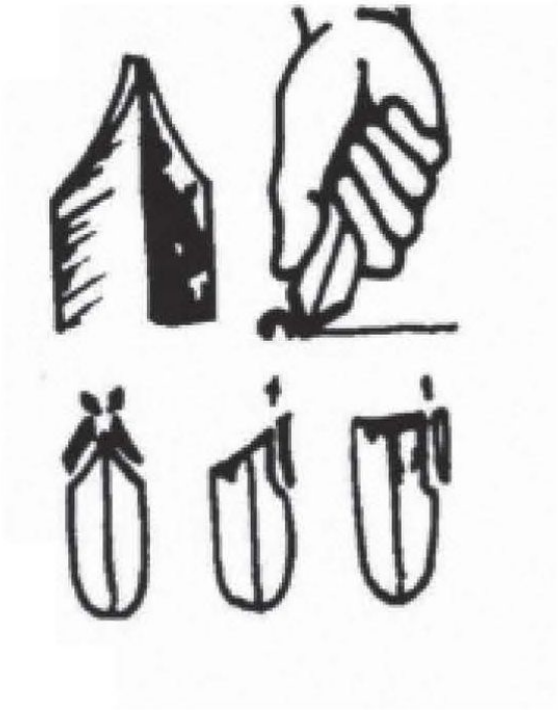
BULBO – Também chamado bulbo de percussão. É uma excrescência de forma conchoidal na face interna de um lascamento, cujo centro é marcado pelo ponto de impacto ou de percussão. Sua presença, ausência, seu tamanho, devem ser sempre anotados.

BULBO CÍNICO – Tipo de Bulbo (Ver) que se alonga em direção à extremidade da lasca.

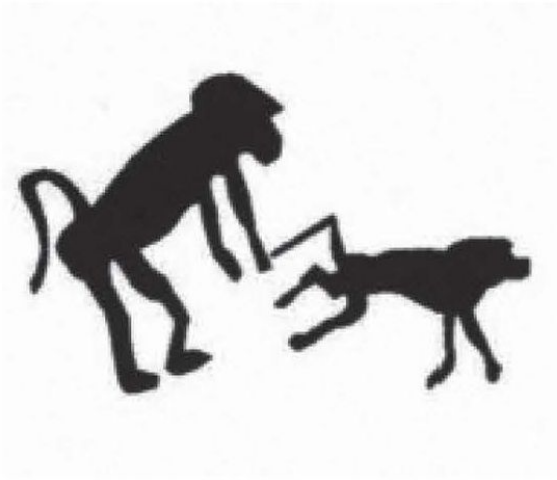
BURACO-DE-ESTACA – Marca aproximadamente cilíndrica, no solo, preenchida por materiais distintos deste, que se supõe, testemunha a fixação de estacas ou apoios. Classificação morfológico-funcional. – Evidência de fixação de esteio, para quaisquer finalidades (Pronapa, 76).

BURIL – Ferramenta de lasca apresentando em uma extremidade, um bordo ativo formado, pela interseção, seja de dois lascamentos perpendiculares ao plano principal, seja de um lascamento desse tipo e de uma fratura da lasca, fratura essa, retocada ou não. Os lascamentos perpendiculares formam

uma pequena lasca característica, chamada golpe de buril. Existem também buris de bloco. Os buris são mal estudados (Laming-Emperaire, 67). – Implemento na base de uma lasca, caracterizada por um pequeno bordo ativo em forma de cinzel, com ângulo de corte aproximando 90º, presumivelmente formado pela retirada de uma pequena lasca característica (Ver Lasca de Buril), por um golpe característico (Ver Golpe de Buril), o qual é curto, seco e quase que vertical no ângulo do golpe. Contacto por uma linha, agindo por pressão. Rohr (67) registra a existência de buris em osso e dente. Nomenclatura Funcional.



C



C^{14} – Isótopo radioativo e instável do C^{14}, Carbono, que se forma nas altas camadas da atmosfera pela ação da radiação cósmica sobre o N^{12}, Nitrogênio. Ver Radiocarbono.

CABAÇA – Planta cultivada na pré-história unicamente pela casca dura de seus frutos, utilizados para fazer vasos, cuias e outros tipos de recipientes, os quais são designados popularmente por cabaça ou poronga.

CABANA – Sítio arqueológico circular ou elíptico com diâmetros entre 5 e 18 metros, aproximadamente, com evidências de permanência mais ou menos prolongada. Geralmente apresenta estruturas (disposição dos fogões, áreas de atividades, áreas de deposição de dejetos etc.) que corroboram a classificação, à qual é funcional, sem significado cultural preciso. Na atualidade tem-se preferido usar os termos Fundos-de-Cabana, para manchas isoladas, e Aldeias, para conjuntos (Ver).

CABO – Apêndice lateral, cilíndrico, em vasilhames cerâmicos, destinado à sua sustentação.

CACO – Fragmento de artefato de barro queimado, usualmente parte de um vasilhame (Pronapa, 76).

CALCÁRIO – Rocha formada de Carbonato de Cálcio ($CaCO_3$), normalmente de origem orgânica, pela litificação de lama calcária, areia calcária, fragmentos bioclásticos etc., que serve para a produção de cal. Normalmente tida como imprestável para lascamento, têm sido encontrados artefatos lascados, toscos, em Goiás e Minas Gerais, geralmente sobre calcário dolomítico, rico em Magnésio e portanto mais duro.

CALCÁRIO BIOCONSTRUÍDO – Calcário composto predominantemente de materiais resultantes de atividades vitais de organismos coloniais, tais como algas, corais, briozoários e estromatoporoides (Suguio, 92).

CALCÁRIO SILICIFICADO – Rocha formada pela permeação do Calcário por águas carregadas de sílica, formando um amálgama lascável, embora muito granular.

CALCEDÔNIA – Mineral translúcido com brilho céreo, constituído por sílica cripto-cristalina fibrosa, encontrável praticamente em qualquer cor, com predomínio de tons esbranquiçados. Normalmente formado em Geados (Ver), foi muito utilizado na produção de artefatos lascados.

CALCITA – Rocha quimicamente idêntica ao Calcário (Ver) mas com cristalização no sistema trigonal, o que a torna muito pouco resistente à ação mecânica. Ver Inflorescência.

CALCOLÍTICO – Estágio de transição entre o Neolítico (Ver) e a Idade do Bronze, onde ainda predominam artefatos líticos, junto com objetos em cobre, não fundidos. Frequentemente esses objetos imitam as formas dos artefatos líticos. O mesmo que Eneolítico.

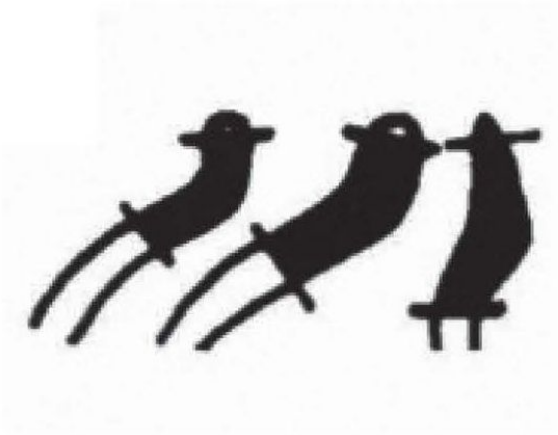
CAMADA – Superposição de estratos, de composição natural ou artificial. – Estrato, horizontal ou não, com características próprias, numa estratificação (Pronapa, 76). – Leito ou estrato de rocha maciça, em depósito natural.

CAMADA DE OCUPAÇÃO – Camada com evidências arqueológicas (Pronapa, 76).

CAMADA ESTÉRIL – Camada de origem natural ou intencional, sem evidências arqueológicas, podendo ser, contudo, contaminada, que pode ocorrer no interior de sítios arqueológicos. – Camada de origem natural ou intencional, sem evidências arqueológicas (Pronapa, 76).

CAMADA HÚMICA – Camada com matéria orgânica em decomposição que recobre o sítio, contendo ou não evidências arqueológicas (Pronapa, 76).

CAMBADA - Tipo de borda (Ver) com uma inflexão para fora, lembrando o cabo de um cajado.



CAMINHO – Trilha, via, estrada, geralmente de pequena largura e grande extensão. A caracterização de um caminho pré-histórico é muito difícil. Quase sempre apresenta vários sítios arqueológicos (aldeias, estruturas, cemitérios, vestígios dispersos) nas proximidades. Também conhecido como Peabiru (Ver). Classificação funcional.

CAMPO-DE-URNAS – Termo em desuso, indica sítios com grande incidência de urnas funerárias. Classificação tópica. Ver Cemitério.

CANAL – Curso de água natural ou artificial que serve de interligação entre corpos de água maiores.

CANAL DE MARÉ – Canal natural formado sobre as planícies de Maré (Ver), mantido pelo fluxo das correntes de maré (Suguio, 92).

CANELADO – Tipo de decoração que consiste em pressionar, com a extremidade dos dedos, a face interna do recipiente, em sentido perpendicular a bordo, ocasionando caneluras salientes e alongados na face oposta (Pronapa, 76).

CANELURA – Entalhe lascado na base de Pontos de Arremesso (Ver) típicos do continente americano, incluídas no Complexo Liano da Tradição de Coço Maior (*Big Hunting Tradition*): *Pontas Clóvis, Folson, Fish Toil.* Somente esta última está registrado no Brasil.

CANIBALISMO – Prática de comer carne humana. Não é fácil de detectar por meio dos Restos Diretos (Ver) recuperados no sítio arqueológico, mas certos tipos de fratura dos ossos podem servir de comprovação indireta.

CANOA – Embarcação de pequenos dimensões, estreita, originalmente esculpida em um único tronco de árvore, com auxílio de enxós e fogo.

CAPACIDADE CRANIANA – A capacidade volumétrica total da cavidade craniana. Geralmente é medida, em centímetros cúbicos, com o uso de pequenos grãos de chumbo ou mostarda.

CAPSULAR(ES) – Tipo de Petroglifo (Ver) que consiste em pontos hemisféricos, isolados, alinhados ou agrupados, escovados sobre a rocha suporte.

CARÁTER ADQUIRIDO – Mudança, em um organismo, causada por fatores ambientais, que não se transmite aos descendentes.

CARBONÍFERO – Período em que surgem os primeiros insetos, anfíbios e répteis no Paleozoico. Ver Coluna Geológica.

CARENA – Qualquer mudança brusca de direção na curva do perfil de um vasilhame.

CARENADO – Forma de bojo que se apresenta com um ângulo agudo na parte central do vaso. É uma característica da cerâmica pintada Tupi-guarani (Mentz-Ribeiro, 77). – Forma de bojo que apresenta um ângulo agudo na parte maior do diâmetro (Pronapa, 76). Ver Bojo.

CARIAPÉ – Tipo de Tempero (Ver) para cerâmica arqueológica, o qual consiste em cinzas obtidas pela queima do córtex de árvores ricas em sílica, muito comum na Amazônia e no Brasil Central.

CARIMBADO – Tipo de decoração em que se imprime, na pasta úmida, a marca de um instrumento ou objeto: concho, taquara, folhas etc. – Tipo de decoração que consiste em imprimir, na superfície da cerâmica, padrões estabelecidos (Pronapa, 76). Consiste em aplicar um carimbo sobre a superfície ainda mole da argila. Técnica de produção de Arte Rupestre que consiste em aplicar um carimbo impregnado de pigmento corante sobre a superfície da rocha. Ver Carimbo e Pintura Rupestre.

CARIMBO – Peça de madeira, ou não, de diversas formas utilizada para imprimir padrões de desenhos (Pronapa, 76). Pode ser aplicado sobre a superfície da cerâmica ainda não queimada ou, com tinta, na decoração de vários artefatos e até na pintura corporal. – Pequeno artefato entalhado, com motivos diversos, usado na decoração de cerâmica, nas pinturas rupestres e corporais. Ver Carimbado.

CARSTE – Nome dado aos fenômenos específicos que ocorrem nas rochas calcárias, como dolinos, rios sumidos, úvalas, grutas ou cavernas, estalactites, estalagmites etc. (Teixeira Guerra, 75).

CÁRSTICO – Relativo ao relevo dos Cortes (Ver).

CASA BARREADA (DE TAIPA) – Habitação feita de barro úmido aplicado sobre trançados de bambu ou madeira, comum em sítios coloniais ou de contacto. Classificação morfológica que, no Brasil, apresenta significado cultural preciso. – Habitação feita de barro úmido, aplicado às estruturas de bambu ou trançado das paredes (Pronapa, 76).

CASA SUBTERRÂNEA – Local escavado em forma de poço, com diâmetro entre 2 e 18 metros (aproximadamente), e, no máximo, 6 metros de profundidade. Podem aparecer em rochas de qualquer tipo, geralmente agrupados hierarquicamente. Provavelmente apresentavam cobertura aérea, apoiada por uma a três estacas centrais. Algumas eram semissubterrâneas. Na periferia do poço observa-se a presença de canaletas para captação de águas pluviais. Podem apresentar derivações laterais, túneis, galerias, que vão dar em outras casas ou em saídas escondidas, às vezes com petroglifos no interior. Registradas, até o momento, apenas na Região Sul. Na Europa recebem a designação de Abrigo-de-Poço. Classificação morfolófogica. – Local escavado em forma de poço, com dimensões variáveis provavelmente recoberto, que poderia ter sido utilizado como habitação (Mentz-Ribeiro, 77). – Local escavado em forma de poço, com dimensões variáveis, provavelmente recoberto, que poderia ser utilizado como habitação (Pronapa, 76). Segundo Mentz-Ribeiro, "Trabalhamos em uma aldeia de 36 casas no município de Caxias do Sul. O diâmetro varia entre 2 e 18 m; a profundidade vai de 1,5, semissubterrânea, até 6 m. As casas maiores e mais profundas estão se apresentando como mais antigas. Junto ou nas proximidades das casas, encontram-se montículos de terra ou com muitas pedras que seriam seus túmulos. Enterravam diretamente no solo, corpo estendido e de costas e o crânio voltado para o nascente ou poente. Esses dados estão baseados em enterramentos em abrigos ou cavernas onde os ossos se conservaram. Nos montículos ao ar livre, em análise de solo realizada, o Ph foi muito alto (3,5) o que, em breve espaço de tempo, mais ou menos 20 anos, faria com que os ossos fossem consumidos. Encontramos sítios arqueológicos dessa Tradição, também em baixas altitudes na encosta da Serra Geral e no litoral, inclusive nos sambaquis. Mas a área típica é o Planalto, acima dos 500 m, pois, até o presente, não encontramos casa subterrânea abaixo dessa altitude. Isso é bem lógico: construíram-nas para se proteger do frio intenso, especialmente a neve. São conhecidas fases pré-cerâmicas anteriores às Tradições Vieira e Taquara, desde 6 mil anos antes do presente, que vão originá-las. Passa a ser Tradição Taquara ou Vieira, no momento da aquisição da cerâmica". Ver Cerâmica Taquara.

CASSAVA – O mesmo que Mandioca (Ver).

CATACUMBA – Câmara subterrânea para sepultamentos.

CATARRINO – Tipo de nariz alongado e aberto para baixo, característicos dos macacos do Velho Mundo e do Homem.

CAUCASOIDE – Tipo humano, também chamada europoide, originário dos arredores do Mar Mediterrâneo. Algumas de suas características são a pele clara, altura média a alta, cabelos lisos de textura fina a média, considerável quantidade de pelos corporais, olhos de cor azul-claro a castanho-escuro. Subdivide-se em Dináricos, Nórdicos, Alpinos e Mediterrâneos.

CAUCASOIDE-MONGOLOIDE – Para Franz Boas, a divisão básica, da humanidade, em raças.

CAUIXI – Tipo de Tempero (Ver) orgânico empregado na cerâmica arqueológica da Amazônia. Consiste em microscópicas lentes de sílica pura que, originalmente, integravam o esqueleto de um microespongiário de água doce.

CAVERNA – Designação tomada da geomorfologia para indicar sítios arqueológicos em grutas ou cavernas, as quais são definidas como locais em que a altura ou largura da entrada é menor que a profundidade. As grutas podem ser melhor definidas a partir do coeficiente Ai/Ap, em que Ai é a área de iluminação, a qual corresponde à área de entrada, e Ap é a área do piso. Se Ai/Ap < 1, trata-se de uma gruta. Em caso contrário, será um abrigo-sob-rocha. Classificação morfológica. O mesmo que Gruta. – Cavidade na rocha, onde a profundidade é maior que a abertura (Pronapa, 76).

CAVO – Técnica de elaboração de Petroglifo (Ver) em que o motivo é representado por uma silhueta ou mancha esvada na rocha suporte. Não confundir com Baixo-Relevo (Ver).

CEMITÉRIO – Sítio arqueológico em que ocorre, de forma predominante, sepultamentos (inumação, enterramentos, enterros), os quais podem ser primários ou secundários, diretos ou em urnas, classificação funcional. Utilizam-se expressões como Cemitério Tupi-guarani etc.

CENA(S) – Conjunto de motivos, em Arte Rupestre (Ver), que transmitem ideia mais ampla que a identificação de cada motivo isolado.

CENOZOICO – Era geológica atual. Ver Coluna Geológica.

CERÂMICA – Artesanato de barro queimado (Pronapa, 76). – Com a queima acima de 400°, a argila torna-se impermeável, originando a cerâmica. Acima de 700°, já se tem cerâmica de muito boa qualidade, bem queimada. Os cronistas referiam-se à cerâmica amazônica como porcelana e a consideravam melhor do que a europeia. A temperatura da queima depende do tipo e da quantidade de madeira empregada.

CERÂMICA NEOBRASILEIRA – Cerâmica arqueológica, confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros

ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas, podendo apresentar ou não elementos de outras procedências.

CERÂMICA TAQUARA – Pequenos vasos elipsoides, acordelados, como os nossos copos ou um pouco maiores, foram confeccionados por esse grupo. A decoração plástica típica é o ponteado, ungulado (regular), pinçado ou beliscado, inciso, marcado com cestaria ou tecido, rara pintura vermelha; também ocorrem tipos não decorados ou simples. Já foram encontrados fragmentos e vasos inteiros dentro de sangas, no Planalto Meridional. A borda e a base, em geral, não são decoradas. As datações mais antigas vão a 1.800 anos de idade (Mentz-Ribeiro, 77).

CERÂMICA TUPI-GUARANI – Acordelada, era confeccionada a partir de uma pequena base de barro amassado e sobre a qual aplicavam os roletes. Deixavam secar na sombra e depois levavam ao fogo. Este constava apenas de uma fogueira ao ar livre, técnica essa denominada atmosfera oxidante e não redutora que é a de fornos. A decoração plástica, corrugado, ungulado, escovado, corrugado-ungulado, entre as mais populares era realizada quando o barro ainda estava úmido. Havia, também, a decoração pintada ou sem decoração, denominada de simples. Em geral, os vasos pintados de vermelho sobre o branco, na face externa, o eram até o ombro ou carena e, depois, não possuíam decoração; os na face interna normalmente em pratos rasos eram totalmente pintados. Pintavam as superfícies visíveis de um observador em pé (de cima). O alisamento das paredes era obtido com cascalho (seixo), concha ou pedaço de taquara. Na pasta (argila) era adicionada, em geral, areia, a fim de que a cerâmica, quando levada ao fogo, não rachasse. Nosso índio era sabedor disso. Aliás, o trabalho na cerâmica, sua queima, foi a primeira transformação química que o homem realizou. As formas dos vasos são variadas: ovoides, elipsoides, esféricas, meia-esferas, carenadas. Fabricavam, desde pequeníssimos vasos com mais ou menos 5 cm de boca por 3 cm de altura, até grandes urnas de 50 cm de boca e mais de 1 m de altura (Mentz-Ribeiro, 77). A Cerâmica Tupi-guarani, englobada no que se designa por Tradição Tupi-guarani, apresenta três subtradições: Pintada, Corrugada e Escovada (Ver).

CERÂMICO, SÍTIO – Termo genérico para indicar o local arqueológico onde a principal (ou única) evidência cultural é a cerâmica. Classificação tópica com significado cronológico.

CERAMIO – Termo em desuso, indica local em que há acúmulo de cacos de cerâmica. Classificação tópica. Veja Cerâmico, Sítio.

CERIMONIAL – Local onde reúnem-se evidências de práticas religiosas e/ou sociais. Classificação funcional.

CERRITO – Gênero de sítio arqueológico do litoral do Rio Grande do Sul, que se caracteriza por ser constituído

quase integralmente por restos esqueletais de peixes e, em menor quantidade, de aves e mamíferos. Assemelha-se aos sambaquis, devendo ser testemunho das atividades de pescadores e caçadores adaptados ao litoral. Existem cerritos pré-cerâmicos e cerâmicos, os mais antigos com idades em torno de dois mil anos. Classificação funcional.

CERRO(S) – Denominação regional do Sul do Brasil para pequenas colinas ou elevações mais ou menos irregulares, cuja altitude não excede a uns 50 m, apresentando vertentes acidentadas.

CESTARIA – Arte de tecer recipientes ou outros objetos e utensílios utilizando fibras vegetais, ramos, folhas e outros materiais. – Conjunto de cestos.

CESTO – Recipiente de fibras trançadas, geralmente de grande tamanho, destinado a guardar farinha, mandioca, grãos etc.

CHAPA – Fragmento de camada fina de *chert* ou de rocha (sedimentar). As margens do fragmento, onde desagregou-se da camada da rocha mãe, formam bordos cortantes aproximado 90°. O mesmo que Plaqueta (Ver).

CHAPÉU DE CHINÊS – Ver Bulbo Cônico.

CHERT – Rocha formada em camadas pela substituição, das camadas calcárias, por quartzo cripto-cristalino granular, transportado por águas carregadas de sílica, muito utilizada no fabrico de ortefatos lascados. Do mesmo grupo do calcedônio, jaspe e sílex.

CHOPPER e CHOPPING-TOOL – Frequentemente, na terminologia pré-histórica, os termos *chopper* e *chopping-tool* são confundidos. Entretanto, eles designam dois utensílios distintos, que tem apenas em comum o fato de serem, ambos, geralmente, de fabricação grosseira. Segundo Movius, o *chopper* é um utensílio de bloco, trabalhado em parte de uma só face; quando o *chopper* é feito é de um seixo, o bordo de preensão é constituído pelo córtex do seixo. O bordo ativo, obtido por lascamentos feitos em uma só face, se restringe a uma parte da periferia. Já o *chopping-tool* é um utensílio de bloco trabalhado parcialmente em duas faces, de modo a determinar um bordo ativo, que se restringe a uma parte da periferia. Quando o *chopping-tool* é feito a partir de um seixo, a bordo de preensão é constituído pelo córtex do seixo. Essas definições, que se apoiam na fabricação, não nos permitem diferenciar a utilização desses dois tipos. Admite-se geralmente que: 1. o *chopper* é uma ferramente destinada a lascar ou a cortar por percussão, lascado unifacialmente e parcialmente, de fabricação grosseira; 2. o *chopping-tool* é uma ferramenta destinada a lascar ou a cortar por percussão; lascado bifacialmente, parcialmente, de fabricação grosseira. Nomenclatura funcional. Gume em bisei duplo, contacto por uma linha, agindo por percussão. Alguns autores traduzem por Talhador ou Enxó (Ver). Na porte superior

da figura, um *chopper*, embaixo, um *chopping-tool*.

CHOPPING-TOOL – Ver *Chopper*.

CICATRIZ – Marca deixada na superfície de um bloco pela retirada de uma Lasca (Ver).

CIMENTAÇÃO – Processo químico de precipitação de vários tipos de substâncias naturais (calcita, dolomito, sílica, siderita e óxidos de ferro) entre grãos de minerais ou rochas dos sedimentos, durante o processo de litificação (Suguio, 92). – Técnica para remoção de sepultamentos, e outros tipos de testemunhos, de um sítio arqueológico. Consiste, basicamente, em delimitar uma área em torno do objeto, por meio de quatro tábuas de pouca espessura, após o que, o sedimento interno é cuidadosamente misturado com um consolidante (gesso, cimento, produtos sintéticos). Após o endurecimento, se introduz uma prancha de madeira pela parte inferior e remove-se o bloco testemunho. Dependendo do produto empregado, não será mais possível remover as evidências do bloco.

CIRCULAR – Tipo de Boca (Ver) de vaso cerâmico com raio constante.

CIVILIZAÇÃO – Estágio avançado de uma cultura, em que a vida social, a ciência e a arte, estão bem desenvolvidas. O conceito de civilização, muito discutido e questionado, pressupõe o domínio da escrita e da matemática, hierarquia social, especialização do trabalho, densidade populacional e cidades.

CLASSE – Subconjunto de uma Classificação (Ver), que agrupa espécimes com características comuns. É frequente os integrantes de uma classe apresentarem pequenas variações com relação aos outros. Toda classe corresponde a um conceito. Ver Tipo e Tipologia.

CLASSIFICAÇÃO – Ato ou efeito de classificar. As classificações consistem em conjuntos de classes, dispostas por inclusão ou exclusão das espécimes. Ver Classe, Tipo e Tipologia.

CLÁSTICO – Composto por fragmentos de minerais, rochas ou restos orgânicos (conchas) que foram transportados da área fonte até a bacia sedimentar (Suguio, 92).

CLIMA – Conjunto de condições meteorológicas (temperatura, pressão e ventos, umidade e chuvas) características do estado médio da atmosfera em um ponto da superfície terrestre. Para a geomorfologia climática, a cada clima corresponde uma paisagem característica. Identifica-se clima continental, marítimo, desértico, glacial, temperado, tropical, subtropical etc.

CLIVAGEM – Plano de alguns minerais, parte-se mais facilmente ao longo de certos planos, como, p. ex., as faces dos cristais ou as camadas folheadas de depósitos sedimentares. Nas rochas amorfas ou cripto-cristolinas, a coesão é a mesma em todos as dire-

ções (isomorfismo), portanto, o plano de clivagem é provocado pelo cone de força agindo na rocha isomórfica.

COBRE – Um dos primeiros metais utilizados pelo homem porque, assim como o ouro, é encontrado em estado nativo (quimicamente puro), podendo ser trabalhado por percussão, sem necessidade de fundição. Cronistas do período colonial registraram seu uso por populações nativas da Amazônia, principalmente os Omágua.

COLÁGENO – Ver Conteúdo de Colágeno.

COLETA – O mesmo que colheita. Ato ou efeito de colher pordutos agrícolas previamente plantados. Não confundir com Recoleta (Ver).

COLETOR – Aquele que coleta (Ver).

COLONIAL, SÍTIO – Local onde se encontram vestígios de atividades do período colonial (1530-1624). Ruínas e restos de habitações, igrejas, fortificações, monumentos, utensílios europeus etc., associados ou não a material indígena. Classificação cronológica. Ver Neobrasileiro.

COLUNA GEOLÓGICA – Divisão do tempo geológico em anos (a), Eras (E), Períodos (P) e Épocas (e). Usam-se as terminações *ário*, *ária*, *oico* e *oica*, para designar a Era, na escala cronológica, ou o Grupo, na escala estratigráfica, *ico* para o Período ou Sistema, ano para a Idade ou Andar, *ense* para a Fase, e *mesa* e *neo* para o Período ou Sistema, na ordem decrescente de antiguidade.

E. Cenozoica
P. Antropozoico ou Quaternário
e. Holoceno (± 12.000 AP)
e. Pleistoceno (3 milhões AP)

P. Terciário
e. Plioceno (12 milhões AP)
e. Mioceno (23 milhões AP)
e. Oligoceno (35 milhões AP)
e. Eoceno (55 milhões AP)
e. Paleoceno (70 milhões AP)

E. Mezozoica ou Secundária
P. Cretáceo (135 milhões AP)
P. Jurássico (180 milhões AP)
P. Triássico (220 milhões AP)

E. Paleozoica ou Primária
P. Permiano (270 milhões AP)
P. Carbonífero (350 milhões AP)
P. Devoniano (400 milhões AP)
P. Siluriano (430 milhões AP)
P. Ordoviciano (490 milhões AP)
P. Cambriano (600 milhões AP)

E. Pré-Cambriano
P. Proterozoico (± 2 bilhões)
P. Arqueozoico (± 5 bilhões AP)

COMPACTA(O) – Termo de uso genérico em arqueologia. – Textura da cerâmica arqueológica onde não se percebe facilidade de dissociação dos grãos de argila. Opõe-se à Arenosa, Friável, Laminar (Ver). – Textura da rocha onde não se percebe a granulação, nem a estrutura. O contrário de Granulado (Ver).

COMPACTAÇÃO – É o decréscimo volumétrico dos sedimentos em consequência de esforço de compressão usualmente exercido por superposição de sedimentos cada vez mais jovens (Suguio, 92). – Nos sítios arqueológicos isso sucede em função das ocupações posteriores.

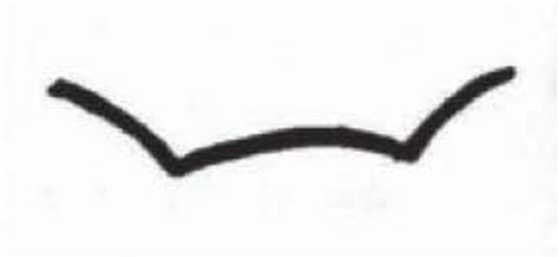
COMPLEXO – Conjunto de elementos culturais associados entre si (Pronapa, 76). – Conjunto de traços culturais organicamente relacionados em uma área cultural. – Conjunto de elementos entre si associados, e que não permite uma distinção clara de uma fase ou tradição (Mentz-Ribeiro, 77). – Emprega-se, também, para indicar um tipo de Contorno ou de Bojo (Ver) de recipientes cerâmicos.

COMPÓSITA – Diz-se da cerâmica de contorno composto. Usada eventualmente como sinônimo para cerâmica de Contorno Complexo (Ver) ou Composto (Ver).

COMPOSTO – Ver Contorno.

COMPRESSOR – Ver Retocador, Pressor.

CÔNCAVA – Tipo de Base (Ver) com curvatura para o interior do vasilhame.



CONCHA(S) – Carapaças (exoesqueleto) de moluscos gastrópodes ou bivalves, tanto de água salgada ou doce como terrestres, muito comuns como restos alimentares em sítios arqueológicos do litoral e do interior, usadas, trituradas, como Tempero (Ver) de cerâmica, ou como matéria-prima na elaboração de artefatos e objetos de adorno. Geralmente se compõe de Carbonato de Cálcio ($CaCO_3$), mas existem conchas compostas apenas por material quitinoso ou sílica.

CONCHA(S) PERFURADA(S) – Artefato muito frequente nos Sambaquis (Ver), terá tido múltiplas utilidades como objeto de adorno, espátula, raspador etc.

CONCHEIRO – O mesmo que Sambaqui (Ver).

CONCHEIRO NATURAL – Banco de moluscos em praia fóssil. Distingue-se dos Sambaquis (Ver) pelas conchas não estarem acamadas, mas sim nas posições em que ficavam quando os moluscos estavam vivos.

CONCREÇÃO – Concentração nodular, por meio de ocreção concêntrica, de certos compostos minerais antigênicos em rochas sedimentares e tufos vulcânicos, desenvolvida normalmente em torno de um núcleo que funciona como germe de cristal. A

concreção é geralmente mais dura que a rocha hospedeira e apresenta composição variável (calcária, siderítica, silicosa, ferruginosa etc.).

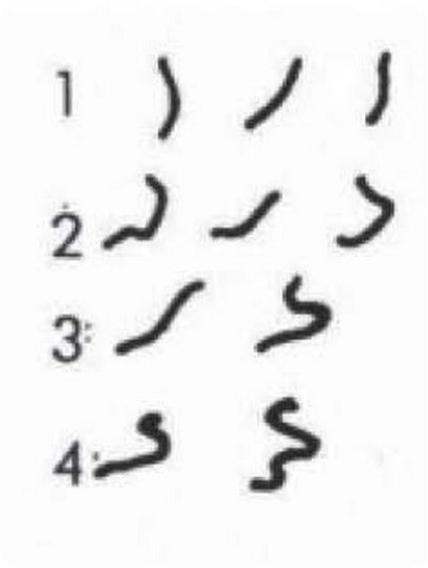
CONE DE FORÇA – Forma pela qual se propaga a força de um impacto numa rocha de qualidade isomórfica.

CÔNICA – Tipo de Base (Ver) com forma de tronco de cone.

CÔNICO – Tipo de Bojo (Ver).

CONTEÚDO DE COLÁGENO – Os ossos animais se compõem basicamente de fosfato de cálcio associado com matérias orgânicas, graxas e proteínas ósseas ou colágeno. Depois da morte, as graxas desaparecem rapidamente. O colágeno se conserva durante mais tempo, decrescendo paulatinamente, e pode medir-se segundo o nitrogênio que contém. A proporção de desaparecimento não é constante nem universal, porém os ossos de diferentes datas recuperados em um mesmo depósito ou estrato de um sítio arqueológico podem diferenciar-se por esse método, permitindo o estabelecimento de uma cronologia. Ver Datação Relativa.

CONTORNO - Quanto ao contorno o vaso pode ser: 1 - Simples; 2 - Composto; 3 - Infletido; 4 - Complexo.



CONTRAÍDA – Tipo de Borda (Ver) em que a espessura da parede é menor do que no corpo do vasilhame.

CONVERGÊNCIA – Diz-se que houve evolução convergente ou convergência quando traços culturais similares surgem em épocas ou locais distintos, a partir de distintos antecedentes. É o oposto de Difusão (Ver).

CONVEXA – Tipo de Base (Ver) com curvatura acentuada para o exterior do vasilhame.

COPRÓLITO – Evidência arqueológica ou paleontológica constituída por restos fecais desidratados ou mineralizados, que se conservam acidentalmente em camadas de sedimentos, em estruturas ou locais de defecação, associados a corpos de animais e do próprio homem, ou no interior de exemplares mumificados. Mostram conservação variável e de um modo geral são de grande interesse informativo para a arqueologia por preservarem informações sobre espécies biológicas, hábitos alimentares, doenças ou parasitoses intestinais, condições ambientais, práticas de higiene etc. Ver Paleoparasitologia.

CORANTE – Todo e qualquer material, mineral ou orgânico, usado como pigmento, em Pintura Rupestre, em Cerâmica ou em Sepultamentos.

CORNIJA – Pequeníssima saliência aguda (como aresta) ao longo da margem interna da plataforma, especialmente aos lados do bulbo, provocada, por razões desconhecidas, pelo uso de um percutor ou punção mole.

CORRUGADO – Tipo de decoração plástica da cerâmica. – Tipo de decoração em que, depois da colocação de cada rolete, este é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas dos dedos, em sentido perpendicular ou transversal ao vaso. Em certos casos pode-se observar a união dos roletes entre as impressões de dedos ou outros instrumentos (Mentz-Ribeiro, 77).

CORRUGADO COMPLICADO – Tipo de decoração em que, depois da colocação do rolete, este é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, espaçadamente, executadas com o dedo polegar, em sentido perpendicular ou transversal à boca do vasilhame (Pronapa, 76).

CORRUGADO-ESPATULADO – Tipo de decoração em que as corrugações estreitas e longas foram feitas provavelmente por espátulas (Pronapa, 76).

CORRUGADO-IMBRICADO – Tipo de decoração em que as corrugações tomam o aspecto de escamas de peixe. Tecnicamente, o processo é o mesmo do corrugado-complicado, porém, no corrugado-imbricado, as pressões foram executadas em sentido oblíquo à boca do vasilhame.

CORRUGADO SIMPLES – Tipo de decoração resultante do rejuntamento externo dos roletes pela sobreposição da parte inferior de uns, sobre a superior de outros (Pronapa, 76), por meio de um movimento semelhante ao de um beliscão com torção.

CORRUGADO-UNGULADO – Tipo de decoração em que se associam ungulações às corrugações (Pronapa, 76).

CORTE ESTRATIGRÁFICO – Escavação parcial de um sítio arqueológico,

por níveis ou camadas, para verificação do seu conteúdo. O corte estratigráfico é, usualmente, retangular, medindo de 1 a 4 m^2. Também se usa, em situações específicas, cortes estratigráficos circulares, cujos resultados são registrados por um sistema de coordenadas polares.

CORTE EXPERIMENTAL – Abertura sistemática em qualquer sítio para verificação preliminar do conteúdo. Conhecido, também, como prospecção (Mentz-Ribeiro, 77). Geralmente tem 1 m^2. – Abertura em qualquer sítio, por níveis ou camadas, para verificação preliminar do conteúdo (Pronapa, 76).

CÓRTEX – Camada externa de alteração de uma rocha, cuja espessura depende simultaneamente da duração da exposição aos agentes atmosféricos, das condições climáticas e da natureza da rocha. O córtex se distingue do interior da rocha por sua cor e suas propriedades físico-químicas. Muitas vezes a fabricação de um utensílio começa pela retirada do córtex, o descorticamento do seixo ou bloco utilizado.

COVA – Termo em desuso. Indica qualquer tipo de escavação no solo, em geral sepultamento direto e primário, isolado. Classificação morfológica.

CRANIOLOGIA – É o estudo morfológico (craniometria, cranioscopia) do crânio humano, e por extensão ou comparação de outros animais, em especial primatas. Esse termo técnico é pertinente à osteologia, e refere-se a uma área de estudos que teve grande importância no século 19, na medida em que os primeiros antropólogos físicos e anatomistas atribuíram à morfologia do crânio grande interesse e valor, na taxonomia humana e no estudo evolutivo. Considerava-se que a morfologia externa e interna do crânio seria informativa de uma série de aspectos da biologia individual, inclusive permitindo inferências sobre o caráter e os traços de personalidade. Os grandes museus do mundo têm grandes coleções craniológicas provenientes desse período, e os trabalhos publicados por muitos, inclusive Broca, atestam um período de apogeu da antropologia física, fortemente marcado por conflitos ideológicos. O estudo morfológico do crânio, hoje, tem interesse reduzido, dentro do grande leque de possibilidades exploradas pela biologia esqueleto I, embora ainda tenha significado científico.

CRAZE – Vide Gretado.

CRISTA – Espécie de aresta-guia previamente preparada, para guiar, linearmente, uma lâmina e provocar nela maior comprimento (*lome à crête*). Sem essa crista, é praticamente impossível a debitagem de lâminas ou lamelas bem compridas.

CRISTAL – Eventualmente um cristal pode ser utilizado como mossa inicial de um utensílio. Pode ser reconhecido por suas formas poliédricas e por seus planos de clivagem, lisos e retilíneos. – Mineral de formas geométricas de faces planas e arestas retilíneas.

CRISTAL DE ROCHA – Designação popular dada ao Quartzo (Ver) cristalino.

CRISTALINA, ROCHA – Uma rocha naturalmente constituída de elementos cristalizados; o corpo da rocha é constituído de um grande número de cristais. De origem magmático. Exemplo: granito.

CRONOLOGIA ABSOLUTA – Ver Datação Absoluta.

CRONOLOGIA ARQUEOLÓGICA – Ver Dotação Absoluta e Datação Relativa.

CRONOLOGIA RELATIVA – Ver Datação Relativa.

CROSTA – Camada exterior, variável e irregular, alterada ao se decompor a rocha originária, e de cor diferente do do interior dele.

CULTURA – Termo polissêmico e de difícil apreensão, cultura pode ser entendida como cada uma das atividades humanas, seja representado por um objeto, utensílio ou artefato (cultura material), seja um costume, uma crença (cultura não material). Em arqueologia, geralmente reduz-se o significado do termo, que passa a designar uma Associação (Ver) de objetos de diferentes tipos, que se repete com certa frequência no espaço e no tempo.

CULTURAIS – O mesmo que Artefatos (Ver).

CUPULIFORME – Petroglifos (Ver) hemisféricos. O mesmo que Puntiformes (Ver).

CURVA DE FREQUÊNCIA ou de POPULARIDADE – Tendência percentual, crescente ou decrescente, demonstrado por um tipo em uma Sequência (Ver) (Pronapa, 76).

CURVA DE VARIAÇÃO DO NÍVEL DO MAR – Curva que mostra as variações positivas e negativas do nível do mar, em relação ao atual, através dos tempos geológicos. Essas flutuações podem estar ligados a causas mundiais (glácio-eustosio), regionais (tectono-eustosio) e locais (compactação).

D

DATAÇÃO ABSOLUTA – Datação arqueológica obtida por meio de análises físico-químicas ou biológicas, que permite estimativa bastante precisa da idade de um objeto, monumento ou piso cultural. Ver Dendrocronologia, Termoluminescência, Radiocarbono, Geomagnetismo, Potássio-Argônio, Análise de Varvitos.

DATAÇÃO C_{14} – Ver Radiocarbono.

DATAÇÃO CRUZADA – Quando não é possível recorrer às datações absolutas ou relativas (Ver) somente se pode provar que dois grupos culturais são contemporâneos mediante o estabelecimento de vínculos que os associem. Fala-se mais frequentemente que os dois grupos estão correlacionados.

DATAÇÃO RELATIVA – Técnicas de datação baseadas principalmente na posição estratigráfica. O artefato, estrutura ou evidência que esteja abaixo de outro, no contexto de um sítio arqueológico intacto, será certamente mais antigo. Ver Estratigrafia, Tipologia, Seriação, Teste da Fluoresceina, Análise da Obsidiana, Análise dos Varvitos,

Conteúdo de Colágeno, Datação pela Sequência, Ensaio Radiométrico.

DATAÇÃO PELA SEQUÊNCIA – Uso de análises tipológicas evolutivas para estabelecer cronologias. Ver Seriação.

DEBITAGEM – É a operação que consiste em destacar uma lasca de seu núcleo por meio de uma percussão sobre o plano de percussão.

DECORAÇÃO PLÁSTICA – Qualquer técnica de decoração que implique modificações da superfície cerâmica: corrugada, escovada, aplicada etc. (Pronapa, 76).

DEGRAU – Ver Fratura.

DELTA – Depósito sedimentar aluvial que aparece na foz de certos rios, avançando como um leque na direção de um corpo de água mais calmo (lago, laguna, mar, oceano ou outro rio). Existem vários tipos de delta: afogado, de baía, construtivo, escalonado, estuarino, fluvial, intralagunar, lacustre, negativo, oceânico, de maré etc. Indica ausência de correntes marinhas, fundos rasos e abundância de sedimentos.

DEMOGRAFIA – Estudos populacionais. Em arqueologia interessa particularmente a Paleodemografia (Ver).

DENDROCRONOLOGIA – Quando as árvores crescem em clima com variações sazonais, seus anéis de crescimento podem ser mais delgados ou mais grossos do que a média normal. Em 1929, A. E. Douglas demonstrou que essa variação poderia ser correlacionada com o material arqueológico, comparando muitos dos troncos recolhidos em uma região restrita, submetidos às mesmas variações climáticas, estabeleceu uma escala-tipo, que se estende desde os tempos atuais até aos das culturas pré-históricas. Qualquer tronco encontrado em um sítio dessa região restrita permite a datação mediante os anéis de crescimento. O método é semelhante à datação por análise de varvitos (Ver). Na atualidade, com a obtenção de séries mais longas, que recuam acima dos 6.000 anos, o método tem sido utilizado para controlar os resultados das análises radiocarbônicas. Ver Radiocarbono.

DENTADO – Tipo de Lábio (Ver) com entalhes verticais em intervalos regulares. Também se usa Denteado e Serrilhado (Ver).

DENTEADO – Ver Dentado.

DENTICULADO – Gume de artefato lascado que apresenta gume com reentrâncias, alternadas ou não. Ver Ferramenta denticulada.

DEPÓSITO – Qualquer tipo de sedimentos depositados em uma área. Distinguem-se depósitos abissais, aluviais, biogênicos, elásticos, dedríticos, eólicos, flúvio-marinhos, litorâneos, marinhos etc.

DEPRESSÃO – É uma cavidade praticada na pedra. É definida por suas dimensões (comprimento x largura

x profundidade), por sua forma (em calota de esfera, hemisférica, irregular, ovoide etc.), por suas arestas vivas ou arredondadas, por ser polida ou picoteada, e por sua localização.

DESCONTINUIDADE – Termo de uso genérico, é empregado, em particular, quando se percebe alguma irregularidade intencional nos Bordos (Ver) de vasilhame cerâmico.

DESCORTICAMENTO – É a operação que consiste em desembaraçar uma massa de pedra (seixo, bastonete etc.) de seu córtex. Chamam-se lascas de descorticamento os produtos dessa operação.

DESEMBOCADURA – Saída ou ponto de descarga de um curso fluvial em um outro rio, lago ou mar.

DESGASTE – Ver Sinais de Uso.

DESSALINIZAÇÃO – Processos físico-químicos aplicados aos objetos recuperados em sítios litorâneos, para evitar que, pela ação da umidade, venham a sofrer danos com o passar dos tempos.

DETRITOS – Classifica-se nessa categoria as estilhas de lascamento, irregulares, que não entram nem na categoria de lascas, nem na de fragmentos, isto é, que não apresentam uma face interna de lascamento bem diferenciada da face externa e que não podem ser identificadas como um fragmento de núcleo, de lasca ou de um utensílio de bloco.

DETRITOS DE LASCAMENTO – Produtos do talhe abandonados no local por não se prestarem aos fins do artesão, portanto, não utilizados. São úteis na reconstituição das atividades tecnológicas, especialmente quando podem ser reunidas para formar o núcleo original. O vazio deixado no meio do núcleo reconstituído representa a forma fabricada e levada embora.

DIABÁSIO – Rocha escura intrusiva (vulcânica), de textura variável; pode ser lascada, embora as lascas, normalmente, só sirvam para serviços pesados ou grosseiros. Em Arte Rupestre (Ver), pontos, isolados ou em conjuntos, produzidos pela impressão das pontas dos dedos com pigmento sobre a rocha suporte.

DIFUSÃO – Passagem de um ou mais traços culturais de uma cultura para outra. A difusão pode dar-se tanto por movimentos migratórios como por cópia ou imitação.

DIFUSIONISMO – Corrente teórica que advoga a tese de que a cultura humana desenvolveu-se por Difusão (Ver) a aprimoramentos locais. Para os Ultradifusionistas, é impossível a ocorrência de duas invenções similares, em dois locais distintos, sem que tenha existido contactos entre ambos. Opõe-se ao Paralelismo.

DIGITADO – Tipo de decoração que consiste em imprimir a ponta do dedo na superfície do vasilhame (Pronapa, 76).

DIGITUNGULADO – Tipo de decoração que consiste em imprimir, simultaneamente, a ponta do dedo e da unha, na superfície do vasilhame (Pronapa, 76).

DIRETA – Tipo de Borda (Ver) em que não ocorre nenhuma inflexão. – Tipo de Percussão (Ver).

DOBRADA – Tipo de Borda (Ver) que se dobra sobre si própria.

DOBRADIÇA – Ver Fratura.

DOLMEN – Tipo de monumento megalítico, de grandes dimensões, que consiste em um grande bloco de pedra apoiado sobre dois, três ou mais outros, deixando um espaço interno usualmente reservado para fins de rituais ou de sepultamento. Não está provada a sua existência no Brasil. Ver Megalitos.

DOLOMITA – Mineral componente das rochas carbonáticas de composição $CaMg(CO_3)_2$, eventualmente com algum Fe2 substituindo o Magnésio.

DOMESTICAÇÃO – Domínio dos animais para benefício do homem, produzindo carne, leite, couro, lã ou ajuda física (montaria, carga, ração). Na América do Sul foram domesticados a lhama, a vicunha, a alpaca, o cachorro, além de animais domésticos como o macaco e aves. Atualmente tem-se empregado o termo também com relação às plantas.

DORSO – Uma interrupção da intersecção dos planos das faces interna e externa numa das margens da lasca, formando um plano relativamente estreito e ininterrupto, a aproximadamente 90° ou menos da face interna, ao longo da maior parte do comprimento da margem, vide Lado.

DUNA – Colinas de areia acumuladas por atividade do vento, mais ou menos recobertas por vegetação. Podem ser transversos, longitudinais, parabólicos, piramidais etc.

DUNA ATIVA – Duna sem vegetação que se desloca sob efeito do vento (Suguio, 92).

DUNA COSTEIRA – Dunas das regiões litorâneas.

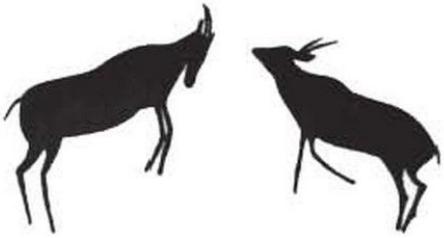
DUNA INATIVA – Duna mais ou menos estacionária, com cobertura vegetal estabelecida por melhoria climática ou ação humana (Suguio, 92).

DUNA, SÍTIO EM – Tipo de sítio arqueológico do litoral (ES-RS), pré-cerâmico mas apresentando cerâmica, intrusiva, à superfície. Caracteriza-se por ocupar o topo e áreas a sotavento das dunas estáveis, e, por apresentar artefatos líticos, predominantemente, elaborados sobre lascas, com alguns tipos polidos (lâminas de machado, quebra-coquinhos etc.) sobre seixos. As matérias-primas são quartzo hialino, rosa e leitoso, gnaise, diabásio e granito. Apresenta restos esqueletais de peixes, aves e mamíferos, e sepultamentos humanos, com pouca quantidade de conchas, e sofre intensamente a ação erosiva dos ventos marítimos. Classificação morfológica.

DUREZA – Grau de resistência da cerâmica ao risco, quebra ou choque. Para a análise comparativa emprega-se, comumente, a Escala Morfológica de Dureza de Friederich Mohs (Pronapa, 76), originalmente desenvolvida para determinar a dureza de rochas e minerais.

DURO – Termo de uso genérico. Ver Percutor, Suporte.

E



ECOLOGIA – Estudo das relações mútuas entre os organismos e seus ambientes. A reconstituição dos ambientes pré-históricos a partir das evidências dos sítios arqueológicos é designada Paleoecologia.

ECOSSISTEMA – Unidade ecológica constituída pelos seres vivos, além dos fatores físicos e químicos que influem no ambiente (Suguio, 92).

ÉCROSÉE – Golpe ou lasca semelhante aos de buril, produzidos por um golpe linear ao longo de um bordo sobressalente de uma lasca deitada numa bigorna dura (Laming-Emperaire, 67).

EEMIANO – Estádio interglacial do Pleistoceno Superior representado por depósitos marinhos encontrados na Holanda, Dinamarca e Alemanha. Corresponde ao estádio interglacial entre os glaciais Saalano e Weichselano e correlacionável, no tempo, ao interglacial Riss/Würm dos Alpes, Sangamoniano da América do Norte e Ipswichiano das Ilhas Britânicas (Suguio, 92).

EFUSIVA, ROCHA – Uma eruptiva, vinda em estado de fusão à superfície, portanto, tendo se consolidado rapidamente, e tendo como resultado uma textura mais fina. Exemplos: obsidiana, ignimbrito.

EIXO DE DEBITAGEM – Linha vertical que une o ponto de impacto com a ponta teórica da lasca, ao longo do trajeto do golpe.

EIXO MORFOLÓGICO – Linha de direção variável que representa o maior comprimento da lasca. Não necessariamente congruente com o eixo de debitagem.

ELASTICIDADE – Propriedade ou habilidade da rocha de voltar à forma original, sem se danificar, após retirada ou parada à força. Ver Resistência ao Choque.

ELÍPTICA – Tipo de Boca (Ver) elipsoidal de alguns recipientes cerâmicos.

EL NIÑO – Na costa ocidental da América do Sul encontra-se a corrente de Humboldt, de águas frias. Às vezes essa corrente é invadida por águas quentes, causando chuvas torrenciais e inundações, afetando o clima em escala mundial. Meggers (94) acredita que o El Niño seja o responsável pela mobilidade e até desaparecimento de algumas culturas pré-históricas.

EMERSÃO – Área anteriormente inundada que passou a condições subaéreas, fato que pode ocorrer tanto pela descida do nível do mar como pelo levantamento do continente (Suguio, 92). Ver Regressão.

ENCABAMENTO – Ato ou efeito de pôr um cabo, geralmente de madeira, osso ou chifre, na Extremidade Proximal (Ver) de um artefato.

ENEOLÍTICO – O mesmo que Calcolítico (Ver).

ENGOBO – Tipo de tratamento que consiste em aplicar, antes da queima, uma camada de barro, mais espessa que o banho, com ou sem pigmentos minerais, na superfície do vasilhame (Pronapa, 76). – Capa delgada de argila fluida aplicada, por imersão, sobre a cerâmica, antes da queima.

ENSAIO RADIOMÉTRICO – Dosagem da radioatividade de ossos que absorveram urânio das águas subterrâneas. Pode proporcionar Datações Relativas (Ver).

ENTALHADO – Tipo de decoração que consiste em pequenos cortes executados no lábio do vasilhame ou em qualquer outra parte dele (Pronapa, 76).

ENTALHE LASCADO – Reentrância côncava de um bordo obtida por retoques. Se a concavidade ocupa todo o bordo retocado, não se trata mais de um entalhe, mas sim de um bordo côncavo.

ENTALHE POLIDO – Chama-se entalhe polido um rebaixamento, praticado por polimento no lado ou no bordo de uma lâmina. A diferença entre uma

depressão e um entalhe polido é que a primeira é aberta segundo um só plano e a segunda, ao menos segundo dois (pode-se colocar um líquido em uma depressão, não em um entalhe). Um entalhe é definido por suas dimensões, sua forma, suas arestas e por sua localização (Laming-Emperaire, 67).

ENTERRAMENTO – Ato ou maneira de depositar o morto. Sepultamento, inumação. O enterramento pode ser primário, se é realizado de uma só vez, ou secundário, se apresenta duas ou mais etapas; direto, se o corpo é posto diretamente de encontro à terra, ou indireto, se em urna ou outro tipo de receptáculo; simples, se não apresenta acompanhamento, ou com mobiliário funerário; individual ou coletivo etc. O termo é empregado erroneamente como sinônimo de sepultura.

ENXÓ – É uma ferramenta muito próxima do machado, mas cuja lâmina tem um gume com bisei simples, perpendicular ao eixo longitudinal e ao cabo. São ferramentas destinadas a esculpir, escavar e trabalhar a madeira. Uma lâmina de enxó é de pedra polida. O equivalente em uma indústria de pedra lascada seriam certos *choppers* com bisei simples, cujo manejo seria necessariamente muito mais grosseiro.

EPIPALEOLÍTICO – Conjunto das culturas que se desenvolveram após a última glaciação, antes de atingir o estágio Neolítico (Ver).

EPIROGÊNICO – Relativo à movimentação vertical lenta devido ao arqueamento das massas continentais, os quais sobem ou descem em relação ao nível do mar, supostamente fixo (Suguio, 92).

ERA – Termo de uso genérico em arqueologia. – Uma dos divisões da Coluna Geológica (Ver).

ERODIDA(O) – Aparência da cerâmica, carcomida por agentes naturais (Pronapa, 76). Aplica-se também aos artefatos líticos e ósseos, restos diretos e faunísticos, estruturas e monumentos.

EROSÃO – Produto do intemperismo (vento, chuva, calor) e da ação química e biológica sobre as rochas e os artefatos arqueológicos. Distinguem-se as erosões costeira, diferencial, eólica, fluvial, praial, térmica etc.

ERUPTIVA, ROCHA – As produzidas pelo resfriamento e consolidação do material ígneo, ao se deslocar do interior, em direção à superfície do globo terrestre. Também chamados de Magmáticos ou Ígneos.

ESCALA DE MOHS – A Escala Morfológica de Dureza de Friederich Mohs foi convencionada, originalmente, para medir a resistência superficial dos minerais, exigindo maior ou menor resforço para serem riscados, propriedade que permite o reconhecimento macroscópico deles. Em arqueologia é usado na análise de material lítico, cerâmico e queroto-ósteo-odonto-molocológico, auxiliando a definição de suas funções hipotéticas. Varia de 1 a 10:

Talco	1
Gipsito/Sol Gemo	2
Colcito	3
Fiourito	4
Apotito	5
Feldspato/Ortclásio	6
Quartzo	7
Topázio	8
Coríndon	9
Diamante	10

ESCAMA – Pequeno e fino losquinho que se pode desprender da base do bulbo, por razões desconhecidas. Também chamado de "bulbor scar".

ESCAMAMENTO – Às vezes, no momento da debitagem, uma pequena escama se desprende na base do bulbo.

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA – Trabalho intensivo e sistemático num sítio (Pronapa, 76). São numerosos os técnicos de escavação em arqueologia: por níveis artificiais ou naturais; em superfície restrita ou ampla; em quadrículas aleatórias, quadrículas selecionadas, quadrículas agrupadas, trincheiras, transects etc.

ESCAVAÇÃO EXPERIMENTAL – Abertura de alguns cortes, em pontos separados, com o objetivo de assegurar uma amostra significativa, os quais, somados, não chegam a corresponder a 10% da área total do sítio. Indica-se o número e tipo do(s) corte(s), suas áreas e a espessura dos níveis artificiais ou camadas estratigráficas (naturais). Os cortes devem ser registrados na planta do sítio. Com esta última asserção, deve ser evitado. Ver Sepultura, Túmulo e Urna Funerária. – Maneira de sepultar o morto; o enterramento.

ESCAVAÇÃO DE SALVAMENTO – Escavação total de um sítio já parcialmente destruído ou ameaçado.

ESCAVAÇÃO SEMISSISTEMÁTICA – Escavação em menos de 50% e mais de 10% da área do sítio. É, na verdade, uma escavação setorial (em um ou dois setores) mais extensa.

ESCAVAÇÃO SETORIAL – Idêntica à Escavação Semissetorial, caracteriza-se por apresentar os cortes, um lado em comum, definindo setores que foram completamente escavados.

ESCAVAÇÃO SISTEMÁTICA – Escavação em mais de 50% da área do sítio. É a única forma de, probabilisticamente, obter-se amostragem significativa de todas as evidências do sítio.

ESCORREGAMENTO DE TERRENO – Descidas de solos ou massas decompostas, geralmente por efeito da gravidade. Não confundir com desmoronamento de blocos ou afundamentos de terreno (Teixeira Guerra, 75).

ESCORRIMENTO – Em arqueologia, deslocamento das evidências arqueológicas de um sítio, em função do intemperismo ou do escorregamento do terreno.

ESCOVADO – Tipo de decoração que consiste em passar, na superfície ainda úmida do vasilhame, um instrumento com pontas múltiplas, ou outros objetos que deixem sulcos bem visíveis, guardando entre si certo paralelismo e proximidade (Pronapa 76).

ESFUMARADO – Técnica de tratamento da superfície, que consiste em retirar a cerâmica ainda rubra da fogueira e introduzi-la em um montículo de matéria orgânica (palha de milho, esterco etc.). A combustão parcial desse material vai produzir negro-de-fumo, carbono puro, que confere tonalidade negra, indelével, ao objeto. Não confundir com cerâmica queimada em Atmosfera Redutora (Ver).

ESMAGAMENTO DA PLATAFORMA – Vide Plataforma.

ESPATIFAMENTO – Técnica (ou técnicas) de desagregação de blocos pela provocação de um colapso estrutural interno, total ou parcial, na rocha. Ver Arremesso, Espatifamento por, e Blocosobre – Bloco, Espatifamento por.

ESPATIFAMENTO POR ARREMESSO – Ver Arremesso, Espatifamento por.

ESPATIFAMENTO BLOCO-SOBRE-BLOCO – Ver Bloco-sobre-Bloco, Espatifamento por.

ESPÁTULA-Artefato de função não muito clara, muito freqüente nos sítios do planalto central e mineiro, geralmente confeccionado em seção longitudinal de osso longo de veado.

ESPELEOLOGIA – Ciência que estuda as grutas, cavernas e anfraduosidades subterrâneas.

ESPORÃO – Feição deposicional, em geral arenosa, mas podendo conter cascalhos, formada por uma série de cristas praiais conectada ao continente ou a uma ilha por uma das extremidades, com a outra, projetando-se para dentro de um corpo aquoso, baía, lago etc. (Suguio, 92). Se distinguem esporões simples, complexo, de barreira, cuspidado, recurvado etc.

ESTAÇÃO – Designação genérica para sítios de céu aberto (ou ao ar livre). Distinguem-se estações líticas e cerâmicas. Termo, praticamente, em desuso, salvo em publicações portuguesas. Classificação funcional, com o sentido de lugar de "parada", local de permanência etc. pode ser: primário ou secundário (Pronapa, 76). Classificação funcional.

ESTÁGIO CULTURAL – Intervalo cronológico com características culturais gerais compartilhadas pela maior parte da população.

ESTÁDIO GLACIAL – Intervalo de tempo caracterizado por baixas temperaturas e avanço das geleiras.

ESTÁDIO INTERGLACIAL – Intervalo de tempo entre dois Estádios Glaciais (Ver), caracterizado por temperaturas amenas, como as atuais.

ESTATUETA – Pequena representação antropomorfa ou zoomorfa modelada ou moldada em cerâmica, ou ainda esculpida em pedra ou osso. Evitar o termo ídolo, visto este implicar práticas religiosas de difícil comprovação. São muito frequentes nas tradições Inciso Ponteado e Polícroma da Bacia Amazônica, mas muito mal estudadas. – Pequenos modelos de figuras humanas ou animais, em pedra, osso, marfim ou cerâmica, para fins decorativos ou votivos. Classificação funcional.

ESTEARIA – É uma habitação lacustre construída sobre estacas (casas pernaltas, palafitas). Estearias, em arqueologia, são sítios lacustres em que são encontrados os esteios remanescentes e cerâmica modelada com motivos zoomorfos e antropomorfos, típicos do Maranhão. O mesmo que Esteioria. Classificação cultural e morfológica.

ESTILHAÇO – Fragmento de espatifamento de forma fina, pontudo e alongado.

ESTILHAS DE LASCAMENTO – Agrupa-se sobre o termo estilhas de lascamento, o conjunto de lascas nos quais não se observa nem trabalho secundário, nem utilização, e que foram abandonados após a fabricação de um artefato sobre lascas. A abundância de lascas iniciais, lascas de descorticamento, de núcleos, de restos diversos, permite determinar a presença de um ateliê de talhe da pedra ou Oficina Lítica (Ver). A cada técnica de trabalho da pedra e a cada tipo de operação, correspondem séries específicas de estilhas de lascamento e é por esse motivo que seu estudo é tão importante. Sucede frequentemente que certas estilhas de lascamento, por exemplo, lascas de descorticamento, tenham sido retocadas e utilizadas.

ESTILHAMENTO – É a separação de uma lasca de um bloco de pedra. O termo é vago e aplica-se a qualquer tipo de lascamento. Chama-se face de estilhamento à parte da lasca (ou do bloco do qual ela provém), que se encontrava no interior da massa de pedra, antes do lascamento.

ESTILÍSTICA – Vide Tipologia.

ESTILIZADO – Em Arte Rupestre (Ver), diz-se dos motivos Biomorfos (Ver), Geomorfos (Ver) ou Artefactuais (Ver), que apresentam distorções ou simplificações intencionais das figuras representadas.

ESTILO – Conjunto de elementos ou motivos associados num padrão comum, que caracterizam um horizonte, uma tradição ou um complexo (Pronapa, 76).

ESTRATIGRAFIA – Estudo das camadas ou estratos que aparecem superpostos num corte geológico. Em arque-

ologia, estudo dos sucessivos pisos de ocupação ou assoalhas culturais. A estratigrafia é o principal método de Datação Relativa (Ver). Numa escavação arqueológica pode-se seguir a estratigrafia natural do sítio ou, se for aconselhável, adotar a estratigrafia artificial, com estratos de espessura constante, arbitrariamente estabelecidos, geralmente com 10 ou 20 cm de espessura. – A lei da superposição estabelece que, quando um depósito se superpõe a outro, o superior deve ter-se acumulado depois do inferior, desde que não tenham ocorrido perturbações posteriores. Os termos depósito, capa, estrato ou nível podem empregar-se em sentido amplo para indicar distinção concreta do solo.

ESTRATIFICAÇÃO – Processo de formação dos Estratos (Ver). Distingue-se estratificação cruzada espinha-de-peixe, cruzada truncada por ondas, lenticular, de maré, ondulada etc.

ESTRATO – Camada geológica ou cultural. É composto por sedimentos minerais e evidências culturais. O mesmo que capa, nível, depósito. Ver Estratigrafia.

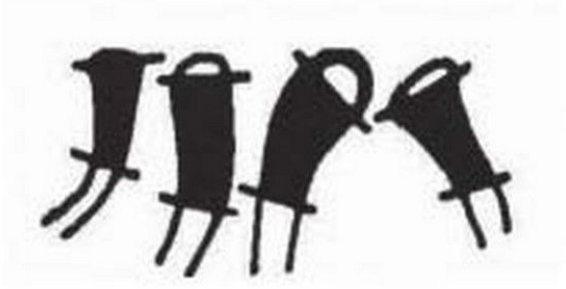
ESTREITO – Canal de pequena largura que une dois corpos aquosos maiores.

ESTRUTURA DA ROCHA – O estado estático ou arranjo interno dos cristais da rocha, como, por exemplo, cripto-cristalina, amorfa, folheada, colunar etc.

ESTUÁRIO – Corpo aquoso litorâneo de circulação mais ou menos restrita, porém ainda ligado ao oceano aberto. Muitos estuários correspondem a desembocaduras fluviais afogadas e, dessa maneira, sofrem uma diluição significativa de salinidade devido ao afluxo de água doce (Suguio, 92). Distinguem-se: estuário homogêneo, de cunha salina com maré, de cunha salina sem maré, inverso, parcialmente misturado, positivo etc.

EXCISO – Tipo de decoração que consiste em retirar da superfície da cerâmica, antes da queima, porções de vários tamanhos, formas e profundidades (Pronapa, 76). Não ocorre na cerâmica sul-brasileira. É uma característica da cerâmica marajoara (Mentz-Ribeiro, 77).

EXPANDIDA – Tipo de Borda (Ver) que apresenta um espessamento progressivo da parede do vasilhame, no sentido do Pescoço (Ver) em direção ao Lábio (Ver).

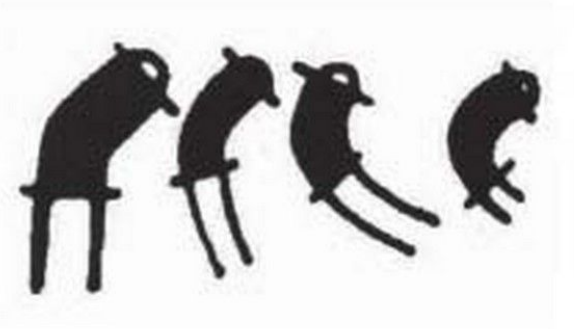


EXTREMIDADE DISTAL – Porção de um artefato mais distante de quem o utiliza. Geralmente corresponde à Zona útil (Ver).

EXTREMIDADE PROXIMAL – Porção de um artefato mais próxima de quem

o utiliza. Geralmente corresponde à Zona de preensão (Ver).

EXTROVERTIDA – Tipo de Borda (Ver) curvada para fora do vasilhame.



EUSTASIA – Fenômeno de flutuação do nível marinho através dos tempos geológicos, atribuído a várias causas, sendo então possível, hoje em dia, reconhecer a glácio-eustasia, a tectono-eustasia e a geóido-eustasia (Suguio, 92).

EUSTÁTICO – Relativo à variação do nível do mar por fenômenos eustáticos. Ver Eustasia.

EVOLUÇÃO – Mudança gradual dos organismos através dos tempos, tendendo, ainda que não sempre, por meio do desenvolvimento paulatino e gradual, para a complexidade e o aperfeiçoamento funcional. – Sobrevivência dos mais aptos, por meio da concorrência e da adaptação. – Transformação de um agregado de partes homogêneas em outro mais complexo, ou de um conjunto de elementos homogêneos em um agregado de elementos mais diferenciados. Contrapõe-se aos conceitos de revolução ou mutação (mudanças bruscas).

EVOLUCIONISMO – Corrente filosófica surgida em meados do século 19 que adotou o conceito de Evolução (Ver) como princípio instaurador.

EVOLUCIONISMO CULTURAL – Corrente teórica que busca aplicar o conceito de Evolução (Ver) aos traços culturais ou às sociedades como um todo. Foi e continua sendo de grande importância na formulação dos modelos explanatórios em arqueologia, principalmente os de desenvolvimento progressivo e os de periodização da pré-história.

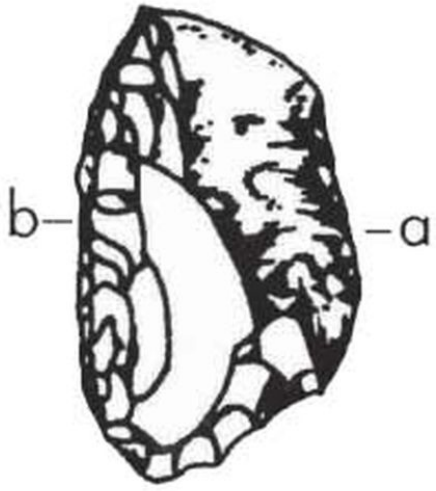
F

FABRICAÇÃO OU FABRICO (PREPARAÇÃO DA FORMA) – É a operação pela qual, a partir de uma massa inicial (seixo, bloco etc.), descorticada e preparada, fabrica-se um utensílio de bloco, como, por exemplo, um biface, um *chopper* etc., por meio de uma série de lascamentos executados sobre uma ou várias faces. O mesmo que Manufatura (Ver).

FACA – Mesmas características do raspador e ponta de projétil. A diferença entre faca e raspador é que a primeira possui um lascamento bifacial e forma um ângulo ativo ou de corte fino, até 30° no máximo; o raspador apresenta lascamentos, retoques, em uma face só; de perfil ele é plano-convexo – como uma plaina – e o ângulo que forma é de 70 a 90°, normalmente. Entre a faca e raspador, existe a raspadeira (*raedera*), também unifacial. O ângulo do bordo ativo, porém, encontra-se entre os 70 e 90° mais ou menos (Mentz-Ribeiro, 77).

FACA ou RASPADOR LATERAL – Na terminologia lítica há uma grande confusão entre a noção de faca e ras-

pador lateral. Teoricamente, uma faca é uma ferramenta destinada a cortar, isto é, a dividir a matéria a ser trabalhada em toda a sua espessura, por uma ou várias incisões perpendiculares ou oblíquas à sua superfície. Já um raspador lateral é um utensílio destinado a raspar, isto é, a retirar da matéria a ser trabalhada, lamelas finas, paralelamente à superfície. A faca tem, portanto, um gume em bisei duplo, destinado a dividir o mais delgado e agudo possível para assegurar uma penetração mais fácil; ela termina geralmente por uma ponta destinada a atacar, a penetrar, a cortar. O raspador lateral, como qualquer raspador, tem um gume em bisei simples; apresenta uma face plana, o bordo ativo é retilíneo ou convexo, espesso, de modo a não penetrar muito profundamente na matéria a ser trabalhada. Na realidade, os dois tipos não são claramente diferenciados e é certo que muitos utensílios de gume retilíneo ou convexo paralelo ao eixo longitudinal foram indiferentemente utilizados para cortar ou raspar, como faca ou como raspador lateral. Enquanto a análise tipológica não permitir a distinção entre os dois (ou mais) tipos nitidamente diferenciados no conjunto de facas e raspadores laterais, nós os englobaremos sob um termo único. É preferível, nos parece, para as línguas portuguesa e espanhola, adotar a tradução faca (*couteau*) e não raspador lateral (*racloir*), pois esta se presta a confusões com a tradução de raspador (*grattoir*); a definição de faca seria: ferramenta de gume longitudinal apresentando geralmente um bordo de preensão bem distinto e mais espesso do que o bordo ativo. Um grande número de facas é feito de lascas. Há também facas bifaciais de blocos que apresentam sempre um gume em bisei duplo. Uma das finalidades da análise tipológica é, justamente, distinguir tipos: técnicos, morfológicos e funcionais, nessa massa, atualmente confusa, de facas e raspadores laterais sul-americanos (Laming-Emperaire, 67). Na atualidade, estudos de Traceologia (Ver) buscam estabelecer tais diferenças a partir das marcas de uso. Na figura, (a) indica o bordo ativo, e (b), o de preensão.



FACE(S) DE UM ARTEFATO LÍTICO – As faces de um objeto de bloco são as próprias faces que delimitam seu volume. Para simplificar, o que nem sempre é possível, considera-se que a maior parte dos objetos de bloco apresenta somente duas faces, situadas de um lado e do outro do plano principal. Se as duas faces são simétricas, é teoricamente impossível falar de uma

face superior e de uma face inferior. Por convenção, diz-se que a face superior é aquela representada no croquis, sendo a outra, a inferior. Se uma face é a mais convexa que a outra, ela é considerada como face superior; a face plana torna-se, então, a inferior. Uma face é definida por suas dimensões, sua forma, seus lascamentos. As dimensões são dadas em valores absolutos ou segundo um ábaco. A forma será descrita por meio de três adjetivos, sendo que o primeiro designa a forma em plano; o segundo, a curvatura no sentido longitudinal; o terceiro, a curvatura no sentido transversal. Os lascamentos que tiveram por meta dar uma forma ao objeto, são estudados como os lascamentos da face externa de uma lasca (Laming-Emperaire, 67).

FACE(S) DE UMA LASCA – Uma lasca comporta duas faces principais, a face externa (ou superior), que é também chamada de verso por Leroi-Gourhan, e a face interna (ou inferior) chamada reverso pelo mesmo autor.

FACE EXTERNA (de uma lasca) – É aquela que estava no exterior do núcleo antes da debitagem e que é formada por lascamentos preparatórios.

FACE INTERNA (de uma lasca) – É a que se encontrava no interior do núcleo antes da debitagem; é a face de lascamento e corresponde exatamente à cicatriz em negativo deixada no núcleo.

FACETA – Não se deve confundir as facetas de uma plataforma facetada com as cicatrizes da face externa de uma lasca. Ver Plataforma.

FÁCIES – Significa variação de aspectos culturais dentro de uma mesma época, um mesmo tempo. Fase encerra a ideia de tempo e fácies, de espaço. Como a cultura não é estática, um fácies pode apresentar duas ou mais fases (Mentz-Ribeiro, 77). Um fácies pode representar uma variação cultural significativa mas não suficiente para a definição de uma Fase (Ver) ou Tradição (Ver), daí sendo possível ter-se uma fase com vários fácies. Em Arte Rupestre, o termo é empregado para indicar variações temáticas ou estilísticas dentro de uma mesma fase ou tradição.

FASE – Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios (Pronapa, 76).

FASES ARQUEOLÓGICAS BRASILEIRAS – Ver Tradição (Quadro 2).

FEATHERED – Qualidade de uma ponta ou um bordo onde a intersecção entre os planos das faces externa e interna, numa rocha de textura fina, aproximam-se do infinito teórico, sugerindo a finura da ponta ou da margem de um pena.

FERRAMENTA – Utensílio de ferro para artes e ofícios. Conjunto de utensílios para o exercício de um ofício ou arte. Uma ferramenta lítica é um objeto de pedra, encabado ou não, que serve de intermediário entre uma matéria a ser

trabalhada e o homem que a utiliza para afinar, precisar ou reforçar uma ação impossível à mão nua. O termo é empregado como sinônimo de Artefato (Ver).

FERRAMENTA DENTICULADA – Numerosos utensílios têm em uma extremidade ou lado, um entalhe bem delimitado por retoques abruptos, os quais formam "dentes". Talvez tenham sido ferramentas destinadas a descascar e igualar bastonetes de madeira. Os entalhes encontram-se combinados, geralmente, com outros bordos ativos (de raspadores, facas etc.) e formam, com eles, ferramentas complexas. Ver Raspador.

FERRAMENTA COMPLEXA – Ver Ferramenta Dupla.

FERRAMENTA DUPLA, MÚLTIPLA ou COMPLEXA – Pode-se chamar duplas as ferramentas que apresentam dois bordos ativos de função equivalente. Temos, por exemplo: raspadores duplos, facas duplas, pontas duplas etc. Se necessário, mas são casos raros, pode-se falar de ferramentas triplas (ou quádruplas) para designar ferramentas com três ou quatro bordos ativos equivalentes. Um conjunto de ferramentas chamadas múltiplas será constituídas por ferramentas duplas, triplas, e eventualmente quádruplas. Pode-se chamar complexas as ferramentas que apresentam dois bordos ativos de função diferente. Por exemplo: uma faca-raspador, serão ferramentas complexas. Os exemplos são numerosos. Quase todos os tipos de ferramentas de lascas, utilizadas por pressão são combináveis entre si. As combinações são mais raras entre as ferramentas de bloco utilizadas por percussão (com ou sem cabo), pois é necessário reservar um lugar importante e já especializado para a preensão ou o encabamento. É também raro que sejam combináveis entre si, em uma mesma ferramenta, ações por pressão e ações por percussão; as mãos de mó e de pilão, entretanto, combinam frequentemente essas duas séries de ações.

FERRAMENTA FORTUITA – É uma estilha de lascamento, fragmento de utensílio, núcleo etc. que foi utilizado para um fim qualquer, sem ter sido fabricado propositalmente para essa finalidade. A ferramenta fortuita é reconhecida, seja pelo ajeitamento de um bordo (retoques), seja pelas marcas de uso dos bordos (escamamento, gasto etc.) ou de uma face (marcas de golpe, por exemplo). Os bordos de fratura de utensílios mostram muitas vezes retoques ou marcas de uso. Nesse caso tem-se uma ferramenta fortuita constituída por um fragmento de objeto de lasca ou de bloco.

FERRAMENTA MÚLTIPLA – Ver Ferramenta Dupla.

FERRAMENTA PLANO-CONVEXA – Colocam-se nessa categoria todos os utensílios de lasca ou de bloco que apresentam uma face inferior plana e uma face superior convexa. Se nos limitássemos a essa definição, quase todas as lascas e utensílios de lasca en-

trariam nessa categoria de utensílios plano-convexos, pois sua face de lascamento geralmente se aproxima de uma face plana. Portanto, para distinguir as ferramentas chamadas plano-convexas das outras de lasca, é necessário fazer entrar na definição outros critérios e particularmente o ângulo do gume (que é tipicamente muito aberto) e a relação entre a espessura do utensílio e sua largura e comprimento (são caracteristicamente ferramentas espessas). Esse ângulo e essa relação, não podem ser definidos *a priori*, e somente após a análise de um número suficiente de ferramentas plano-convexas é que será possível determinar, com precisão, quais as características que lhe são comuns (ângulo do bordo ativo, proporções gerais). As ferramentas plano-convexas compreendem: raspador lateral, raspador, lesma, plaina, enxó, ferramentas denticuladas. São utilizadas para raspar, ralar, igualar, aplainar etc., isto é, para retirar películas finas paralelamente à superfície da matéria a ser trabalhada (Laming-Emperaire, 67).

FISSURA – Ver Gretado.

FLANGE – Apêndice semelhante a uma borda horizontal adicionado à parte externa do vasilhame cerâmico. Quanto à posição, podem ser: labial (abaixo da borda), mesial (no bojo) e basal (na base) (Pronapa, 76).

FLECHA – Artefato composto por uma Ponta de Arremesso (Ver), uma haste longa e uma fenda na Extremidade Proximal (Ver), onde se apoia na corda do arco, para ser arremessada.

FLEXIBILIDADE – A qualidade de poder se curvar, sem se quebrar; o contrário de quebradiça. Não se confunde com Elasticidade (Ver).

FLUORESCEINA – Ver Teste da Fluoresceina.

FOGÃO – Local de aquecimento ou cozimento, podendo ser aberto, semissubterrâneo ou subterrâneo, com pedras ou não.

FORMAÇÃO BARREIRAS – Ver Barreiras, Formação.

FORMADOR – Curso d'água que, em conjunto com outros, dá origem a um Rio. Ver Afluente.

FOTOGRAFIA AÉREA – Técnica de Prospecção (Ver) que se utiliza da interpretação de fotos tomadas de aviões, para buscar identificar sítios arqueológicos no solo, e que tem propiciado resultados muito satisfatórios, particularmente quando são utilizados pares estereoscópicos de fotografias, o que permite melhor exame do relevo. Em arqueologia, são mais úteis as fotos tomadas obliquamente, ao nascer ou pôr do sol, e altitudes não muito grandes, que são mais fáceis de interpretar.

Os indícios mais frequentes são: 1) Sinais de sombras; 2) Marcas no solo; e 3) Alterações na cobertura vegetal.

FRAGMENTO – Parte desprendida de um bloco que tem tamanho e forma totalmente irregular (imprevisível), anguloso e a esmo. É o resultado de um golpe forte, além dos limites da elasticidade da rocha, cujo choque provoca o colapso da estrutura interna dela. É um produto do espatifamento.

FRAGMENTO DE TAIPA – Pedaço de barro com impressões de estruturas ou trançados de madeira, restantes de construções (Pronapa, 76).

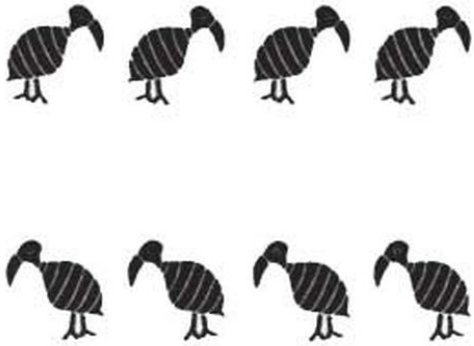
FRATURA – Um aspecto da clivagem, especialmente ao definir as formas da ponta ou das margens da lasca. Existem fraturas "Feathered" (Ver), produzidas por lascamento controlado de uma rocha de textura fina, e fraturas em forma de degraus (ângulos) ou em forma de dobradiça (curva no sentido da face externa), provocados por golpes abruptos.

FUNCIONAL – Ver Tipologia.

FUNDO DE CABANA – Designação genérica para várias marcas circulares ou elípticas de cabanas, próximas entre si, as quais não apresentam evidências claras de serem contemporâneas. Classificação morfológica sem significado cultural. Ver Aldeia e Aldeamento.

FURADOR – É ferramenta de lasca que apresenta uma ponta muito bem delimitada, quase sempre obtida no ponto de encontro de dois bordos, dos quais um apresenta retoques, internos e o outro, retoques externos. A secção da ponta é triangular ou quadrangular. A diferença entre a ponta e o furador se restringe ao destaque dos bordos que, no furador, tendem a se tornar ligeiramente côncavos. Existem, também, furadores triédricos, feitos sobre Cristal-de-Rocha (Ver).

G



GALERIA SUBTERRÂNEA – Corredor em terreno friável ou alterado, nas encostas ou em superfícies planas, com entradas oblíquas, verticais ou horizontais, formando ou não ramificações e salões (Pronapa, 76). Ver Casa Subterrânea.

GARGANTA – É uma ranhura, periférica, perpendicular ao eixo longitudinal, situada em níveis variados da parte de encabamento. É necessário indicar se a garganta é descontínua ou incompleta ou se ela é oblíqua em relação ao eixo longitudinal. Pode ser interessante anotar a forma do perfil de uma garganta e suas marcas de utilização.

GEOCRONOLOGIA – Termo genérico referente às Datações Absolutas (Ver) e Relativas (Ver).

GEOGLIFO – Tipo de manifestação de Arte Rupestre (Ver) de grandes dimensões, geralmente no topo de planaltos ou encostas de montanhas, feitos por escavações no solo, ou pelo amontoamento de seixos e terra, que constituem as linhas que definem os

motivos. Os mais famosos são os de Nazca, Peru.

GEOGRAMA – O mesmo que Coluna Geológica (Ver).

GEOMÉTRICO – Termo de uso muito abrangente em arqueologia, geralmente indica motivos, tanto na Arte Rupestre (Ver) como na decoração de cerâmica.

GEOMORFO – Em Arte Rupestre (Ver), diz-se dos motivos que espelham acidentes geográficos.

GLACIAÇÃO – Ver Período Glacial.

GLACIAL – Ver Período Glacial e Estádio Glacial.

GLOBULAR – Termo de uso muito amplo em arqueologia, geralmente refere-se ao Bojo (Ver) esférico de recipientes cerâmicos.

GOLPE DE BURIL – É uma pequena lasca, alongada, obtida no decurso de fabricação de um buril, por um lascamento, perpendicular ao plano principal da lasca que o constituirá.

GOLPE LINEAR – Qualquer lascamento produzido pelo lado de um Percutor (Ver).

GOLPE PUNTIFORME – Um golpe desfechado por um percutor duro e arredondado, de modo que o momento de impacto comunica-se abruptamente a um ponto reduzido da plataforma, não sendo abafado e distribuído como no caso do golpe linear (Ver). Produz um bulbo de força pequeno e nítido.

GPS – O Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América do Norte opera e mantém o Sistema Global de Posicionamento (*Global Positioning System – GPS*) de satélites, os quais orbitam a Terra a uma altitude de aproximadamente 20.000 km. Cada satélite tem seu sinal de identificação e padrão de transmissão. Os receptores GPS, no solo, monitoram os satélites e calculam a posição (latitude, longitude e altitude) do ponto onde se encontram, usando os dados fornecidos pelos tais satélites. São aparelhos portáteis, facilmente transportáveis, muito úteis na Localização (Ver) de sítios arqueológicos. Existem monitores GPS que monitoram de 3 até mais de 24 satélites.

GRAFISMO RUPESTRE – O termo tem sido utlizado como sinônimo de Arte Rupestre ou Sinalação Rupestre (Ver).

GRAFITO – Tipo de manifestação de Arte Rupestre (Ver) em que os motivos são desenhados com o pigmento em estado sólido: Bastonetes (Ver) de Hematita (Ver), Limonita (Ver), carvão vegetal etc.

GRANULAÇÃO – Tamanho dos elementos cristalinos que entram na composição de uma rocha; textura oposta a compacta.

GRAVADO – Tipo de decoração que consiste na retirada de faixas ou porções da superfície da cerâmica, por

abrasão, com um instrumento apropriado, após a queima. Tipo de Petroglifo (Ver) obtido pelo atrito transversal de uma lâmina ou seixo sobre a Rocha suporte (Ver).

GRETA – Pequena fenda estreita produzida pela desidratação. Pode indicar exposição ao fogo.

GRETADO(A) – Superfície recoberta por uma rede de finíssimas fissuras, rachaduras e fendas, devido ou à dessecação da rocha ou à ação das mudanças térmicas. – Aparência da superfície da cerâmica, rachada ou trincada pela ação da temperatura (Pronapa, 76).

GRUTA – Ver Caverna.

GUME – Parte ativa de um instrumento cortante. Indicar-se-á qual o bordo que serviu de gume (com o estudo de sua forma e de seu ângulo). Observar-se-á à lupa qual a extensão dessas marcas, bem como sua natureza (estrias de uso e sua direção, por exemplo). Pode-se, desse modo, formular uma hipótese sobre o tipo de uso. O fio do gume é a linha formada pela intersecção das duas faces. Esse termo é usado unicamente em um sentido funcional e quando se deseja especificar a quantidade do gume: fio agudo, muito agudo etc. (Laming-Emperaire, 67).

H

HABITAÇÃO, SÍTIO – Local com evidências de ocupação prolongada (Pronapa, 76), onde se identificam atividades de subsistência. Classificação funcional. Veja Aldeia.

HEMATITA – Mineral de Ferro (Fe_2O_3) de cor preta, cinza ou cinza-escuro, de brilho metálico e traço vermelho-sanguíneo, dureza 5,5 a 6,5 na Escala de Mohs, muito empregada como Matéria Corante (Ver) ou pigmento, na elaboração de Pinturas Rupestres (Ver), decoração de cerâmica, pintura corporal etc., tanto em estado bruto como purificada e preparada. Ver Bastonete.

HIPOGEU – Escavação subterrânea para sepultamento. Termo praticamente em desuso.

HOLOCENO – Quaternário Recente, em oposição ao Pleistoceno (Ver) ou Quaternário Antigo. Admite-se que teria iniciado há ± 12.000 anos. Acredita-se que no início do Holoceno o clima continuava muito frio e seco, e que o nível do mar estava bem abaixo do atual. Ao longo do Holoceno, ocor-

reram várias transgressões marinhas, com o nível do mar ficando acima do atual. A figura (Prous, 92) apresenta a curva de variação climática de Emperaire, e as curvas de variação do nível do mar de Fairbridge e de Martin, Suguio e Flexor. Ver Coluna Geológica e Transgressão Pós-Glacial.

HOMEM DE JAVA – Termo em desuso. Refere-se ao *Homo erectus* (Ver) cujos restos foram encontrados em Java.

HOMEM DE NEANDERTAL – Ver *Homo sapiens neanderthalensis*.

HOMEM DE PEQUIM – Termo em desuso. Referese ao *Homo erectus* (Ver) cujos restos foram encontrados em Choukoutien, China.

HOMEM DA RODÉSIA – Termo em desuso. Referese aos de restos *Homo sapiens neanderthalensis* (Ver) recuperados na gruta de Broken Hill, Rodésia.

HOMINÍDEOS – Família *Homidae*, de mamíferos primatas da superfamília dos hominoides (*Hominoidea*) que inclui as formas humanas extintas e atuais: *Homo sapiens sapiens*, *Homo sapiens neanderthalensis*, *Homo erectus*, *Homo habilis*, *Australopithecus africanus*, *Ausfralopithecus boisel* e *Ausfralopithecus afarensis* (alguns autores somente reconhecem as duas primeiras espécies de *Australopithecus*). Alguns acham que essa família adquiriu individualidade no Oligoceno (Ver), há 35 milhões de anos; outros, não lhe atribuem mais que dez milhões. Distinguem-se dos pongídeos (macacos antropoides: gibões, orangotangos, chimpanzés e gorilas), por caminharem eretos, terem encéfalo com maior complexidade estrutural, capacidade funcional e tamanho, dentes pequenos, face mais achatada e vertical, com arcadas supraciliares e mandíbulas proporcionalmente menores, polegar oponente, esqueleto e partes moles com maturação, formas e proporções diversas.

HOMINIZAÇÃO – Conjunto das transformações anatômicas, fisiológicas, ecológicas e psicológicas ao fim das quais certos mamíferos primatas adquiriram os caracteres que definem o homem atual, que parecem ter ocorrido na África oriental e na Ásia.

HOMINOIDE – Superfamília *Hominoidea* de primatas superiores desprovidos de caudas.

HOMO – Gênero que compreende o homem moderno (*Homo sapiens sapiens*), o *Homo sapiens neanderthalensis* (Ver), o *Homo erectus* (Ver) e o *Homo habJiis* (Ver).

HOMO ERECTUS – Anteriormente conhecido como *Pithecantropus erectus*, é uma forma extinta do gênero *Homo* que viveu durante o Pleistoceno médio, há mais de 500.000 anos. Tinha 1,5 m de altura, fronte deprimida, arcos supraciliares proeminentes e não tinha mente. Caminhava erguido, e sua capacidade cerebral variava entre 800 e 1.200 cm^3. Os achados mais bem estudados são os de Java e Pequim, os de Olduvai (Norte da África), e os da

Europa (Mauer e Vertesszollos). Conhecia e utilizava o fogo, e produzia *Pebble Tools* (Ver) e *Choppers* (Ver).

HOMO HABILIS – Forma mais antiga do gênero *Homo*, foi identificado em Olduvai (Norte da África) nos mesmos níveis em que ocorriam restos do *Ausfralopithecus boisei*. Inicialmente considerado uma espécie do *Australopithecus*, o fato de apresentar maior capacidade craniana, e o perfil do crânio, além de produzir toscos artefatos líticos (Ver *Pebble Tools*) levou a que fosse incluído no gênero *Homo*.

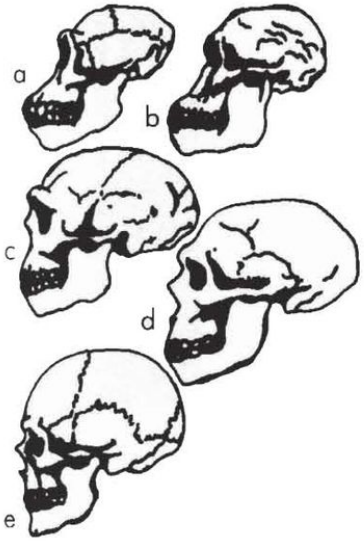
HOMO NEANDERTHALENSIS – Ver *Homo sapiens neanderthalensis*.

HOMO SAPIENS – Homem atual. Surgiu cerca de 50.000 anos atrás, durante o Paleolítico superior, embora formas pré-sapiens já existissem há mais de 300.000 anos. Na figura, comparação entre os crânios do gorila (a), do *Australopithecus* (b), do *Homo erectus* (c), do *Homo sapiens neanderthalensis* (d) e do homem moderno (e).

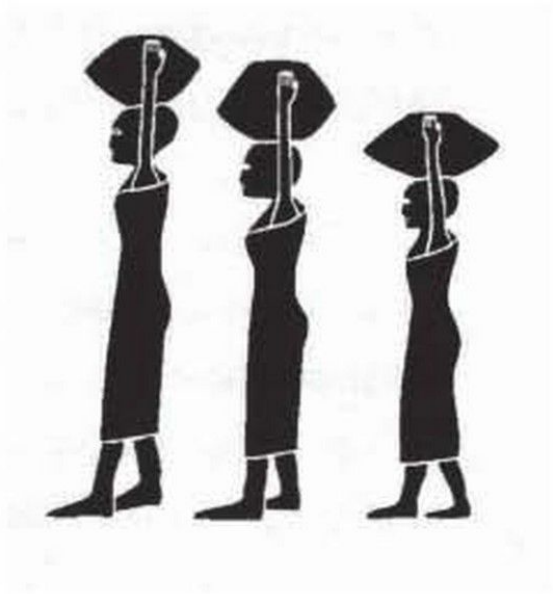
HOMO SAPIENS NEANDERTHALENSIS – Forma extinta do *Homo sapiens* que teria surgido há ± 100.000 anos, habitou uma ampla faixa de território na África, Ásia e Europa. Não tinha mente, apresentava arcos supraciliares salientes e fronte fugidia, mas sua capacidade craniana era análoga à do homem atual. Produzia artefatos em sílex, e sepultava os mortos com acompanhamento funerário, o que demonstra a existência de crenças religiosas. O *Homo sapiens neanderthalensis* é, de acordo com alguns autores, antepassado direto do homem atual e, segundo outros, uma espécie distinta do gênero *Homo*.

HOMOGENEIDADE – Qualidade de uniformidade de composição e estado físico por meio de todo a matéria-primo; uma só substância que não varia.

HORIZONTE – Grupos de elementos ou técnicos que se distribuem espacialmente, em tempo relativamente curto (Pronapa, 76).



I



IDADE DA PEDRA – Primeiro período tecnológico da humanidade. Subdivide-se em Paleolítico, Mesolítico e Neolítico. Cronologicamente, varia muito de um lugar para outro, e algumas culturas contemporâneas ainda vivem nesse período.

IGNIMBRITO – Rocha vítrea, efusiva, escura, semelhante à obsidiana.

IMPRESSO EM ZIGUE-ZAGUE – Tipo de decoração cerâmica que consiste em se imprimir marcas contínuas, em zigue-zague, conseguidas fazendo avançar um instrumento em forma de lâmina, com movimento de semirrotação alternada, da direita para a esquerda e vice-versa.

IMPRESSÃO – Técnica de produção de Arte Rupestre (Ver), em que o motivo é obtido pela compressão do motivo untado de tinta sobre a Rocha suporte (Ver).

IMPRESSÃO NEGATIVA – Ver Aspersão.

IMPRESSÃO PALMAR – Motivo presente na Arte Rupestre, obtido pela

compressão da palma da mão untada de tinta sobre a Rocha suporte (Ver).

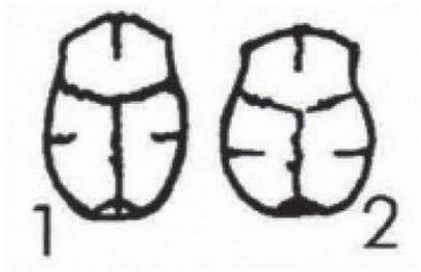
IMPRESSÃO PLANTAR – Motivo presente na Arte Rupestre, obtido pela compressão da planta do pé untada de tinta sobre a Rocha suporte (Ver).

INCISO – Tipo de decoração cerâmica que consiste em incisões praticadas por meio de extremidade aguçada de instrumentos variados, na superfície da cerâmica, antes da queima. As incisões variam em comprimento, largura e profundidade, podendo apresentar seções regulares ou irregulares (Pronapa, 76). – Tipo de decoração plástica que consiste em incisões praticadas por meio de extremidade aguçada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões na superfície da pasta ainda úmida.

INCLINADA EXTERNAMENTE – Tipo de borda (Ver) de vasilhame cerâmico, que deriva retilineamente para fora dele.

INCLINADA INTERNAMENTE – Tipo de Borda (Ver) de vasilhame cerâmico, que deriva retilineamente para dentro do Pescoço (Ver), para o Lábio (Ver). Resulta que o diâmetro da borda é menor que o diâmetro do pescoço.

ÍNDICE CRANIANO HORIZONTAL – Uma das medidas mais empregadas em Antropologia Biológica (Ver) expressa a proporção percentual entre largura máxima e comprimento máximo da calota craniana. Um índice inferior a 70 é hiperdolicocrânio, entre 70 e 75 é dolicocrânio (1), entre 75 e 80, mesocrânio, entre 85 e 90, braquicrânio (2), e acima de 90, hiperbraquicrânio. Foi um índíce de grande importância, mas hoje é discutido em associação com outros elementos, não tendo mais valor diagnóstico no estabelecimento de tipologias humanas.



INDÚSTRIA – Associação de artefatos ou utensílios do mesmo tipo (Ver Tipologia) que se repete de tal forma que parece indicar pertenceram a uma mesma cultura. Ver Associação.

INDÚSTRIA DE BLOCO ou DE NÚCLEO – Conjunto de objetos de pedra lascada, obtidos a partir de uma massa inicial, que constituirá o próprio corpo do objeto; essa massa será preparada e adquirirá uma forma por meio de lascamentos mais importantes do que simples retoques dos bordos. Esses lascamentos afetam a massa do objeto. Os lascamentos podem ser mais ou menos numerosos, podem se restringir a uma face (objeto unifacial), ou estender-se a duas faces (objeto bifacial) ou ocasionar muitas faces (objeto poliédrico). A massa inicial de um objeto de bloco pode ser uma lasca

espessa, que geralmente será preparada de uma só face, constituindo, portanto, um objeto unifacial. Ao invés de indústria de bloco, costuma-se dizer também indústria sobre núcleo.

INDÚSTRIA DE LASCA – Conjunto de objetos de pedra lascada, constituídos por lascas que, após seu destacamento do núcleo (debitagem), permanecem tal qual (lascas brutas), ou então sofreram, como único trabalho, o de acabamento (trabalho secundário), o qual pode atingir os bordos ou o plano de percussão, mais raramente a face interna, e a externa, não afetando nunca a massa da lasca.

INDÚSTRIA LÍTICA – Conjunto de artefatos líticos; esse termo, às vezes, é empregado erroneamente para indicar sítios pré-cerâmicos. Ver Artefato Lítico, Indústria de Bloco, Indústria de Lasca, Oficina Lítica.

INDÚSTRIA DE NÚCLEOS – Ver Indústria de Seixos.

INDÚSTRIA QUERATO-ÓSTEO-ODONTO-MALACOLÓGICA – Conjunto de artefatos elaborados sobre chifre, casco, osso, dente, marfim ou concha. Ver Artefato Querato-Osteo-Odonto-Malacológico.

INDÚSTRIA DE SEIXOS – Este termo geralmente denomina um conjunto de utensílios (ou de armas), grosseiros, fabricados a partir de seixos. Uma grande proporção das indústrias líticas sul-americanas e principalmente das culturas litorâneas ou dos bordos dos rios, são fabricadas a partir de seixos. Elas não apresentam características particulares e compreendem utensílios (ou armas) de lascas, utensílios (ou armas) de bloco, utensílios (ou armas) picoteados ou polidos. Na análise de uma peça, limitar-nos-emos a indicar, quando possível, se essa peça foi fabricada ou não a partir de um seixo, sem considerar esse traço como de importância particular, nem fazer uma categoria especial para tal peça (Laming-Emperaire, 67).

INDUTO – Pigmento (matéria corante) que era depositado no interior dos sulcos dos Petroglifos (Ver). Acredita-se que, originalmente, a maioria dos petroglifos possuísse induto, o qual desapareceu por ação do intemperismo.

INFLORESCÊNCIA – Por ação do intemperismo e do gás carbônico expelido na respiração animal, o Calcário (Ver) das grutas se solubiliza e torna a cristalizar, na forma de Calcita (Ver), a qual, muitas vezes, recobre parcial, ou totalmente, manifestações de Arte Rupestre (Ver). O nome vem das formas caprichosas que assume, lembrando flores.

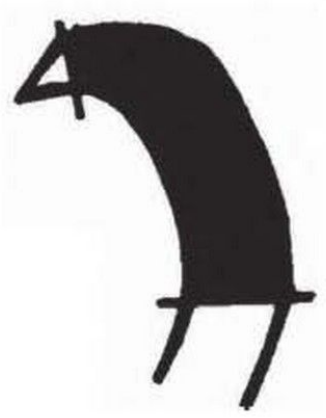
INTERGLACIAL – O mesmo que Estádio Interglacial (Ver). Longa fase temperada ou aquecida separando dois Períodos Glaciais (Ver).

INTERESTÁDIO – Fase climática menos fria no decorrer de uma glaciação. Ver Período e Estádio Glacial.

INSTRUMENTO – Qualquer agente mecânico que se emprega para executar um trabalho ou uma operação, coisa que serve de meio ou de auxílio para determinado fim. O sentido é mais geral que o de ferramenta. Sob o nome instrumento pode-se agrupar ferramentas e armas, mas o seu sentido é impreciso e, portanto, é melhor evitá-lo nas descrições tipológicas.

INTROVERTIDA – Tipo de Borda (Ver) de vasilhame cerâmico que se curva para dentro.

INUMAÇÃO – Ato ou efeito de enterrar. O mesmo que enterro, enterramento, sepultamento.



IRREGULAR – Qualquer gênero de Borda (Ver) que não se ajusta à definição dos outros tipos.

ISOMORFISMO – Qualidade estrutural homogênea e compacta da rocha, semelhante à de um líquido superarrefecido.

ITAIÇÁ ou ITAIZÁ – Machado circular, polido com perfuração central, em geral bicônica, para preensão; o gume está em toda a periferia. Alguns autores dizem que seria peso de lastrar: era colocado na extremidade de uma haste e, na outra, havia uma ponta que servia para perfurar o solo e, posteriormente, semear. Acreditamos mais em utilização como arma, presa a uma corda (fibra vegetal) ou couro (Mentz-Ribeiro, 77).

ITAIZÁ – Ver Itaiçá.

J

JASPE – Calcedônia impura de cores variadas, resultante da combinação de calcadônia em sedimentos argilosos, ou argilas residuais com a absorção ou infiltração dos dois minerais simultaneamente. Às vezes a argila pode encolher, deixando assim ranhuras ou fendas, as quais são preenchidas por calcedônia (portanto translúcida), o que dá à matéria-prima uma aparência de ter sido quebrada; no entanto, tais rachaduras e fendas são muito bem ligadas pela calcedônia, produzindo apenas desenhos numa massa homogênea e opaca.

JAZIDA – Termo genérico aplicado a qualquer sítio arqueológico. Pouco usado na atualidade.

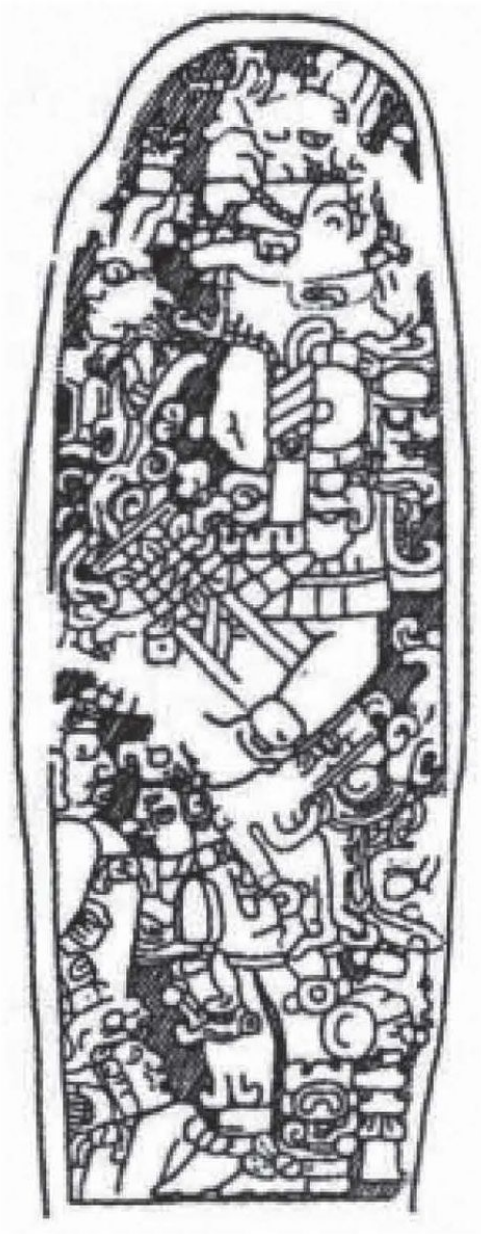
JAZIDA PÁLEO-ETNOGRÁFICA – Designação atribuída, por João Alfredo Rohr, a sítios testemunhos de bandos de caçadores e recoletores do litoral meridional, geralmente pré-cerâmicos, podendo apresentar cerâmica nos níveis superiores, que se caracterizam por estratos pouco espessos, de solo escuro, contendo carapaças de moluscos, ossos de peixes e evidências cul-

turais. Algumas vezes confundem-se com Sítios sobre dunas (Ver) e com Sambaquis terrosas (Ver). Classificação cronológica imprecisa.

JAZIDA PRIMÁRIA – Sítio arqueológico em que todas as evidências culturais encontram-se "In sitf" sem alterações secundárias. Não se trata de um tipo de sítio, mas de uma classificação genérica.

JAZIDA SECUNDÁRIA – Sítio arqueológico decorrente do transporte e redeposição das evidências culturais por ação da água, de erosão, ou de atividade humana posterior.

L



lABIAL – Ver Flange.

LÁBIO – Extremidade da borda, o lábio pode ser: 1 – Plano; 2 – Arredondado; 3 – Apontado; 4 – Biselado; 5 – Dentado ou serrilhado; 6 – Ondulado.

LADO – Um lado de uma lâmina é uma superfície, perpendicular ou oblíqua às faces principais, e que ao mesmo tempo as separa. Um lado é definido por suas dimensões e forma. A descrição morfológica de um lado faz-se seguindo o modelo da descrição de uma face, definindo a forma em plano, depois as curvaturas no sentido longitudinal e transversal. Pode-se também medir os ângulos que o lado forma com as faces, superior e inferior, e finalmente indicar se os ângulos formados têm as arestas vivas, atenuadas ou arredondadas. – A noção de lado de uma lasca é mal definida. Na maioria dos casos, uma lasca apresenta uma face interna aproximadamente plana, uma face externa mais ou menos convexa e sua intersecção forma bordos e não lados. Entretanto, quando a face externa apresenta uma superfície longa e estreita, bem delimitada, paralela

a um dos bordos, formando, com a face interna, um ângulo próximo de 90°, chama-se geralmente a essa superfície de lado, ou de dorso da lasca. O lado pode ser definido por suas dimensões, sua forma e pelos ângulos que forma com a face interna e com a face externa. – Quando duas faces entram em contato diretamente, a linha assim definida chama-se Bordo (Ver) (Laming-Emperaire, 67).

LÂMINA DE MACHADO LASCADA – Nomenclatura funcional-morfológica. Artefato elaborado por lascamento. Nos tipos mais toscos, não existe o retoque, lascamento fino, por pressão e, nos de melhor confecção, poucos no bordo ativo. Servia para cortar, fender, retalhar um animal ou escavar o solo para extrair raízes, além de poder ser encabado em um cabo de madeira, e usado manualmente para derrubar árvores. – É uma ferramenta de bloco, lascada bifacialmente e apresentando um gume mais ou menos perpendicular ao eixo longitudinal. Não é necessário distingui-la da machadinha (*hachereau*), tipo pouco conhecido na América do Sul e que foi definido por Bordes (1961) como sendo um biface "de forma geral muito variada, geralmente bem espesso, mas apresentando uma aresta mais ou menos transversal oposta à base. Essa aresta, mais ou menos oblíqua em relação ao eixo da peça, pode ser retilínea, convexa, algumas vezes côncava ou escavada em goiva". As formas são variáveis (Lamiming-Emperaire, 67).

LÂMINA DE MACHADO PICOTEADA ou MARTELADA – Chama-se lâmina de pedra picoteada ou martelada o produto da operação de picoteamento, apresentando um gume mais ou menos afiado e uma parte reservada ao encabamento ou mais raramente à suspensão. Existem lâminas picoteadas de machado, de enxó, de picão etc. Em todos os casos que se conhece o gume é polido. As lâminas de machado picoteadas são típicas dos Sambaquis (Ver).

LÂMINA DE MACHADO POLIDA – Ela diverge da lâmina de machado lascada somente pela técnica de fabricação e pela maior variabilidade das formas. Existem alguns tipos com gargalo ou pescoço para melhor encabamento. Alguns poderiam ter sido utilizados, também, como cunhas. Entre as formas sul-americanas mais notáveis podemos assinalar a Itaiçá (Ver) ou machado perfurado e o Machado Semilunar (Ver) ou em âncora. Gume em bisei duplo, contacto por uma linha agindo por percussão.

LÂMINA DE MACHADO DE MÃO – Ver Machado de Mão.

LÂMINA DE MACHADO SEMILUNAR – Nomenclatura funcional-morfológica. Machado polido em forma de âncora. A etnografia registra-o como machado cerimonial. Ocorre do norte do Rio Grande do Sul para o restante do país.

LÂMINA POLIDA – Chama-se lâmina de pedra polida o produto, não en-

cabado, das operações de polimento, apresentando um gume, mais ou menos aguçado e uma parte reservada ao encabamento ou mais raramente à preensão ou à suspensão. Existem lâminas polidas de machado, enxó, picão etc.

LAPA FUNERÁRIA – Tipo de abrigo-sob-rocha de teto plano, muito comum no Planalto Central, onde localizam-se sepultamentos. Termo em desuso. Classificação funcional.

LASCA – Fragmento de rocha, debitado por uma percussão aplicada em um ponto determinado do núcleo. A lasca apresenta, tipicamente, um Plano de percussão (Ver), a superfície sobre a qual foi aplicada a percussão, uma Face externa (Ver), que se encontrava no exterior do núcleo antes da debitagem, uma Face interna (Ver), que se encontrava no interior do núcleo antes da debitagem, onde se encontra o Bulbo (Ver). Na terminologia aplicada as indústrias distinguem-se as lascas, às vezes pela fase de fabricação à qual elas correspondem (lasca inicial, lasca de descorticamento etc.), às vezes pela sua forma (lasca oblíqua, ponta desviada etc.), às vezes pelas suas proporções (lâminas, lamelas). A maior parte desses caracteres pode-se combinar entre si. Leroi-Gourhan distingue, considerando a relação Comprimento x Largura, as seguintes categorias de lascas: 1. Lascas muito grandes (de mais de 15 cm de comprimento); grandes (10 cm); médias (8 cm); pequenas (6 cm); muito pequenas (4 cm); minúsculas (2 cm); 2. Lascas muito largas (cuja relação C/L é superior a 1; quase longas (relação C/L igual a 1,5) longas (relação C/L igual a 2); laminares (relação C/L igual a 3); lâminas (relação C/L igual a 4); lâminas estreitas (relação C/L igual a 6); lâminas muito estreitas (relação C/L igual a 10) (Laming -Emperaire, 67). Na figura, (1) é a face externa e (2) a interna, (a) indica o plano de percussão, (b) lascamentos secundários, (c) superfície de lascamento, e (d) retoques internos.

LASCA BRUTA – Uma lasca bruta é uma lasca qualquer, que não sofreu trabalho secundário. Uma lasca retocada é uma lasca na qual foram praticados retoques.

LASCA DE BURIL – Lasca resultante da confecção de um buril (Ver), obtida por uma percussão transversal à face do artefato.

LASCA COM DORSO – É uma lasca de secção transversal triangular, da qual um bordo longitudinal, abrupto e estreito, forma um dorso contínuo. O dorso é chamado natural (*naturel*), por Leroi-Gourhan, se ele é constituído por córtex (poder-se-ia também chamá-lo cortical); é também chamado de dorso de preparo (a dos de *préparation*) quando constituído pela marca de lascamento anterior.

LASCA DE DESCORTICAMENTO – Após a lasca inicial (descrita a seguir), outras lascas são retiradas; a face externa dessas lascas é constituída, em parte, pelas marcas das retiradas dos lascamentos precedentes

e, em parte, pelo córtex. Tais lascas são chamadas de lascas de descorticamento. Podem ser utilizadas tais quais ou retocadas e utilizadas; geralmente são abandonadas no próprio lugar onde se debitou a pedra. Uma lasca de ângulo é constituída por um ângulo retirado do núcleo.

LASCA INICIAL – É a primeira lasca destacada de um núcleo, ainda revestido de seu córtex. Não há plano de percussão; quando ele existe é formado por uma plataforma natural da rocha. A face externa da lasca é inteiramente revestida pelo córtex; a lasca inicial pode ser chamada de lasca vertical. Essa lasca pode ser utilizada tal qual ou então ser retocada antes de servir.

LASCA OBLÍQUA – É aquela cujo eixo de debitagem é oblíquo em relação ao eixo morfológico.

LASCA UTILIZADA – Este termo é utilizado para designar uma lasca que não corresponde a nenhum dos tipos definidos; ela não é retocada e mostra, em um ou vários bordos, marcas de uso. O bordo de uma lasca não retocada é agudo, frágil e seu uso corresponde, geralmente, ao de uma faca.

LASCAMENTO – Técnica (ou técnicas) de modificação de um fragmento de rocha por um golpe de força e trajeto predeterminados, de modo que se destaca um fragmento menor (lasca) de forma também predeterminada. Alguns autores mais antigos usam o termo Lasqueamento.

LASCAMENTO BIPOLAR – Técnica de lasqueamento no qual o núcleo é colocado sobre um suporte duro (bigorna) ou mole (terra). No primeiro caso, de acordo com o ângulo, o resultado pode ser espatifar ou fender o núcleo; no segundo, espatifar ou tirar uma lasca côncava.

LASQUEAMENTO – Ver Lascamento.

LASCAMENTO POR PERCUSSÃO – Foi dividida por Bordes em duas séries: a percussão simples e a percussão esmagada (*percussion écrasée*). A Percussão simples (Ver) pode ser feita por meio de ferramentas de pedra, de madeira ou de osso. A percussão simples com pedra, na sua forma mais elementar, consiste em bater no núcleo com uma outra pedra, de modo a destacar uma lasca. A superfície de impacto de um seixo é teoricamente punctiforme. Não é a violência do golpe que determina o tamanho da lasca, mas, sim, o peso do percurtor. A percussão simples, com percutor de madeira ou de osso, se faz do mesmo modo, mas o percutor é um osso longo ou um pequeno pedaço roliço, de madeira dura. A superfície de impacto é linear. Quanto à Percussão esmagada (Ver), é utilizada quando se deseja obter retoques muito abruptos. Pode consistir: 1. em pousar o bloco que se deseja debitar sobre um suporte e bater sobre ele com um grande percutor. Desse modo, há dois pontos de impacto: um ao nível do percutor e o outro do lado do suporte, e quase sempre resultam dois lascamentos. É o lascamento bipolar; 2. em pousar o bloco que se deseja debitar sobre um suporte

de pedra ou de osso e dar uma série de pequenos golpes, no centro da face superior do objeto. Pequenas lascas se destacam do bordo em contato com o suporte, sobre a face oposta ao contato. É o lascamento por contragolpe; 3. em instalar, sobre o solo, uma grande pedra que desempenhará o papel de suporte. A peça a ser lascada, ou núcleo, é segura com as duas mãos, levantada acima da cabeça e batida com força sobre o suporte. Os planos de percussão das lascas obtidas são muito grandes, muito oblíquos, com bulbo saliente, ponto de impacto visível, cone aparente, algumas vezes múltiplo. É o lascamento sobre suporte.

LASCAMENTO POR PERCUSSÃO INDIRETA – Um punção, de madeira dura, de osso ou de chifre, algumas vezes de pedra, é colocado entre o percurtor e o núcleo. O núcleo é mantido no solo, entre os pés, uma extremidade do punção é colocada sobre o ponto escolhido. O golpe do percutor é aplicado na extremidade oposta.

LEIVA – Bloco cortado da superfície do solo, conservando as radículas de gramíneas, utilizado em construções (Pronapa, 76).

LENTE – Intrusão, de forma alongada, de natureza diversa do material das camadas circundantes, em um sítio arqueológico (Pronapa, 76).

LESMA – Utensílio de bloco (ou de lasca espessa), de forma alongada, lembrando uma lesma. Tipicamente, comporta duas pontas e dois bordos ativos longitudinais, sendo que o retoque afeta toda a periferia da ferramenta. A face inferior é plana. Certas lesmas apresentam um só bordo e duas pontas, ou dois bordos e uma ponta. O bordo ativo é obtido por lascamentos abruptos, executados a partir da face inferior plana. O bordo ativo (ou os bordos ativos), à medida que o utensílio é gasto e reavivado, recuando progressivamente, tornando-se retilíneo e, a seguir, ligeiramente côncavo. O corpo da lesma se adelgaça. Finalmente, nenhum retoque é mais exequível. A lesma se quebra em duas, seja ao ser feito o último retoque, seja durante o uso. A forma mais frequente de se encontrar uma lesma é gasta ou muito usada, ou então em fragmentos que representam a metade do utensílio. Muitas vezes, as duas partes em que se parte uma lesma são, ainda, reaproveitadas, gerando artefatos conhecidos como bicos, uma espécie de pontas triangulares de lesmas. Por suas dimensões, as lesmas formam um conjunto intermediário entre as plainas e os raspadores. Nomenclatura morfológica. Gume em bisei simples, periférico, agindo sob pressão.

LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO – Reconhecimento de uma área geográfica para Localização (Ver) de sítios arqueológicos (Pronapa, 76), também designado por Survey. Ver GPS e Survey.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DE SINALAÇÕES – Tipo de pesquisa voltada para o estudo da Arte Rupestre (Ver), que não envolve escavações.

Consiste na aplicação de um formulário ou matriz de registro de dados a um painel ou sítio desse gênero, mapeando e documentando todas as evidências disponíveis.

LIMONITA – Óxido de Ferro (FeO) de cor amarela, usado como Pigmento (Ver) ou corante.

LINEAR – Tipo de Tratamento (Ver) dos motivos em Arte Rupestre (Ver), que consiste em traçar o contorno da figura com linhas contínuas.

LINEAR CAVO – Idêntico ao Linear (Ver), com preenchimento interno do Petroglifo (Ver) com uma depressão menos profunda que os sulcos que a delimitam.

LINEAR CHEIO – Idêntico ao Linear (Ver), com o preenchimento interno da Pintura Rupestre (Ver) por pigmento de outra cor ou tonalidade.

LINEAR TRACEJADO – Tratamento em Arte Rupestre praticamente idêntico ao Linear (Ver), utilizando linhas descontínuas.

LINHA POLIDA – Tipo de decoração que consiste em passar um objeto sobre a superfície bem seca da cerâmica, antes da queima, produzindo marca polida (Pronapa, 76).

LOCALIZAÇÃO – A identificação e precisa localização de um sítio arqueológico é de fundamental importância para o seu cadastro e preservação. Na atualidade, isso é feito com pequenos aparelhos de várias marcas e modelos, chamados receptores GPS (Ver), que emitem sinais para recebem retorno de satélites geoestacionários, permitindo a leitura digital e precisa da Latitude, Longitude e Altitude do sítio arqueológico. A precisão é maior quanto mais satélites o equipamento puder acessar. – A localização deve ser absolutamente precisa. Caso não se disponha de condições para fixar as coordenadas (latitude e longitude) do sítio no local, deve-se evitar a utilização de coordenadas calculadas pela plotagem do sítio sobre o mapa, pois, dependendo de sua escala, pode-se estar tomando coordenadas de um ponto distante vários quilômetros da real localização do sítio. Como regra geral, tem-se que: quanto maior a escala do mapa, maior o erro introduzido. Nesse caso, é preferível o recurso a uma localização descritiva, ou que tome como referência um acidente geográfico bem conhecido: a 120 m a jusante da Cachoeira das Antas, margem esquerda do rio Tocantins; praia de Piedade, a 50 m da Ponte da Estrela; margem esquerda do rio Iguaçu, entre os meridianos de 51° e 52° W; cabeceiras do rio Camará, ilha de Marajó. Dispondo-se de um mapa-base com escala adequada, razoavelmente precisa, pode-se retirar a localização dele, após nele marcar o ponto em que se encontra o sítio. Um mapa arqueológico se constrói mediante a marcação ou localização de muitos pontos, linhas e outros dados sobre o mapa-base. Seu valor dependerá em grande parte da localização precisa desses dados. Os pontos do terreno podem

ser marcados no plano por vários métodos, devendo-se escolher o mais adequado para uma determinada situação. Se há dúvida sobre a precisão de um determinado método, deve-se utilizar outro a fim de ratificá-lo. Compton (1970) propõe os seguintes processos, que se podem utilizar geralmente onde o terreno e a vegetação permitem uma visibilidade aceitável:

1 – Marcação por meio de inspeção – A informação se plota diretamente sobre o plano por meio da inspeção quando a partir da forma e da configuração dos acidentes é possível identificá-los positivamente no plano. Como, por exemplo, nesses pontos estão as curvas e intersecções identificáveis de rios, caminhos e cordilheiras.

2 – Marcação por meio da inspeção e uma linha de rumo – A informação em torno dos acidentes lineares como as cordilheiras, caminhos e rios, frequentemente pode ser marcada mediante a observação de uma linha de rumo a um ponto que possa ser identificado exatamente no plano, traçando a forma inversa dessa linha de orientação a partir desse ponto até interceptar o acidente linear sobre o qual se encontra o observador. A localização terá maior precisão se a linha de rumo interceptar o acidente linear aproximadamente a 90º. O procedimento pode repetir-se com outra visão para ratificar a localização.

3 – Marcação por meio de inspeção e medição a passos – Quando a visibilidade em torno de um acidente linear como um caminho ou rio não permite utilizar o método descrito antes, pode-se recorrer a uma contagem de passos tomado a partir do acidente em questão. A informação é tomada a partir de algum detalhe identificável ao longo do curso linear. É útil dispor de um contador de passos para esse método, já que as distâncias medidas a passos são, às vezes, grandes.

4 – Marcação por meio de uma linha de rumo e medição a passos – Quando a informação arqueológica não cai sobre algum acidente identificável no plano, pode-se localizá-la tomando o rumo de uma visada e um ponto perto que se possa identificar no plano. A distância desse ponto mede-se a passos e posteriormente se dirige uma visual para atrás a fim de confirmar a orientação, medindo-se novamente a distância, dados que se utilizam para desenhar o sítio no plano. Se não é possível caminhar e remedir os passos em ambos os sentidos, deve-se utilizar um contador de passos de modo a eliminar os erros da conta.

5 – Marcação por intersecção de linhas de rumo – Frequentemente os pontos que podem ser identificados no plano estão demasiado distantes para medi-los a passos, nesse caso deve-se utilizar o método de intersecções. Buscam-se três pontos que possam ser identificados com exatidão no plano e se mede o rumo das visuais para esses três pontos com uma bússola. Ao traçar as linhas de rumo em forma inversa a partir dos pontos identificados sobre o plano por meio de um transportador, as três

linhas devem interceptar-se no ponto onde está o observador. Se os ângulos de intersecção são grandes, haverá maior possibilidade de que as três linhas coincidam sobre o sítio; o ângulo nunca deve ser menor de 30°. Se as três linhas formam um triângulo em lugar de coincidir em uma só intersecção, os rumos e os pontos identificados devem ser ratificados. Para maior segurança podem medir-se rumos até outros pontos. A variação local na declinação magnética pode dar lugar a um erro residual e isso será difícil de corrigir, a menos que se tome um rumo em sentido contrário.

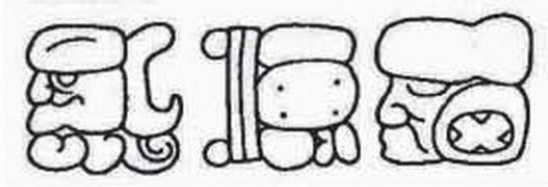
6 – Marcação por meio da intersecção de rumos e curvas de nível – Pode dar-se o caso de que somente seja possível tomar rumo até um só ponto distante, sem embargo, se a elevação do ponto em que está o observador pode ser determinado, a intersecção de linha de rumo e a curva de nível apropriada sobre o plano dará a localização do lugar. A elevação do ponto de observação pode obter-se com uma bússola Bruton como segue:

I – coloque-se a bússola para usá-la como nível de mão.
II – dirija-se uma visual em volta de linhas horizontais aos lugares vizinhos até que se encontre uma crista, uma ondulação ou um divisor de águas desde que fique ao mesmo nível do ponto de observação.
III – identifique-se esse acidente no plano e leia-se a elevação das curvas de nível; essa será a elevação do ponto de observação.

LOMBADA – Ondulações do terreno. Série de colinas pequenas.

LUSTRO – O lustro é um brilho particular, obtido não com o auxílio de um abrasivo, mas esfregando o objeto a ser lustrado com um couro, um pano, folhas especialmente escolhidas etc. O lustro se observa sobre certas lâminas de pedra polida, finamente trabalhadas. Quando esse brilho é observado somente na região do gume, pode ser resultado do uso, involuntário portanto. Nesse caso, não se falará mais de lustro, mas sim de brilho.

M



MACAXEIRA – Regionalismo amazônico. O mesmo que Mandioca (Ver).

MACHADO DE MÃO – Artefato nucleiforme de tamanho grande, lascado bifacialmente, de forma oval ou piriforme, com gume na Extremidade Distal (Ver), destinado a ser usado sem encabamento para fender madeira.

MACHADO DE PEDRA – Um machado é uma ferramenta complexa, constando de um cabo de madeira e uma lâmina; é, portanto, abusivo denominar como "machado" a lâmina isolada, seja ela lascada ou polida. Não se deveria usar para a parte lítica do instrumento, os termos machado lascado ou polido, mas, sim, Lâmina de machado lascada (Ver) ou Lâmina de machado polida (Ver). O encabamento seria adaptado de tal modo que o gume ficaria paralelo ao cabo. – Ainda que raros, já foram recuperados machados completos, o que permitiu estabeler-se que a lâmina era fixada ao cabo com o auxílio de fibras trançadas e resinas ou cera.

MACHO – Chama-se macho uma parte saliente de uma lâmina de machado polida; enquanto que garganta, sulco, depressão e entalhe correspondem a retiradas de matéria, o macho, ao contrário, corresponde a uma parte da rocha que foi reservada quando da fabricação do utensílio. O macho é definido por suas dimensões, sua forma, suas arestas e por sua localização.

MAGMÁTICA, ROCHA – As originadas da consolidação do magma. Incluem as vulcânicas e as plutônicas ou abissais.

MANDIOCA – Também chamada *yuca*, é uma planta leitosa, euforbiácea (*Manihot utilissima*), nativa das terras baixas da América do Sul, cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de amplo emprego na alimentação há, aproximadamente, 3.500 anos AP. Distingue-se a mandioca-brava ou amarga, com alto teor de ácido prússico, venenosa, da mandioca-doce, também conhecida como aipim, aipi, maniva ou macaxeira. Ambas podem ser empregadas como alimento. A mandioca-doce é apenas cozida, enquanto que a mandioca-brava exige ser colocada de molho em água para extrair o ácido. Após expremida, o líquido residual é deixado fermentar, dando origem ao tucupi, um tempero amazônico de cor amarela e sabor forte. A polpa é posta para secar sobre vasilhames de fundo plano, dando origem aos beijus, ou é passada por peneiras com várias malhas, dando origem a farinhas de granulometria diversa. Existem várias hipóteses sobre o local em que teria sido domesticada. As mais antigas propunham o sul da Venezuela ou a margem esquerda do rio Amazonas. Mais recentemente tem sido defendida a ideia de que isso ocorreu no médio curso do rio Tocantins, região americana onde existe o maior número de espécies silvestres. Atingiu o litoral do Peru cerca de 3.000 anos AP.

MANUFATURA, TÉCNICA DE – Termo de uso genérico que, em arqueologia, costuma ser mais empregado em análise de cerâmica, a qual pode ser Moldada, Modelada, Acordelada e Torneada (Ver). Em Arte Rupestre (Ver), seriam as suas Modalidades, Pintura, Petroglifo, Grafito, Geoglifo, etc. (Ver). Para os Artefatos Líticos (Ver) ou Querato-ósteo-odonto-malacológicos (Ver), corresponde às suas técnicas de fabricação, Lascado, Picoteado ou Martelado, Polido (Ver).

MÃO-DE-MÓ – É o objeto ativo complementar da Mó (Ver). É constituída por uma pedra de secção 'arredondada, frequentemente cilíndrica, acionada circularmente, à mão, sobre a parte passiva. Se a forma da pedra é natural, não trabalhada, não se deve identificá-la como mão de mó, mas sim como seixo utilizado. As formas mais frequentes na América do Sul são alongadas e cilíndricas. As faces utilizadas correspondem a uma ou várias faces longitudinais ou à totalidade do perímetro do cilíndro. Elas são fabricadas por picoteamento. Serviriam, principalmente, para moer grãos. O trabalho de esmagamento se efetua por

movimentos circulares e laterais e por uma sequência de pressões e pequenas percussões, entre as quais as pressões são mais importantes.

MÃO-DE-PILÃO – Semelhante à Mão-de-mó (Ver), é maior e atua por percussão, triturando grãos ou minerais com sua Extremidade distal (Ver).

MARAJOARA – Mais conhecida Fase (Ver) cerâmica da ilha de Marajó, em virtude da decoração exuberante, é incluída na Tradição Policrômica (Ver).

MARCADO-COM-CORDA – Tipo de decoração que consiste em imprimir, na superfície externa da cerâmica, antes da queima, marcas de corda (Pronapa, 76).

MARCADO-COM-MALHA – Tipo de decoração que consiste em imprimir, na superfície externa do vasilhame, antes da queima, marcas de malha (Pronapa, 76), ou trançado.

MARCADO-COM-TECIDO – Tipo de decoração que consiste em imprimir, na superfície externa do vasilhame, antes da queima, marcas de tecido (Pronapa, 76).

MARCAS DE FOGO – O fogo tem diferentes formas de agir sobre as rochas. Algumas que contêm óxido de ferro tornam-se avermelhadas; outras como o sílex se fendilham; outros como o basalto ou os quartzitos, soltam lascas que diferem muito de lascas voluntariamente produzidas; outros ainda se alteram e se decompõem.

MARCAS DE FRIO – Um frio intenso ou a geada noturna sucedendo-se a um excesso de sol durante o dia, agem mecanicamente sobre as rochas expostas, produzindo descascamento de paredes de grutas e abrigos, da superfície das rochas, dos artefatos, monumentos etc., por meio de um mecanismo designado esfoliação térmica diferencial. Os lascamentos causados pelo frio mostram uma superfície irregular. Na superfície do sílex, os lascamentos devido ao frio assumem geralmente a forma de depressões semiesféricas. A interpretação das fraturas resultantes do frio é também muito difícil. De um modo geral, os lascamentos devidos a causas naturais são mais irregulares e suas superfícies são menos lisas que as dos lascamentos artificiais, não apresentando nem plano de percussão nem bulbo.

MARCAS DE USO – Pequenas, irregulares e descontínuas modificações do bordo cortante de uma lasca, provocadas pela utilização da peça em alguma atividade industrial do homem.

MARTELO – Termo empregado de maneira vaga, mas, geralmente, é reservado aos pequenos percutores encabados, de pedra lascada ou polida, destinados a esmagar, afundar, enfim, martelar. Ver Massa.

MASSA – O termo é mal definido, mas, geralmente, é aplicado aos grandes percutores encabados, de pedra lascada ou polida, destinados a esmagar, matar, achatar. Conhece-se na América do Sul diversos tipos de massa de

pedra polida como, por exemplo, a argola. – Arma desenhada para golpear pesadamente, com um furo para encabamento. Na figura, os quatro tipos principais: esférica, piriforme, estrelada e discoidal. Ver Martelo.

MASSA INICIAL – Dá-se esse nome ao tipo de material do qual foi tirado um artefato lítico que está sendo estudado, seja este de pedra lascada ou polida. Pode-se determinar 6 tipos essenciais de massa inicial, mas essa lista não é limitativa. A maior parte dos objetos líticos são tirados de um seixo, de uma plaqueta, de um bastonete, de um bloco, de uma lasca, ou de um cristal.

MATÉRIA CORANTE – Óxidos de ferro: hematita (Fe_2O_3), de cor vermelha e a limonita (FeO), de cor amarela, usados pelas populações pré-históricas na pintura corporal, na execução das pinturas rupestres e na decoração cerâmica. Usavam-nos como encontravam na natureza, triturados, adicionando um pouco d'água e gordura animal, esta última como fixador, mas ignora-se a natureza precisa dos solventes, se é que foram empregados. A hematita trabalhada é vermelha e a usavam para a pintura corporal, dos ossos de alguns sepultamentos, (nos sambaquis é comum essa prática ou pelo menos conservou-se melhor) e, ainda, nos vasos cerâmicos e nas pinturas rupestres. A limonita foi mais usada na pintura de cerâmica e na Arte Rupestre. Eventualmente, essas matérias-primas foram queimadas e, em função da temperatura da queima, obtinham tons de vermelho-escuro ao rosa e de amarelo-laranja ao amarelo-limão. Existe o registro do encontro de bastonetes de hematita em sítios com Arte Rupestre de Goiás, e do uso de minérios de manganês para o negro. O branco era obtido do caulim, uma argila, ou do calcário. Dentre os corantes vegetais, possivelmente foram usados o carvão e o suco do genipapo, para tons de negro, e o urucum, vermelho. A matéria corante pode, nos sítios, apresentar-se sob várias formas : 1. matéria corante bruta, são os fragmentos não preparados, mas nos quais pode-se perceber, às vezes, traços de raspagem ou de uso, seja em forma de depressões semiesféricas, seja em forma de facetas. A identificação petrográfica é indispensável; 2. matéria corante preparada, pode ser encontrada em forma de bolas vermelhas ou amareladas, ou como sinais sobre paletas, seixos, conchas etc.; 3. matéria corante utilizada, certos objetos mostram sinais de pintura (utensílios de pedra, ossadas em sepulturas, paredes de abrigo). As quantidades são então mínimas e como em todo caso uma raspagem prejudicaria a peça pintada, uma análise é geralmente impossível. Ver Corante e Hematita.

MATÉRIA(S)-PRIMA(S) – Nas indústrias líticas, rocha da qual é feita a peça

estudada. Sua determinação corresponde a uma identificação mineralógica. Às vezes essa "rocha" é madeira fóssil, que tem quase que as mesmas propriedades que as rochas e lasca bem. Nas indústrias querato-ósteo--odonto-malacológicas (Ver), são cascos ou chifres, conchas, ossos e dentes, respectivamente, e exigem identificação anátomo-taxonômica. Em cerâmica, trata-se da argila e do tempero.

MATERIAL DE SUPERFÍCIE – Material encontrado nas partes externas do sítio, ou aqueles elementos coletados sem sistematização (Pronapa, 76).

MATERIAL ROLADO – Artefatos fora de contexto.

MEGALITO(S) – Estruturas aéreas construídas com grandes blocos de pedra. Incluem-se nessa categoria os dolméns, os menires, os obeliscos, os alinhamentos etc. Não foram registrados no Brasil, exceto os alinhamentos. Classificação cultural.

MENIR – Pedra única, de grandes dimensões, colocada em posição vertical. Ainda não se comprovou sua existência no Brasil. Ver Megalito.

MESOLÍTICO – Período de transição entre o Paleolítico e o Neolítico (Ver), permanecendo o modo de vida do Paleolítico, num ambiente modificado pelo fim do Período Glacial (Ver) e o surgimento de ecossistemas mais diversificados. As indústrias líticas caracterizam-se pela abundância de Microlitos (Ver).

METAMÓRFICA, ROCHA – As originadas na transformação, por pressão e calor, de outras rochas preexistentes. Também chamadas de cristafolianas. Geralmente imprestáveis para lascamento.

MICROLITO(S) – Artefato de reduzido tamanho, feito a partir de uma lasca ou cristal de rocha, geralmente com menos de 3 cm e formas geométricas (triângulos, trapézios, retângulos). Poucos poderão ter sido usados sem encabamento. Embora caracterizem o Mesolítico (Ver) europeu, não são exclusivos deste. Microartefatos sobre lascas foram registrados em Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, em sítios do planalto e no litoral do Rio de Janeiro.

MILHO – Erva alta, gramínea (*Zea mayi*), que produz grãos nutritivos que se dispõem em espigas. Cultivado originalmente entre o sul do México e a América Central, onde foi encontrado polén de variedades silvestres, há aproximadamente 8.000 anos AP., parece ter sido cultivado independentemente em vários locais do continente americano. Provavelmente já era conhecido nas terras baixas da América do Sul em torno de 4.500 AP.

MINA – Local de extração de matéria--prima inorgânica. Alguns autores fazem referências a minas de sílex, minas de hematita, argila etc. Classificação funcional.

MINERAL – Massa inorgânica descontínua, natural, de composição química

definida, com um ou mais tipos de cristalização, e normalmente encontrado em forma de nódulo ou de cristal, ao contrário das Rochas (Ver).

MÓ – Pedra cuja parte útil é constituída por uma superfície plana ou então ligeiramente côncava em virtude do uso. É parte complementar da mão-de-mó. A matéria a ser trabalhada (cereais etc.) era colocado sobre essa superfície e esmagado por pressões e pequenos percussões. A mó dormente é aquela constituída pelo superfície de uma rocha, utilizada "in situ". Nomenclatura funcional.

MOBILIÁRIO FUNERÁRIO – Objetos de uso pessoal, ritual ou votivo, depositados intencionalmente em um Sepultamento (Ver). O mesmo que acompanhamento funerário.

MODELADO – Técnica de confecção cerâmica, à mão livre, a partir da massa informe, até atingir a forma desejada.

MOINHO DE MÃO – Pedra plana ou com depressão rasa, usada para moer grãos ou minerais, pela ação de um cilindro também de pedra.

MOLDADO – Técnica de confecção da cerâmica, com o auxílio de molde, que pode ser externo ou interno.

MORTEROS – Blocos de pedra com depressões cupuliformes; local de significado cúltico: para oferendas, rituais etc. Conhecidos, também, como Tacitas.

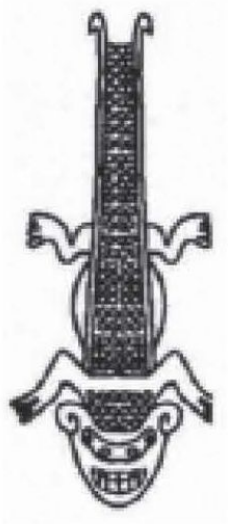
MOTIVO(S) – Todo e qualquer representação presente em um painel de Arte Rupestre (Ver), na decoração da cerâmica, ou em estatuetas líticas, cerâmicas ou de osso. Os motivos podem ser Antropomorfos, Zoomorfos, Fitomorfos, Biomorfos, Geomorfos, Astronômicos, Artefactuais, Geométricos, Abstratos (Ver).

MOUND – Denominação dada a alguns aterros de Marajó. Ver Teso.

MÚMIA – Corpo de homem ou de animal em que se preservou, além das partes duras, pele, cabelos, unhas, e, às vezes, vísceras e outros órgãos dessecados. Ver Paleoparasitologia.

MUMIFICAÇÃO – Processo que pode ser natural ou artificial. Na mumificação natural, as condições de solo e climáticos propiciam a preservação dos corpos. Na mumificação artificial, utilizam-se óleos, graxas, salmouras, defumação e outros produtos e processos para conservar as múmias (Ver).

N



NECRÓPOLE – Local de sepultamentos, Cemitério (Ver). Termo praticamente em desuso.

NEOBRASILEIRO (SÍTIO) – Sítio arqueológico que testemunha o contado (e os processos aculturativos) entre as populações pré-cabralinas e os europeus. Classificação cronológica.

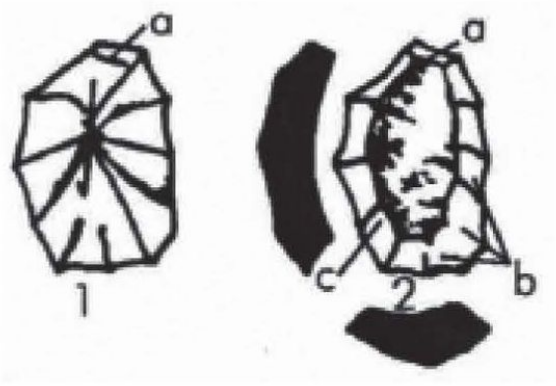
NEOLÍTICO – Período final da Idade da Pedra (Ver), que se caracteriza pela domesticação dos animais, cultivo de plantas, produção e uso da cerâmica, e de artefatos líticos polidos.

NÍVEL – Divisão artificial de um sítio arqueológico em profundidade (Pronapa, 76).

NODULADO – Tipo de decoração de cerâmica que consiste em repuxar, à mão, a superfície externa da pasta, ocasionando pequenos nós (Pronapa, 76).

NÓDULO – Uma concreção, normalmente um mineral, que se forma dentro de um geodo ou pela precipitação de minerais em torno de um núcleo nos depósitos sedimentares.

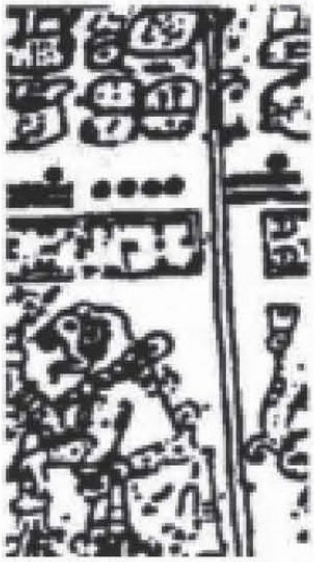
NÚCLEO – Bloco de matéria-prima, preparado para que dele se possa tirar uma ou mais série de lascas. Um núcleo debitado (ou mostrando uma ou duas cicatrizes), é aquele do qual já se retirou uma ou várias lascas, que deixaram, na superfície, ou as cicatrizes, resultandes de sua debitagem. – Um fragmento central de rocha da qual se retirou outros menores por lascamento. Caracteriza-se por apresentar, na face externa, cicatrizes de lascas debitadas, e um ou mais planos de percussão (ou pressão). Na figura 1 é um núcleo preparado; 2 um núcleo lascado, (a) plano de percussão, (b) vestígios de lascamentos preparatórios, e (c) cicatriz. – Parte central da seção transversal da parede de um vasilhame cerâmico, essencial para a definição do tipo de queima. – Parte mais antiga de um sítio arqueológico.



NÚCLEO ESGOTADO – Aquele do qual não é possível tirar mais nenhuma lasca. Um núcleo reutilizado é um núcleo que não é mais utilizado como tal e do qual um ou vários bordos foram retocados e utilizados como os de um utensílio nucleiforme, para cortar, raspar etc.

NÚCLEO POLIÉDRICO – Aquele que se apresenta em forma de bola facetada, as facetas sendo levemente convexas. Produzido por Lascamento Bipolar (Ver) com suporte mole.

O



OBJETO – É o termo mais geral para designar uma evidência arqueológica não definida. Não implica nenhum conceito sobre a fabricação, nem sobre a forma, o uso, ou a matéria-prima.

OBJETO DE ADORNO – Ver Adorno, Objeto de.

OBJETO BIFACIAL – Objeto, núcleo ou de bloco, apresentando duas faces principais, trabalhadas por lascamento e cuja intersecção forma um contorno contínuo, o qual constitui a totalidade ou parte da periferia. Um trabalho bifacial é um trabalho sobre as duas faces.

OBJETO-NÚCLEO ou DE BLOCO, OBJETO DE SEIXO – Objeto lascado, fabricado a partir de uma massa inicial bloco, seixo, lasca espessa etc.), que constituirá a própria massa do objeto; a técnica de fabricação consta de lascamentos completos ou parciais que integram uma, duas ou várias faces.

OBJETO POLIÉDRICO – Objeto, núcleo ou de bloco, apresentando mais de duas faces principais trabalhadas.

OBJETO UNIFACIAL – Objeto, núcleo ou de bloco apresentando uma face principal, trabalhada por lascamentos. A intersecção dessa face, com a face não trabalhada, forma um contorno contínuo, constituindo a totalidade ou parte da periferia do objeto. Um trabalho unifacial é um trabalho sobre uma só face.

OBSIDIANA – Rocha vítrea efusiva de cores variadas, normalmente escura, com alto grau de homogeneidade e textura fina e compacta, altamente translúcida. É o vidro natural ou vulcânico.

OCO – Concavidade frequentemente deixada na face externa, junto à plataforma de uma lasca debitada por percutor ou punção mole, no momento do impacto, por razões desconhecidas. O termo tem uso amplo em arqueologia, podendo designar qualquer tipo de vazio na estratigrafia ou paredes de grutas e abrigos.

OCRE – Termo genérico, utilizado para designar matéria corante produzida a partir de Hematita (Ver) ou Limonita (Ver).

OFERENDA – Objeto cultural associado ao enterramento (Pronapa, 76). O mesmo que Mobiliário Funerário e Acompanhamento Funerário (Ver).

OFICINA LÍTICA – Local onde se evidencia o fabrico de artefatos líticos. Pode ser em gruta ou abrigo, mas geralmente a expressão é empregada para sítios abertos. Classificação funcional.

OLIGOELEMENTOS – Traços químicos de alguns elementos existentes normalmente no organismo em muito pequena quantidade (Estrôncio, Magnésio, Manganês, Chumbo etc.) cuja dosagem nos ossos e dentes, confrontada com as características do solo de inumação, permitem estimar dados específicos sobre a paleodieta, com base no conhecimento de suas fontes naturais. Por exemplo, os teores elevados de estrôncio, em relação à idade e outros aspectos da biologia esqueletal, que sugerem aleitamento prolongado ou o uso de alimentos marinhos.

OLARIA – Local onde se evidencia a produção sistemática de cerâmica. Em análise locacional, sítio onde é produzida a cerâmica recuperada em um grupo de sítios. Classificação funcional.

OMBRO – Parte ressaltada do vasilhame, acima do bojo (Pronapa, 76).

OMBRO ESCALONADO – Constrições, mais ou menos pronunciadas, paralelas à borda, existentes no ombro do vasilhame (Pronapa, 76).

ONDAS – Em alguns tipos de rochas o bulbo se prolonga pela face interna por uma série de ondas que lhe são concêntricas. – Uma série de saliências curvas, concêntricas em volta do bulbo de força na face interna da lasca. Também aparecem nas cicatrizes da face externa do núcleo.

ONDULADO – Tipo de Lábio (Ver).

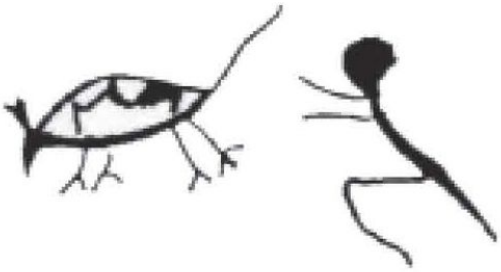
OPALA – Variedade amorfa hidratada de sílica, com lustro resinoso ou ceroso.

OSSÁRIO – Local para depósito de ossos. Tanto pode ser um recipiente como uma gruta, abrigo, ou local especialmente construído.

OSTEOBIOGRAFIA – É a reconstituição de alguns elementos importantes da vida do indivíduo a partir de estudos da morfologia óssea e dentária. A abordagem osteobiográfica, sempre que for possível estudar esqueletos humanos bem conservados, permite estimar dados como o sexo, a idade, a estatura e o grau de desenvolvimento físico, as áreas do corpo mais solicitadas pelo esforço físico, alguns episódios crônicos e agudos de estresse fisiológico e doença, alguns elementos que ajudem a caracterizar, do ponto de vista genético, a classificação tipológica do indivíduo a partir da morfologia esqueletal.

ÓTIMO CLIMÁTICO – Episódio quente e úmido que marca a passagem do período boreal para o período atlântico, ocorrido há ± 5.500 anos AP., que se caracteriza por elevação do nível das águas e rápida expansão da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica. Ver Holoceno e Transgressão Pós-glacial.

P



PAINEL – Conjunto de representações rupestres, podendo constituir-se numa Cena (Ver) ou não.

PALAFITA – O mesmo que Estearia (Ver). Classificação morfológica.

PALEOBOTÂNICA – Estudo dos restos vegetais antigos que podem ter-se conservado por dessecação, em ambientes muito úmidos ou por carbonização. Apesar da grande importância dos vegetais para o homem, é difícil encontrar boas amostras para análise.

PALEODEMOGRAFIA – Denomina-se paleodemografia aos estudos realizados principalmente sobre amostras arqueológicas de natureza funerária, desenvolvidos a partir de tábuas-modelo de mortalidade, e cuja finalidade é estimar o valor de algumas funções demográficas, tais como o risco de morte ou a expectativa de vida, e a partir daí projetar outras tais como a fecundidade ou o crescimento populacional provável em grupos do passado. Embora numerosos estudos sejam anualmente publicados sobre o tema, essa é uma área polêmica por

envolver modelos matemáticos que avançam grandes projeções e estimativas a partir de uma base mínima de dados, e cujas premissas (estabilidade populacional, cronologia estreita, corte representativo, estimativas de idade confiáveis) são difíceis de assegurar. A paleodemografia utiliza-se também de outros procedimentos indiretos, pelos quais procura estimar tamanho dos grupos humanos e sua densidade populacional, tais como a área das habitações, a quantidade de alimentos consumida, os dados etno-históricos etc., cada um dos quais apresenta problemas próprios de ordem teórico-metodológicos.

PALEODIETA – O termo paleodieta refere-se à alimentação que pode ser discutida a partir de achados arqueológicos, vindo geralmente associado ao conceito de paleonutrição, ou aspectos nutricionais dos grupos do passado. A paleodieta é geralmente inferida a partir do achado de materiais que podem ser interpretados como restos de alimentos, alguns deles com evidentes sinais de processamento. Estudos indiretos discutem a reconstituição da paleodieta a partir de conhecimentos sobre a potencialidade dos recursos do meio ambiente ou do arsenal tecnológico dos grupos. Mais recentemente, possibilidades de análises diretas a partir de restos alimentares em coprólitos, e de traços químicos em ossos, dentes, cabelos ou tecidos moles preservados, têm permitido estimar conteúdos alimentares específicos (Estrôncio, Magnésio), a natureza predominante dos elementos da dieta (alimentos de origem marinha, moluscos, carne vermelha, plantas, milho) somando-se ao que se encontra nos sítios arqueológicos, e corrigindo modelos incompletos sobre a paleodieta.

PALEOGENÉTICA – Este é um campo especializado da biologia molecular aplicado ao estudo genético de materiais provenientes de sítios arqueológicos e paleontológicos. Em geral, ao se utilizar o termo paleogenética, não se inclui os trabalhos feitos com base em estudos morfológicos convencionais, ou estudos de traços discretos ou epigenéticos, sendo o seu uso mais específico para a análise bioquímica dos traços de ácido desoxirribonucleico (ADN) existentes nos fragmentos de matéria orgânica preservados nos restos humanos ou de animais. Os estudos atuais de paleogenética buscam analisar o chamado ADN mitocondrial, de mais fácil ampliação e mapeamento em amostras arqueológicas. A técnica empregada denominada de PCR (*polimerase chain reaction*) permite reproduzir milhares de vezes cada molécula original que se preservou, possibilitando a sua detecção, fragmentação e identificação laboratorial, no entanto o maior problema com a técnica é a fácil contaminação das amostras, tanto no sítio como durante a coleta, e depois ao longo de todo o processamento laboratorial, o que exige a aplicação de cuidados especiais de trabalho. Além de se aplicar ao estudo da evolução das populações humanas, a paleogenética tem sido aplicada para identificação de frag-

mentos e outros materiais orgânicos, e até mesmo a identificação de microrganismos patogênicos confirmando a presença de infecções e infestações específicas desde a pré-história. Ver Paleosserologia.

PALEOÍNDIO – Estágio cultural inicial de povoamento do continente americano, caracterizado, na América do Norte, pelo surgimento de Pontas-de--Arremesso (Ver) líticas do Complexo Liano, e pela caça a grandes animais. Alguns autores admitem a existência de um estágio anterior, designado Pré-Ponta-de-Projétil.

PALEOLÍTICO – Período que se inicia com a aparição do Homem e com a fabricação dos primeiros artefatos líticos lascados e se estende até o final do Período Glacial (Ver).

PALEONTOLOGIA – Estudo dos restos Fósseis (Ver) de animais e plantas. A Paleontologia Humana (Ver) estuda as origens da humanidade.

PALEONTOLOGIA HUMANA – Denomina-se assim o campo de pesquisas que estuda as evidências humanas existentes em sítios paleontológicos e videntrológicos, ou seja, restos diretos humanos encontrados em condições de fossilização. Em geral este termo aplica-se mais a achados de grande antiguidade, relacionados a etapas pré-sapiens da evolução humana, e àqueles achados existentes em contexto paleontológico, ou seja, em sítios onde a deposição dos ossos e dentes dá-se de maneira natural, como em uma tanatocenose. Com o avanço das pesquisas arqueológicas e paleontológicas, tanto o conceito de sítio arqueológico quanto o de fossilização deixaram de ter limites estanques. Há ossos fossilizados em sítios arqueológicos típicos de habitação humana, e há sinais evidentes de ocupação também em áreas de depósitos tanatocenóticos. Por essa razão, na prática, é muito difícil estabelecer uma linha, mesmo arbitrária, que separe essa área de pesquisas das demais pesquisas arqueológicas pré-históricas, sendo frequentemente o termo utilizado em sinonímia à arqueologia pré-histórica quando referida a determinados sítios ou períodos pleistocênicos.

PALEOPARASITOLOGIA – Área de pesquisas primariamente relacionada à paleopatologia, mas de interesse também para a paleoecologia, que se dedica a investigar a presença de parasitos em evidências arqueológicas tais como coprólitos, corpos mumificados, sedimentos coletados de sepultamentos, fossas higiênicas ou áreas de descarte de dejetos, artefatos de uso médico ou relacionados à higiene pessoal, e outros. A maior parte dos estudos paleoparasitológicos existentes hoje diz respeito a endoparasitos, em sua maioria helmintos comensais humanos, cuja identificação, pela morfologia dos ovos ou larvas encontradas nas fezes tem sido feita para vários gêneros e mesmo espécies, mas há também estudos a respeito de ectoparasitos tais como os insetos que se alojam em pelos e cabelos humanos, e fungos. Os avanços com técnicas de paleoge-

nética vêm ampliando as possibilidades de identificação de parasitos em amostras arqueológicas.

PALEOPATOLOGIA – É o estudo das doenças, sinais de estresse, anomalias e modificações intencionais ou acidentais do corpo humano, ou de outros seres vivos, a partir de evidências arqueológicas ou paleontológicas. O termo, cunhado por Sir More Armand Ruffer no início deste século (20), aplicava-se inicialmente ao estudo descritivo das patologias ósseas ou dentárias, hoje seu significado vem-se ampliando, passando a englobar também estudos de documentos escritos, objetos de uso e até mesmo representações artísticas. Embora de início correspondesse a um estudo basicamente descritivo e em geral específico, nos últimos trinta anos vem sofrendo impulso no sentido de produzir conhecimentos capazes de explicar a história e a evolução das doenças, sempre que possível ao nível populacional, e relacionar estresse, morbidade e mortalidade aos estilos de vida, compreendendo a doença não como entidade biológica isolada, mas dentro de sistemas patocenóticos, e indissociável dos processos socioculturais, das influências do meio ambiente e do percurso histórico de cada grupo humano do passado. Ver Paleogenética e Paleoparasitologia.

PALEOSSEROLOGIA – Aplicação das técnicas de identificação sanguínea (ABO, Rh etc.) às populações pré-históricas, pela análise do sangue residual presente nos tecidos esponjosos dos ossos ou em corpos mumificados. Há muita discussão sobre se os diversos antígenos teriam a mesma probabilidade de sobrevivência. Com o advento da Paleogenética (Ver), está perdendo importância. Ver Paleopatologia.

PALINOLOGIA – Técnicas de análise dos grãos de pólen, também aplicáveis aos sítios arqueológicos. Os grãos de pólen conservam-se muito bem enterrados ou em ambientes úmidos, e como apresentam muitíssimas formas diferenciadas, permitem identificar os gêneros e até as espécies presentes em determinada época, propiciando a identificação do meio ambiente, e até as consequências da ação humana sobre ele.

PALMAR – Motivo de Pintura Rupestre (Ver) obtido pela Impressão (Ver) da palma da mão untada de tinta sobre a superfície da Rocha Suporte (Ver).

PANELA(S) – Depressões semiesféricas em rochedos às margens de rios com corredeiras, produzidas pela rotação dos seixos transportados pelas águas. Diferem dos Pilões (Ver) por apresentarem estrias internas circulares, mais ou menos paralelas à borda. – Recipiente destinado a conter ou ferver água e a guardar ou cozinhar alimentos. Pode ser de pedra, cerâmica e, até, de vértebra de baleia. Usualmente, quando o termo é empregado isolado, refere-se a recipiente cerâmico. Nos demais casos, as matérias-primas são explicitadas.

PANELA DE PEDRA – Ver Panela.

PARADEIRO – O mesmo que Acampamento (Ver). Classificação funcional.

PASTA – Mistura de barro e antiplástico ou tempero, usada na confecção da cerâmica (Pronapa, 76). Na composição da pasta podem estar presentes mais de um tipo de Argila e de Tempero (Ver). Usualmente, o artesão primeiro purifica o barro, pela decantação, retirando impurezas leves (raízes, folhas etc.) e os grãos maiores (pequenos seixos etc.), deixa secar por algum tempo, mistura o tempero, torna a deixar secar mais um pouco, sova a massa e deixa em repouso, até a pasta estar com a umidade ideal para ser trabalhada.

PÁTINA – No estudo das indústrias líticas, é comum reservar a palavra Córtex (Ver) à camada de alteração de uma rocha pelos agentes atmosféricos, produzida antes de sua utilização pelo homem, e a palavra pátina à camada de alteração produzida sobre as partes trabalhadas ou utilizada pelo homem e que se formou depois da fabricação ou da utilização do artefato. Em um mesmo objeto lítico, pode-se observar o córtex nos lugares em que este não foi retirado, no processo de fabricação, e a pátina, que se formou posteriormente à fabricação. Em certos utensílios reutilizados com intervalos de muitos séculos ou muitos milênios, pode-se às vezes observar uma dupla pátina, sendo que a mais espessa corresponde à primeira fabricação e a menos espessa afeta as partes posteriormente retalhadas ou reutilizadas. – Modificação superficial da rocha, devido à meteorização, produzida depois do seu desembaraço da massa original; usa-se o termo principalmente para casos de modificação da cor e textura da superfície da rocha posterior ao seu lascamento.

PATOCENOSE – Este termo, proposto por Mirko Grmek na década de oitenta, é empregado em paleopatologia para significar o conjunto de doenças ou processos relacionados à perda da condição de homeostase, que podem ser identificados em um dado grupo humano do passado, constituindo um perfil de saúde/doença típico e correlacionado às características socioculturais e ambientais. Para Grmek, as doenças em qualquer população humana mantêm um equilíbrio sinérgico cuja compreensão é essencial para explicar a evolução das doenças ao longo da história humana.

PATRIMÔNIO CULTURAL – Conjunto dos Bens Culturais (Ver) que caracterizam uma cultura, etnia, sociedade ou nação.

PÉ – Apêndice colocado na base de certos vasos para fins de sustentação, podendo ser em número de 3 (trípodes), 4 (tetrápodes) ou mais de 4 (polípodes). Quanto à manufatura, podem ser sólidos ou ocos; em relação à forma, cilíndricos, cônicos, esféricos, hiperbólicos etc. (Pronapa, 76), e, ainda, zoomorfos.

PEABIRU – Caminho pré-histórico. Acredita-se que tenham servido para

as primeiras entradas e bandeiras. Ver Caminho.

PEBBLE TOOL – Ver Indústria de Seixos.

PEDESTAL – Tipo de Base (Ver), em que o vasilhame se apoia sobre um suporte único, que dele faz parte.

PEDRA – Termo genérico para qualquer tipo de rocha ou mineral.

PEDRA DE CORISCO – Ver Pedra de Raio.

PEDRA DE RAIO – O mesmo que Pedra de Corisco, designa, popularmente, as lâminas de machados de pedra. Tal designação vem da lenda de que nas árvores onde cai um raio sempre se encontra uma lâmina de machado de pedra, que seria a ponta do raio. Alguns autores acreditam que as populações pré-históricas praticavam incisões em galhos selecionados, ali introduzindo a extremidade proximal das lâminas, deixando-as até que, com a cicatrização do tecido vegetal, estas ficassem presas aos cabos.

PEDRA LASCADA – Classificam-se, nessa categoria, todos os objetos de pedra, obtidos por lascamentos voluntários, resultantes de percussões ou pressões. O lascamento da pedra pode ser estudado seja sob o ponto de vista da técnica (percussão, pressão), seja sob o ângulo dos produtos obtidos, classificados em função dos processos de fabricação (indústria de lasca, indústria de bloco, detritos diversos). Ver Lascamento e Percussão.

PEDRA PICOTEADA ou MARTELADA – O picoteamento ou martelamento de uma pedra é a operação que consiste em martelar-se a sua superfície com pequenos golpes até se conseguir a forma desejada (lâmina de machado, vaso etc.). O utensílio que serve para picotar ou martelar é um percutor de pedra que apresenta nas superfícies utilizadas múltiplos sinais de percussão. Os detritos da operação formam uma poeira de rocha pulverizada ou reduzida a grãos. Essa poeira, raramente, é recolhida durante a escavação, pois se confunde com os sedimentos da camada arqueológica. Pode-se entretanto imaginar uma oficina de picoteamento na qual o solo seria constituído em grande parte de rocha pulverizada, sendo então possível recolhê-la e identificá-la. – Parece que, na maioria dos casos, o picoteamento ou martelamento é a operação preliminar do polimento. Entretanto, existem certas lâminas de machado que são somente picoteadas e em grande número de casos objetos considerados como sendo de pedra polida, conservam em certas partes sinais desse picoteamento preliminar. Esses objetos serão chamados de pedra picoteada e polida. – Pode-se estudar o picoteamento em função da fineza

dos resultados obtidos e considerar, por exemplo, 3 graus de fineza, do mais grosseiro ao mais fino (Laming--Emperaire, 67).

PEDRA POLIDA – Classifica-se nessa categoria todos os objetos cuja forma foi obtida por abrasão (sendo que o abrasivo usado é geralmente areia úmida). As operações preliminares da abrasão podem ser o lascamento e nesse caso tem-se um objeto lascado e polido, ou então picoteamento e polido, e o objeto é dito picoteado e polido, ou, em último caso, tem-se o lascamento e picoteamento e o objeto é lascado, picoteado e polido. Quando essas operações existiram, mas não resta nenhum sinal na superfície do objeto estudado, diz-se que se trata de um objeto polido ou inteiramente polido. – O polimento é, geralmente, efetuado sobre uma pedra pousada no solo. Às vezes é o próprio solo rochoso natural que é utilizado como abrasivo. Depressões resultantes do polimento se formam, pouco a pouco, na superfície. O contínuo esfregar das faces dos objetos polidos forma depressões de polimentos largas e pouco profundas. Os gumes são executados do mesmo modo, mas eles deixam sobre as rochas utilizadas depressões alongadas, de secção subtriangular, correspondendo à secção do gume. As rochas que serviram para polir as faces são sempre chamadas Mós (Ver) ou Polidores (Ver). Entretanto, é preferível usar o nome Polidor (Ver) e deixar os demais termos para os utensílios que serviram para preparar alimentos. As rochas que serviram para polir o gume serão chamadas Aguçadores (Ver) ou Afiadores (Ver).

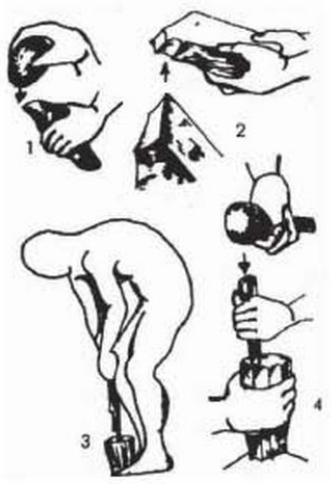
PEDRA UTILIZADA – Colocam-se nessa categoria numerosos utensílios de pedra bruta, que não sofreram nenhum trabalho antes de serem utilizados. São, por exemplo, seixos escolhidos por suas formas e sua dureza, fragmentos de rocha escolhidos como percutores, polidores, aguçadores, suportes para vasilhames em fogueiras (Trempe) etc. São unicamente as marcas de utilização que eles mostram (golpes, superfícies polidas, sulcos ou depressões, semiesféricas formadas pelo aguçamento de utensílios sobre a superfície, marcas de queima etc.) que permitem enquadrá-los como utensílios. – Frequentemente, quando a pedra utilizada apresenta lascamentos, é considerada como pedra lascada, quando tem superfícies polidas como pedra polida etc. Essas classificações constituem-se, entretanto, em erro. Essas pedras não foram trabalhadas. Elas não foram nem lascadas, nem polidas intencionalmente e devem ser estudadas como as da categoria especial de pedras utilizadas. – Pedras ou seixos utilizados como percutores são simplesmente seguros com a mão, sem preparo anterior. A parte oliva, aresta ou, mais comumente, superfície, é reconhecível pelas marcas de golpes e esmagamentos. Os seixos utilizados como percutoras têm, geralmente, formas regulares, oblongos, ovoides etc. – Pedras e seixos utilizados como armas de arremesso, para o ataque e para a defesa, não apreesentam marcas particulares de uso e só

poderão ser definidas em condições muito especiais (por exemplo, o acúmulo artificial de tais projéteis em um ponto estratégico). – Seixos utilizados para esfregar, polir ou moer apresentam uma ou várias superfícies polidas pelo uso. É impossível, sem um estudo profundo das marcas de uso, saber se esses seixos teriam servido para polir (por exemplo, a superfície de uma cerâmica), ou para moer e esmagar um material mole (por exemplo, grãos). Atualmente, não é possível dar nenhum critério preciso que permita discriminar-se essas duas possibilidades. Somente o estudo do contexto (existência de cerâmica, do consumo de cereais etc.) e um estudo das superfícies polidas, feito à lupa binocular, permitirão o estabelecimento de distinções entre os utensílios e respectivas hipóteses.

PEDÚNCULO – Prolongamento central na Extremidade Proximal (Ver) de Pontas de Arremesso (Ver), destinado a facilitar o Encabamento (Ver).

PENTE – Objeto dentado, de madeira ou osso, usado para arrumar os cabelos, cardar fibras, auxiliar na tecelagem, ou decorar cerâmica.

PERCUSSÃO – Técnica (ou técnicas) de aplicação de um golpe, repentino, de força em um ponto determinado de um fragmento de rocha, para modificar a sua forma de maneira predeterminada. A percussão pode ser (1) direta, (2) por contragolpe, (3) por pressão, (4) por percussão indireta e bipolar.



PERCUSSÃO DIRETA – Técnica pela qual um percutor desfecha um golpe numa direção e num ponto predeterminados de um núcleo previamente preparado ou escolhido para tal finalidade, com o fim de tirar uma lasca de forma e tamanho também predeterminados ou, paralelamente, modificar a forma do núcleo de maneira predeterminada.

PERCUSSÃO ESPATIFADA – Técnica pela qual a força do golpe está dirigi-

da a um ponto determinado tal qual na Percussão Direta, com a diferença que o golpe, desfechado com percutor duro, seja tão forte que tende a provocar um colapso parcial ou completo da estrutura interna da rocha.

PERCUSSÃO INDIRETA – Técnica (ou técnicas) pelo qual a força do golpe está dirigida a um ponto determinado da margem do plano de percussão por uma punção.

PERCUTOR – Na categoria de percutores, entram todas as ferramentas cuja função é dar golpes para afundar, esmagar ou lascar. A parte contundente pode ser uma superfície ou uma aresta. O percutor pode ser encabado ou não. Os diferentes tipos nunca foram objeto de um estudo aprofundado. – Objeto que desempenha o papel de martelo na técnica de percussão. Pode ter uma variedade de formas e de matérias-primas, cada uma dando resultados características às lascas. Ver Percutor Duro e Percutor Mole.

PERCUTOR DE ARESTAS – São pedras lascadas, de formas poliédricas diversas, cujas arestas apresentam pequenos esmagamentos. Os percutores de arestas são geralmente núcleos ou ferramentas de bloco reutilizadas para essa finalidade suplementar. Podem, também, ter sido especialmente fabricados. Teriam sido seguros pela mão, em diversas posições, de modo que várias arestas, diferentemente orientadas, mostram traços de utilização.

PERCUTOR DURO – Um de pedra (normalmente), de forma redonda, esférica, discoidal, cilíndrica ou cônica. A forma servia para diminuir a área de contato no impacto, o que resulta em cones de força bem acentuados. O ápice do cone tem a mesma área do que a área de contato no impacto.

PERCURTOR MOLE – Um de osso, chifre ou madeira dura usada para abafar ou aumentar a área de contato no impacto, reduzindo a possibilidade de causar danos estruturais ("choque") na rocha, e produzindo lascas mais pequenas e finas. Podem ser usadas em golpe vertical, batendo com a ponta do cilindro, normalmente para produzir lâminas, ou em golpe horizontal, segurando como segurasse o cabo de um martelo, batendo, assim, com os lados ou os cantos da ponta do cilindro.

PERFURAÇÃO – Termo de ampla utilização, com vários sentidos. Em tipologia lítica, é uma cavidade que atravessa a lâmina de um lado ao outro. É definida por suas dimensões, por sua forma (bicônica, cilíndrica etc.), por suas arestas e por sua localização.

PERÍODO – Qualquer intervalo cronológico. Termo de uso genérico em arqueologia.

PERÍODO COLONIAL – Na América, indica o momento do contacto com os europeus, durando até o surgimento dos primeiros Estados independentes.

QUADRO 1 : GlACIAÇÕES DO PLEISTOCENO

Geral	América do Norte	Europa do Norte	Reino Unido	Alpes	Datas
Pós-glacial	Pós-glacial	Pós-glacial	Pós-glacial	Pós-glacial	10.250 AP
Última Glaciação	Wisconsin	Weichsel	Last	Wurm	70.000 AP
Último Interglacial	Sangamon	Eemian	Ipswichiense	Riss-Wurm	187.000 AP
Penúltima Glaciação	Illinois	Wath/Saale	Gipping	Riss	230.000 AP
Penúltimo Interglacial	Yarmouth	Holstein	Hoxniense	Mindel-Riss	435.000 AP
Até penúltima Glaciação	Kansas	Elster	Lowestoft	Mindel	476.000 AP
Antepenúltimo Interglaciação	Aftoniense	—	Cromeriense	Gunz-Mindel	550.000 AP
Primeira Glaciação	Nebraska	—	—	Gunz	590.000 AP

PERÍODO(S) GEOLÓGICO(S) – Ver Coluna Geológica.

PERÍODO GLACIAL – Denominação usada para as épocas da história física da Terra, nas quais ocorrem glaciações. No Pleistoceno (Ver), verificou-se grande glaciação (Teixeira Guerra, 75). O Quadro 1, a seguir, apresenta as glaciações do pleistoceno na Europa e América do Norte. Ver Transgressão Pós-Glacial.

PERÍODO MESOLÍTICO – Ver Mesolítico.

PERÍODO NEOLÍTICO – Ver Neolítico.

PERÍODO PALEOLÍTICO – Ver Paleolítico.

PERÍODO PÓS-GLACIAL – Ver Quadro 1. Ver Holoceno.

PERÍODO PLUVIAL – Nas regiões onde não ocorreram glaciações propriamente ditas, como é o caso do Brasil, houve alterações acentuadas nos regimes das chuvas, alternando períodos úmidos com períodos secos. As fases pluviais foram separadas por interpluviais ou períodos áridos.

PÉROLAS – São objetos esféricos, de pedra macia, provenientes de sepulturas. Classificação morfológica. São objetos utilizados, hipoteticamente, para adorno, isolados ou em colares.

PESCOÇO – Parte de um vasilhame cerâmico entre o Bojo (Ver) e a Borda (Ver). – Parte estrangulada intermediária entre a boca e o corpo de uma peça cerâmica (Mentz-Ribeiro, 77). – Parte constricta, intermediária entre o corpo e a borda de um recipiente (Pronata, 76).

PESO(S) – Qualquer tipo de Massa (Ver) utilizada para auxiliar a execução de uma tarefa.

PESO(S) DE BASTÕES DE CAVAR – Conhecem-se numerosas pedras, aproximadamente circulares que apresentam uma grande perfuração central pela qual passaria o bastão de cavar. A pedra perfurada teria por função lastrear o bastão para que penetrasse mais profundamente na terra, a cada golpe.

PESO(S) DE FUSO – Ver Tortual de Fuso.

PESO(S) DE REDE – Conhecem-se seixos que não possuem outra marca de trabalho além de entalhes (2, 3 ou 4) praticados ao longo do perímetro de um círculo de pequeno diâmetro da pedra escolhida, entalhe esse que retém o filamento, que liga o peso à rede de pesca.

PETROGLIFO – Desenho gravado em rocha, podendo ser colorido ou não (Pronapa, 76). Os petroglifos podem ser elaborados por Polimento (Ver), Picoteamento (Ver), Raspagem (Ver) ou Corte (Ver).

PETROGLIFO, SÍTIO – Sítio em que a principal, ou única evidência arqueológica, é a existência de sinalações rupestres, elaboradas por polimento, picoteamento, corte ou raspagem, gravadas sobre a rocha.

PICÃO – Ferramenta de pedra, de osso, de madeira ou de chifre, de forma alongada, pontiaguda, comportando ao menos três faces que formam um triédro, às vezes quatro. A intersecção, teoricamente puntiforme, das faces forma a ponta do picão. Na realidade, como o picão é destinado ao trabalho por percussão e como uma ponta aguda não resistiria ao choque, essa "ponta" é sempre representada por uma pequena superfície. Os picões de pedra são feitos de bloco, ou lascados ou então polidos, mas nunca são feitos de lascas, pois seriam muito frágeis. É uma ferramenta para trabalhar a terra.

PICOTEADO – Em análise lítica, designa os artefatos produzidos por percussão esmagada. Ver Lâmina de Machado Picoteada ou Martelada. Em Arte Rupestre (Ver), designa os Petroglifos (Ver) produzidos por martelamento da rocha suporte.

PICTOGLIFO – O mesmo que Pintura Rupestre. Desenho elaborado por pintura, aspersão ou impressão de tinta sobre a superfície da rocha.

PICTOGLIFO, SÍTIO – Sítio em que a principal evidência é a existência de pinturas rupestres. Ver Pictoglifo e Pintura Rupestre.

PICTOGRAFIA – Desenho pintado em rocha (Pronapa, 76). Embora tal definição tenha sido convencionada no Brasil, na verdade, Pictografia é uma forma de escrita, o que não se provou existir em nosso país até o momento. Melhor evitar o termo.

PILÃO – Recipiente de pedra (ou de madeira) escavado por picoteamento, algumas vezes polido, parte complementar de uma Mão de Pilão (Ver). A matéria a ser trabalhada (pimentas, frutos, peixe, carne, grãos, matéria corante) era colocada e esmagada por percussão. Existem, também, pilões fixos, escavados sobre afloramentos de rochas ígneas ou metamórficas, nas proximidades dos sítios arqueológicos e rios. Distinguem-se das Panelas (Ver) por apresentarem estrias verticais em seu interior.

PIGMENTO – Matéria-prima orgânica ou inorgânica usada para colorir. Ver Matéria Corante.

PINÇADO – Tipo de decoração que consiste em imprimir marcas espaçadas pela ação contrátil e simultânea das pontas das unhas e dedos, em sentido oposto, na superfície da cerâmica, como se fosse beliscada (Pronapa, 76).

PINTADO – Tipo de decoração executada antes ou depois da queima da cerâmica, com pigmentos minerais ou vegetais, diretamente sobre a superfície ou sobre o engobo ou banho, previamente aplicado, formando padrões. Pode ser executada tanto na superfície externa como na interna, cobrindo toda ou parte delas (Pronapa, 76).

PINTURA RUPESTRE – Todo e qualquer tipo de representação visual obtido pela aplicação de pigmentos sobre a superfície de uma rocha. Dentre as técnicas utilizadas deve-se mencionar a Pintura propriamente dita, obtida pela aplicação da tinta (pigmento em um solvente) líquida com o auxílio dos dedos ou pincéis, à Impressão (Ver) e à Aspersão (Ver).

PINTURA EM NEGATIVO – Ver Aspersão.

PISO – Área do sítio com evidência de ter servido como assoalho (Pronapa, 76).

PLACAS PERFURADAS – Placas de pedra polida, com um ou mais furos e que, provavelmente, foram usadas como adornos peitorais (pendentes) ou auriculares (pingentes). As primeiras são finas placas com menos de 5 mm de espessura, na sua quase totalidade de basalto (Mentz-Ribeiro, 77). – São placas de pedra polida, com um ou dois furos e que se supõe terem servido para adorno. Ocorrem também sobre lascas de ossos chatos e bulas timpânicas de baleias (Rohr, 77). Nomenclatura morfológica.

PLAINA – A plaina é uma ferramenta de bloco ou de lasca, plano-convexa. O bordo ativo forma, com a face pla-

na, um ângulo muito aberto obtido por lascamentos abruptos, executados a partir da face plana. O bordo ativo pode ser convexo e estar situado em uma extremidade longitudinal do utensílio, sendo que, nesse caso, seu aspecto geral é muito próximo ao de um raspador terminal muito grande. O bordo ativo pode também ser retilíneo ou ligeiramente convexo e paralelo ao eixo longitudinal. Existem também plainas, cujo bordo ativo é paralelo ao eixo longitudinal e é côncavo. As plainas serviram, talvez, para descascar e alisar madeira. À medida que foram sendo gastas e por causa dos retoques sucessivos, o bordo ativo tornou-se cada vez mais côncavo até causar a quebra do utensílio em duas partes mais ou menos iguais, sendo que a linha de ruptura passa pelo meio do bordo côncavo. Podem existir plainas duplas ou plainas com dois bordos ativos. De maneira geral, a plaina tem um bordo ativo e não apresenta pontas. Nomenclatura funcional. Gume em bisel simples e de ângulo aberto, contacto por uma linha agindo por pressão (Laming-Emperaire, 67). Ver Raspador e Lesma.

PLANA – Termo de uso genérico. Em análise de cerâmica, Tipo de Base (Ver) de recipiente, achatada, como um fundo de panela.

PLANO – Termo de uso genérico. Em análise de cerâmica, Tipo de Lábio (Ver) achatado.

PLANO-CÔNCAVA – Tipo de Base (Ver) que apresenta uma curvatura para o interior do recipiente.

PLANO DE CLIVAGEM – Ver Clivagem.

PLANO DE PERCUSSÃO – É a superfície que recebe os golpes destinados a fazer saltar uma lasca. Tanto o plano de percussão de um núcleo como da lasca, às vezes chamado Talão (Ver), que foi destacada desse núcleo, são constituídos pela mesma superfície. Os termos aplicados a um são aplicáveis ao outro. O ângulo do plano de percussão de um núcleo é aquele formado pela intersecção do plano com a cicatriz deixada pela retirada da lasca. Ele é suplementar do ângulo do plano de percussão dessa lasca. – Uma superfície mais ou menos plana, escolhida ou preparada no núcleo, para receber a força de impacto no lascamento. Ver Plataforma. – Superfície

que recebeu o golpe que destacou a lasca do seu núcleo. O plano de percussão é comum ao núcleo e à lasca debitada. No momento da debitagem, uma parte fica com a lasca (certos autores, como Bordes, Tixier, chamam essa parte de Talão), uma outra fica no núcleo. O ponto que recebeu o golpe chama-se ponto de impacto. As principais partes do plano de percussão são: bordo externo, bordo interno e ângulo (Ver). O plano de percussão é definido por suas dimensões, forma, preparo, posição, ângulo, pelas marcas observadas no seu bordo externo e, algumas vezes, pela presença de um trabalho posterior à debitagem. – O plano de percussão pode ser: 1. Cortical, isto é, constituído inteiramente pelo córtex: 2. Puntiforme, constituído de um único ponto de impacto; 3. Liso, isto é, obtido por um só lascamento; 4. Diédro, isto é, obtido por dois lascamentos que formam um ângulo; 5. Facetado, isto é, obtido por vários lascamentos; 6. Picoteado ou Martelado, isto é, preparado por uma sucessão de pequenos golpes. Pode ser, também, longitudinal, transversal ou oblíquo, em relação ao eixo principal do objeto (Laming-Emperaire, 67).

PLANTAR – Motivo de Pintura Rupestre (Ver) obtido pela Impressão (Ver) da planta do pé untada em tinta sobre a superfície da Rocha Suporte (Ver).

PLAQUETA – Algumas rochas, como os xistos, se clivam em forma de plaquetas com duas faces aproximadamente paralelas. Essas plaquetas constituem frequentemente a matéria-prima de certos utensílios. Ver Chapa.

PLATAFORMA – Pequena parte do Plano de Percussão (Ver) que se encontra na lasca debitada, incluindo o Ponto de Impacto (Ver). Laming-Emperaire não distingue do Plano de Percussão (Ver).

PLATAFORMA EM FORMA DE "U" ALADO – Resultado eventual de lascamento com percurtor ou punção mole, onde a saída de uma lasca enigmática deixa um oco (Ver) na margem externa da plataforma. Tem uma forma lenticular muito estreita (Laming-Emperaire, 67).

PLATAFORMA ESMAGADA – Resultado do colapso parcial ou completo, resultante de um choque além do limite da elasticidade da rocha.

PLATAFORMA FACHADA – Uma com área irregularizada para receber a força de lascamento, pela remoção de uma série de lasquinhas diminutas pela pressão ou fricção (esfregada). No caso de Percussão direta (Ver), diminui a probabilidade de colapso da plataforma; no caso de Percussão indireta (Ver), ajuda a assentar o punção para evitar que escorregue.

PLEISTOCENO – Época que segue ao Plioceno (Ver) e marca o início do Quaternário (Ver). Durou, aproximadamente, um milhão de anos. Nesse período apareceu a maioria das espécies atuais. É também chamado de época glacial, quaternário antigo ou dilu-

viano. Integra o Período Antropozoico ou Quaternário da Era Cenozoica. O pleistoceno teria acabado há aproximadamente 12.000 anos, com um clima excessivamente frio e seco. Ver Período Glacial e Coluna Geológica.

PLIOCENO – Término do Terciário Superior, com duração em torno de seis milhões de anos. É nesse período que surgem os Hominídeos (Teixeira Guerra, 75).

PLUVIAL – Ver Período Pluvial.

POLIDO – Técnica de complementação do alisado para tornar impermeável e lustrosa a superfície do vasilhame, podendo ocorrer tanto interna quanto externamente (Pronapa, 76). – Em análise de material lítico designa o artefato cuja forma final ou acabamento deu-se por abrasão suave. – Em Arte Rupestre designa os Petroglifos (Ver) elaborados por abrasão.

POLIDO-ESTRIADO – Técnica de complementação do alisado em que o polimento deixa estrias na superfície do vasilhame (Pronapa, 76).

POLÍPODA – Tipo de Base (Ver) de recipiente cerâmico, com quatro apoios (pés) ou mais.

POLIDOR – Bloco de rocha, escolhido por suas qualidades físicas particulares (arenito, basalto etc.), sempre muito maior do que o objeto ou a parte do objeto a ser polida. As superfícies gastas vão se aprofundando, pouco a pouco, em formas variadas: inicialmente planas ou ligeiramente côncavas, elas podem adquirir formas imprecisas com proporções maiores, em negativo, dos objetos que nela foram polidos. O polimento das faces de uma lâmina de machado formará depressões ovais, o de um gume deixará longos sulcos de secção triangular etc. Frequentemente o próprio afloramento rochoso serviu como polidor, recebendo, nesse caso, o nome Polidor dormente ou Polidor fixo (Ver). Sobre certos afloramentos rochosos pode-se observar numerosas depressões de polimento, umas largas e ovais, outras alongadas, de secção triangular. Nesse caso, trata-se de um verdadeiro ateliê de polimento de lâminas de machado, onde foram fabricadas as lâminas e suas faces e gumes polidos (Laming-Emperaire, 67). Nomenclatura funcional.

POLIDOR LÍTICO – O mesmo que Polidor. Local em que ocorrem sulcos em pedras, originados por atrito (para obtenção de gumes em artefatos líticos etc.). Nomenclatura funcional.

POLÍPODA – Tipo de Base (Ver) com mais do que quatro pés.

PONTA – A palavra ponta se aplica a objetos muito diferentes, cuja função comum é penetrar na matéria por meio de uma extremidade mais ou menos

aguda. A parte ativa é teoricamente puntiforme. Essa penetração pode-se efetuar por pressão ou por percussão, sendo que, nesse caso, trata-se de ferramenta e de arma do tipo picão e ponta de lança e, finalmente, por percussão lançada, referindo-se, então, a arma da série de pontas de armas de arremesso.

PONTA(S) DE ARREMESSO – Não há solução de continuidade definida, entre os grandes Bifaces (Ver) amigdaloides, as Facas (Ver) e pontas ovais ou foliáceas bifaciais as pontas de lança e, finalmente, as pontas foliáceas das armas de arremesso, se bem que seja claramente evidente tratar-se de ferramentas e de armas bem distintas. As características comuns a essas séries são de ordem técnica e morfológica: são lascadas bifacialmente e têm uma forma em amêndoa ou em folha. As pontas de lança e pontas de arremesso são tipicamente simétricas, com dois gumes laterais separados por uma ponta mediana. Essas pontas foram sempre encabadas e seriam utilizadas, seja por percussão, como é o caso das pontas de lança, seja por percussão lançada, como é o caso das pontas de armas de arremesso (flechas ou zagaias). As principais armaduras de flexas conhecidas são, além das pontas foliáceas, as pontas com canelura que apresentam um adelgaçamento duplo na base, em forma de canelura; as pontas de base côncava; as pontas pedunculadas; as pontas pedunculadas com aletas (Laming-Emperaire, 67). As pontas de arremesso são usadas na América do Norte como indicadores cronológicos. Os tipos mais comuns: a) Scotsbluff; b) Folson; c) Sandia; d) Cody; e) Fishta Ilnclovis; e) Eden. Ver Canelura.

PONTA BIFACIAL – São as que foram trabalhadas nas duas faces. Ver Ponta de Arremesso.

PONTA DESVIADA – É uma ponta, de silhueta triangular, cujo eixo de debitagem é paralelo ao eixo morfológico, mas não se confunde com ele (Laming-Emperaire, 67).

PONTA DE LANÇA – Agrupa-se sob o termo geral de pontas de lança, pontas bifaciais geralmente foliáceas, muito grandes para serem consideradas como pontas de arma de arremesso e muito simétricas para serem consideradas como facas-pontas. Nenhum critério permite distinguir pequenas pontas de lança de grandes pontos de arremesso. Nomenclatura funcional-morfológico. Ação por meio de um ponto por pressão ou percussão.

PONTA DA LASCA – Intersecção das margens (bordos) esquerdo e direito, teoricamente oposta ao ponto de impacto.

PONTA(S) DE PRESSÃO – Podem ser pontas de lasca ou de bloco, bifaciais. Tipicamente, uma ponta de lasca é uma lasca cujo extremidade forma um triédro. Um plano desse triédro é formado pela face interna da lasca; os dois outros, por dois lascamentos do face externa. A intersecção, teoricomente puntiforme, desses três pla-

nos, forma a ponta. Esta é ajeitada e reforçada por retoques praticados sobre um ou dois bordos da lasca, até o ponto de intersecção. Esses retoques são frequentemente alternos, isto é, praticados sobre uma face, em um dos bordos e sobre a face oposta, no outro. A ponta de lasca é, frequentemente, associoda com um outro bordo ativo e a combinação dessas duas partes ativas forma uma ferramenta complexa. Temos assim focos-pontos ou raspadores-pontos ou focos-pontos--raspadores etc. A secção do ponto é, geralmente, triangular. – Tipicamente, um ponto de bloco é formado pela intersecção, teoricomente puntiforme, de duas ou mais faces trabalhadas de uma ferramenta. As pontos dessa série, utilizados por pressão, são quase sempre combinados com um ou dois bordos retocados em gume. Tem-se, então, uma foco-ponto bifacial com um ou dois gumes. A secção do ponto é losangular ou biconvexo (Laming--Emperaire, 67). Nomenclatura morfológica.

PONTA DE PROJÉTIL – O mesmo que Ponto de Arremesso.

PONTA UNIFACIAL – São os que foram trabalhados em apenas uma face.

PONTEADO – Tipo de decoração cerâmica feito com pontos, deixando marcos independentes, podendo ser de várias formas e tamanhos (Pronapa, 76).

PONTEADO-ARRASTADO – Tipo de decoração cerâmica executada com um instrumento de uma ou mais pontas que marca a superfície cerâmica, e fixa, alternadamente, pontos e sulcos interligados.

PONTO DE IMPACTO – Área ou ponto onde se registra o contacto entre o percutor e a rocha a ser modificada. Ver Loscamento e Plano de Percussão.

POT LID – Uma lasca em forma de cone raso que se desprende do superfície de uma rocha, deixando um oco cônico, causado por rápidos mudanças térmicas, especialmente por geadas, e não pelo homem.

POTÁSSIO-ARGÔNIO – A crosta terrestre contém potássio, no qual o isótopo K40 vai-se transformando em argônio (A40) em uma velocidade conhecida. A dosagem da proporção K4/ A40' propicia um método de datação semelhante ao Radiocorbônico (Ver). A longa vida média do K40' estimado inicialmente em 1,30 milhão de anos, e ampliado para 1,75 milhão; no entonto, não recomenda a aplicação do método para sítios arqueológicos, embora alguns resultados satisfatórios tenham sido obtidos para o Paleolítico Inferior em Olduvoi, África.

PRÉ-CAMBRIANO SUPERIOR – O mesmo que Algonquiano. Ver Coluna Geológica.

PRÉ-CERÂMICO – Designação genérica para sítios de período anterior ao surgimento da cerâmica. Não deve ser empregado para qualquer sítio onde não ocorre cerâmica, como, por

exemplo, sítios com petroglifos. Classificação tópica e cronológica.

PRÉ-HISTÓRIA – Em seu sentido restrito, o História é a narração dos feitos humanos pelos testemunhos escritos, mas o conhecimento desses feitos pode ser obtido por outros meios, como faz a Arqueologia (Ver). O termo Pré-História foi cunhado para designar a história do homem anterior ao aparecimento dos documentos escritos. Ver Preto-História.

PREPARO – Em terminologia lítica, é o conjunto das operações de lascamento executadas em uma massa de pedra bruta, operações essas que consistem em descorticamento, preparo da pré-forma, manufatura, retoques. – Conjunto de técnicas e operações destinadas a transformar as matérias do estado bruto em que são coletadas em matérias imediatamente utilizáveis. – Em Arte Rupestre (Ver), alisamento prévio da Rocha suporte (Ver).

PRESSOR – Instrumento pontiagudo utilizado para lascamento por pressão. Pode ser utilizado na mão, por meio de força muscular do braço, ombro e coxa; ou pode ser assentado na ponta de uma espécie de muleta, para utilizar o peso do corpo (muleta de peito) ou juntamente com a força muscular do ombro (muleta de ombro). Ver Retocador.

PRESSÃO – Técnica (ou técnicas) de lascar pela aplicação de uma grande força lenta, embora concentrada, muscular, por meio de um instrumento pontudo (Pressor).

PRODUTOS DE PREPARO – Os produtos de preparo de um objeto de bloco compreendem, como os resultantes do preparo de um núcleo, uma lasca inicial ou lascas de descorticamento. As outras lascas, destacadas de uma ou de outra face, para obter a forma do objeto, não recebem denominações particulares.

PROPULSOR – De madeira ou osso, consiste num artefato fino e alongado, com empunhadura na Extremidade Proximal (Ver), e protuberância, gancho ou oco na Proximidade Distal (Ver), onde se ajustava a base da lança. Atuava como uma extensão do braço do lançador, aumentando sua força e alcance.

PROSPECÇÃO – Simples localização e cadastramento de sítios arqueológicos. O mesmo que Survey. Ver Levantamento Arqueológico, Localização, Nominação, Prospecção com Sondagem, GPS.

PROSPECÇÃO COM SONDAGEM – Tipo de Prospecção (Ver) com alguns cortes-teste. Indica-se o número e áreas dos cortes, bem como a espessura dos níveis estratigráficos. Os cortes devem ser registrados na planta do sítio.

PROTO-HISTÓRIA – Período posterior à Pré-História (Ver), no qual já se conta com alguns documentos escritos, porém insuficientes.

PROVA DE RESISTIVIDADE – Técnica para identificar a natureza dos objetos

enterrados em um sítio arqueológico, sem necessidade de Escavações (Ver) ou Prospecção. Baseia-se na diferente resistência dos materiais na condução de correntes elétricas. O instrumental consiste em uma fonte de eletricidade e um medidor para registrar os resultados, pares de sondas de aço são enterradas no solo do sítio arqueológico, em intervalos regulares, uma para conduzir a corrente ativa e outra para captar os resultados da corrente que atravessa o terreno. A interpretação dos resultados é difícil, mas qualquer anomalia pode ser significativa. Atualmente já existem detectores de metal de uso mais simples. Ver Ressonância Magnética.

PUNÇÃO – Peça intermediária utilizada para transmitir a força do golpe do percutor ao plano de percussão do núcleo, de maneira muito mais precisa, em termos de controle do ângulo e ponto de impacto. No entanto, cria o problema de segurar o núcleo, uma vez que uma mão segura a punção e outra o percutor. Usualmente o núcleo é apoiado sobre o solo, ou preso entre os joelhos.

PUNTIFORME – Em Arte Rupestre (Ver), motivo em forma de ponto. Podem apresentar-se isolados, em linha, em séries paralelas ou agrupadas. – Tipo de Plano de Percussão (Ver).

Q

QUADRANGULAR – Tipo de Boca (Ver) de recipientes cerâmicos.

QUADRICULADO – Técnica de Escavação Arqueológica (Ver), que consiste em dividir a zona a escavar em quadrículas, para facilitar a localização topográfica das evidências.

QUARTZITO – Rocha metamórfica composta de grãos de quartzo, frequentemente alinhadas em camadas; resulta, em geral, do metamorfismo de arenitos.

QUARTZO – Mineral de sílica anidro (Si02) quimicamente pura ou quase pura, que cristaliza no sistema romboédrico, apresentando prismas retas de base hexagonal terminando em duas pirâmides. Quando fracionado e rolado, é o principal integrante da Areia (Ver).

QUATERNÁRIO – Ver Coluna Geológica, Pleistoceno e Holoceno.

QUEBRA-COQUINHO – Pedra com depressão semiesférica polida. Seixo ou pedra, algumas vezes em madeira

ou osso de baleia que apresenta uma ou várias depressões de 1,5 a 3 cm de diâmetro, situadas em umas, duas ou mais faces opostas. Supõem-se que essas pedras teriam servido de suporte, sobre os quais eram quebradas as sementes de certas palmeiras ou moluscos gastrópodes, ou trituravam-se minerais. Poderia servir, também, de base para a vareta que enrola o fio de algodão ou, ainda, como base de fricção para obtenção do fogo.

QUEIMA – Processo físico-químico que consiste em transformar a pasta em cerâmica, por meio de elevação da temperatura, durante qual a maior ou menor presença de oxigênio determina a redução ou oxidação, evidenciada pela textura e cor de cerâmica (Pronapa, 76).

QUEIMA OXIDANTE – Queima ao ar livre, em fogueiras, o que provoca a oxidação dos minerais presentes. No Brasil, onde o minério de ferro é abundante, costuma colorir a cerâmica com cores que vão do amarelo-laranja ao marrom, passando por todos os tons de vermelho.

QUEIMA REDUTORA – Queima em fornos. Com a ausência de oxigênio, ocorre a redução dos minerais, resultando vasilhames com superfície branca a negra, passando por todos os tons de cinza. Não confundir com Brunido ou Esfumarado (Ver).

QUERATO-ÓSTEO-ODONTO-MALACOLÓGICO, ARTEFATO – Artefato feito sobre casco ou chifre (querato), osso (ósteo), dente, presa ou marfim (odonto), ou concha (malacológico). Ver Artefato Querato-Ósteo-Odonto-Malacológico.

R

RADIOCARBONO – Técnica de Datação Absoluta (Ver) que consiste em dosar o teor de C_{14} (Ver) presente em restos orgânicos recuperados nas escavações arqueológicas (carvão vegetal, conchas, ossos, madeira, tecidos etc.). Inicialmente sua vida média foi estimada em 5.568 ± 30 anos, mas depois foi corrigida para 5.730. Baseia-se na proporção cantante entre C_{12} e C_{14} existente nos seres vivos. Quando estes morrem, perdem 50% do C_{14} a cada 5.730 anos, que é a sua vida média, ou, em outras palavras, decorridos 5.730 anos, metade do C_{14} terá se desintegrado, passados outros 5.730, a metade do que restava também se terá desintegrada, e assim sucessivamente. Alguns autores consideram essa vida média excessivamente baixa, mas foi adotoda por convenção. As datações por radiocarbono têm mantido estreita correlação com as datas históricas e as obtidas pela Dendrocronologia (Ver), até cerca de 3.000 anos antes do presente. Estudos recentes, no entanto, baseados em dendrocronologia, parecem apontar para o fato de que tal método vai propiciando datas menores confor-

me mais antigas sejam as amostras. Originalmente, acreditava-se que o método só era confiável até 20.000 anos, mas com a utilização de espectrômetros e aceleradores de massa, já se admitem datas maiores que 45.000. Os resultados das datações radiocarbônicas são estatísticos. Por essa razão, devem ser apresentados, sempre, a média (x) mais ou menos (±) o desvio-padrão (s), ou seja, x ± s. Uma datação nesse formato assegura que existem 68,26% de probabilidade da data real encontrar-se no intervalo estabelecido. Por exemplo, uma data de 1.000 ± 100 nos fornece a probabilidade de que a data real se encontre no intervalo 900-1.100 anos. Desejando-se maior precisão, deve-se usar duas vezes o desvio-padrão, ou seja, x ± 2s, que nos dá um intervalo com 95,46% de probabilidade. Assim, no exemplo anterior, ter-se-ia 95,46% de probabilidade de que a data real estivesse no intervalo 800-1.200 anos. A maior confiabilidade possível é de 99,73%, caso em que se deve usar três vezes o desvio-padrão, ou seja, x ± 3s. No exemplo anterior, ter-se-ia o intervalo 700-1.300 anos. Deve-se ter em mente, no entanto, que tais resultados nos dão 99,73% de probabilidade de que o sítio arqueológico tenha 700 anos ou mais, não sendo adequado utilizar unicamente o limite superior. Por convenção, o presente para fins de datação radiocarbônica é o ano de 1950 de nossa era. Ver AP., a.C, d.C., A.D.

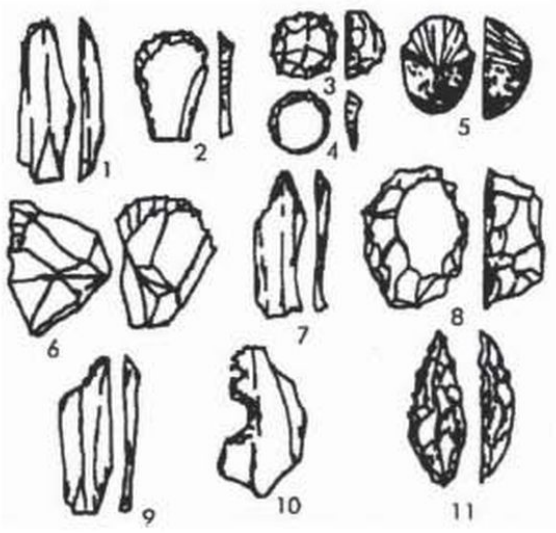
RAIOS – Uma série descontínua de linhas de força (*shartter marks*) abrindo em leque a partir do ponto de impacto, independentemente das Ondas (Ver).

RALADOR – Artefato cerâmico plano, de forma circular ou ovalada, com fundo internamente coberto de incisões paralelas, utilizado para obter e preparar polpas de alimentos vegetais, especialmente da mandioca (Pronapa, 76).

RASPADO – Tipo de decoração que consiste em debastar a superfície do vasilhame, com cacos, conchas etc. Os sulcos resultantes são, geralmente, profundos e largos (Pronapa, 76).

RASPADOR – Utensílio de lasca ou de bloco das séries das ferramentas plano-convexas. O bordo ativo é convexo ou, mais raramente, retilíneo e forma um ângulo muito aberto com a face externa. Esse bordo é, geralmente, situado em uma extremidade longitudinal da ferramenta. Quando se trata de um raspador de lasca, o bulbo da face interna, quase sempre, foi retirado para tornar a tal face mais plana. Os principais tipos definidos são (a numeração corresponde à da figura): 1. Raspador Terminal – raspador cuja parte ativa encontra-se na extremidade do eixo longitudinal; 2. Raspador em ferradura ou leque – o bordo ativo é semicircular e mais largo que a extremidade oposta. A forma inversa, isto é, com o bordo ativo mais estreito que a extremidade oposta é chamada, por Leroi-Gourhan, 1964, Cuneiforme; 3. Raspador discoidal ou circular-raspador em forma de

disco cujo bordo ativo se estende por toda a periferia. Pode-se chamar de semi-circular ou semi-discoidal, os raspadores desta mesma forma, mas cujos bordos ativos se estendem somente até a metade da periferia. Pode-se também, se necessário, distinguir um tipo 3/4 discoidal etc.; 4. Raspador unguiforme ou unciforme – pequeno raspador de formas e dimensões semelhantes à unha do polegar, caracterizado por uma pequena superfície plana no centro da face superior, superfície esta destinada, julga-se, ao apoio de um dedo. Eles não são sempre diferenciados claramente dos raspadores discoidais ou semidiscoidais ou dos pequenos raspadores em forma de ferradura. É necessário, entretanto, reservar esse termo aos raspadores que apresentam a superfície plana, característica, na face superior; 5. Raspador nucleiforme. É obtido pelo preparo rudimentar de um núcleo por regularização do plano de percurssão e retoques abruptos do bordo ativo; 6. Raspador carenado – o termo se aplica a raspadores espessos em forma de quilha; 7. Raspador de nariz – raspador em cujo bordo ativo foi obtida uma saliência por meio de retoques bilaterais; 8. Plaina; 9. Raspador com ombro – raspador cujo bordo ativo apresenta uma saliência obtida por retoques unilaterais; 10. Ferramenta denticulada (Ver); 11. Plaina (Ver); 12. Raspador lateral – o raspador lateral dificilmente se diferencia da Faca (Ver) e um mesmo utensílio pode ser empregado para cortar e raspar; 13. Raspadores atípicos; 14. Raspadores duplos ou triplos (Laming-Emperaire, 67).



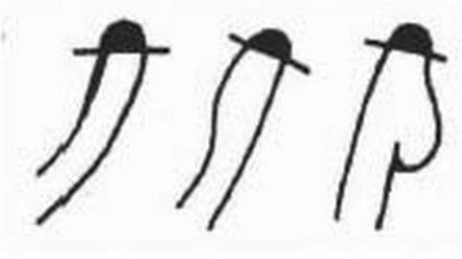
RASPADOR LATERAL – Ver Faca.

REALISTA – Diz-se dos motivos, em Arte Rupestre (Ver), que buscam espelhar os modelos como são vistos no mundo real.

RECOLETOR – Diz-se dos grupos humanos cuja subsistência baseia-se, principalmente, nos alimentos disponíveis no ambiente (não cultivados). É comum a expressão caçador-recoletor. Não confundir com Coletor (Ver), aquele que colhe.

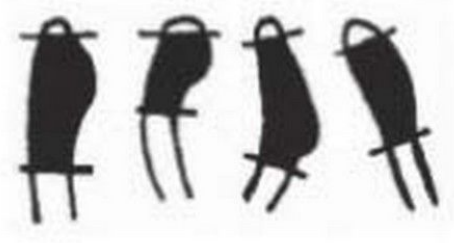
RECOZIMENTO – Ver Tratamento térmico.

REDONDO – Tipo de Lábio (Ver) de vasilhame cerâmico. Também designado por Arredondado.

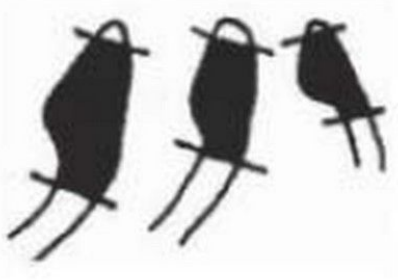


REDUÇÃO – O mesmo que Aldeamento. O termo é usualmente empregado apenas para as Reduções Jesuíticas do Brasil Meridional e países limítrofes.

REFORÇADA EXTERNAMENTE – Tipo de Borda (Ver) que recebe um reforço na parte externa do recipiente, ocorrendo uma inflexão do sentido geral da curvatura da parede pela parte externa.



REFORÇADA INTERNAMENTE – Tipo de Borda (Ver) que recebe um reforço na parte interna, deixando-a mais espessa que do sentido geral da curvatura da parede, pela parte interna.



REFUGO – Quaisquer restos ou detritos num sítio arqueológico, resultantes da habitação humana (Pronapa, 76).

REPUXADA – Técnica de confecção da cerâmica que consiste em elaborar o recipiente batendo na parede, externamente com um objeto, escorando-a, por dentro, com outro (semelhante a técnica de confecção de tachos) (Pronapa, 76).

RESISTÊNCIA AO CHOQUE – Certos minerais têm a capacidade de absorver o choque de um golpe que o comprime e voltar a expandir à forma anterior sem danificar-se; evidentemente por conta da estrutura interenroscada dos microcristais do grupo cristalino de rochas. Ver Eslaticidade.

RESSONÂNCIA MAGNÉTICA – Técnica para medir a intensidade do campo magnético terrestre em dado ponto. Tal intensidade pode ser alterada pela presença de objetos metálicos, construções ou estruturas enterradas, o que permite a localização de evidências arqueológicas sem necessidade de escavação. É nesse princípio que se baseiam os detectores de metais.

RESTO(S) DIRETO(S) – Todo e qualquer testemunho derivado diretamente do corpo humano, ossos, dentes, cabelos, unhas, coprólitos.

RETANGULAR – Tipo de Borda (Ver) de recipientes cerâmicos.

RETOCADO – Tipo de decoração em que pintura ou barro de cor contrastante é aplicado, antes ou depois da

queima, dentro dos sulcos da decoração marcada, entalhada, excisa ou incisa (Pronapa, 76).

RETOCADOR ou COMPRESSOR – São assim chamados os objetos de madeira, osso ou pedra com os quais se retoca a pedra, por pressão. Os compressores de pedra podem ser seixos ou fragmentos quaisquer. Um compressor pode ser utilizado em trabalhos de acabamento de um objeto de pedra lascada, ou para reavivar um gume.

RETOQUE – O retoque de uma lasca constitui a última fase de sua fabricação. O retoque consiste em dar, por meio de pequenos lascamentos sucessivos obtidos por pressão ou por percussão, a forma desejada à lasca bruta, cujo contorno, determinado pela debitagem, pode não corresponder, exatamente, às intensões do artesão. Por outro lado, os retoques consolidam o gume tornando-o mais espesso. Durante sua utilização o utensílio pode ser igualmente retocado na medida em que é gasto pelo uso, como quando amolamos uma faca. Os retoques podem ser dificilmente distinguidos de certas marcas de uso, e em alguns casos essa distinção é de todo impossível. Os retoques podem igualmente eliminar um bordo cortante e transformá-lo num bordo não cortante que constituirá uma parte de preensão ou de encabamento. A superfície assim formada é comumente chamada de dorso abatido (em francês *dos abattú*). Os retoques que transformaram um gume em *dos abattú* são normalmente abruptos. Os retoques de um bordo são definidos por suas dimensões, forma, localização nos bordos, por sua posição em relação às faces, por sua disposição e por sua indinação. Os retoques são chamados externos ou diretos quando os golpes ou a pressão do retocador foram aplicados sobre a face interna da lasca, sendo que os lascamentos afetam a face externa. Por outro lado, são internos ou inversos quando a ação foi aplicada sobre a face externa da lasca e, portanto, os lascamentos afetam a face interna. Podem, ainda, ser bifaciais quando, numa mesma zona do bordo, há retoques externos e internos. Para os retoques de uma lasca, o termo unifacial seria redundância, pois essa noção está subentendida nas de retoques externos ou internos. Os retoques são alternos, quando um bordo apresenta, sucessiva e alternadamente, séries de retoques externos e internos. O ponto de encontro de dois bordos, sendo que um possui retoques externos e o outro retoques internos, constitui, também, um conjunto de retoques alternos.

Esse tipo de retoque é comumente utilizado para a obtenção e fabricação de pontas e perfuradores. Pode-se qualificar os retoques, ainda, como irregulares, paralelos, folheados, perpendiculares, oblíquos, conforme suas orientações.

RETOQUE POR PRESSÃO – Um retocador, de pedra, de osso, de chifre ou de madeira é aplicado de modo a exercer pequenas pressões, sucessivas, sobre a parte a ser retocada, sendo que a peça a ser retocada é mantida na mão. Os retoques obtidos por pressão são mais finos e mais regulares que os retoques obtidos por percussão, mas não são menos profundos (Laming-Emperaire, 67).

RETOQUE SECUNDÁRIO – O Retoque (Ver) que dá a um utensílio de pedra lascada sua forma definitiva.

RITUAL – Relacionado com alguma prática mágica ou religiosa. Diante da quase impossibilidade de conhecer as crenças pelos materiais arqueológicos, o termo se emprega, às vezes, para significar que não se encontrou nenhuma explicação funcional para o lugar ou objeto de que se fala. Esse costume deve ser abandonado, já que a sinceridade é a melhor atitude (Bray & Trump, 70).

ROÇA – Forma antiga e muito difundida de agricultura. O terreno escolhido era desmatado, geralmente por queimadas, e deslocado. As sementes se plantavam em buracos feitos nas cinzas com um pau de extremidade aguçada. É um método que dá bons resultados, produzindo boas colheitas que vão declinando rapidamente, depois do que se tem de roçar novo setor (Bray & Trump, 70). É possível localizar as áreas de roças nas proximidades de Aldeias (Ver), pelas alterações na cobertura vegetal, geralmente capoeiras ou vegetação secundária.

ROÇADO – Uma Roça (Ver) pequena.

ROCHA – Conjunto de minerais, ou mineral consolidado, encontrado em forma maciça de camadas, diques ou filões.

ROCHA AMORFA – Ver Amorfa, Rocha.

ROCHA CRISTALINA – Ver Cristalina, Rocha.

ROCHA EFUSIVA – Ver Efusiva, Rocha.

ROCHA ERUPTIVA – Ver Eruptiva, Rocha.

ROCHA MAGMÁTICA – Ver Magmática, Rocha.

ROCHA METAMÓRFICA – Ver Metamórfica, Rocha.

ROCHA SEDIMENTAR – Ver Sedimentar, Rocha.

ROCHA SUPORTE – Qualquer Rocha (Ver) utilizada como base para a execução de Arte Rupestre (Ver). Em alguns casos pode ter a superfície previamente trabalhada por polimento.

ROLETADO – Tipo de decoração que consiste em conservar os roletes de confecção dos vasilhames, sem presionar ou alisar a superfície externa (Pro-

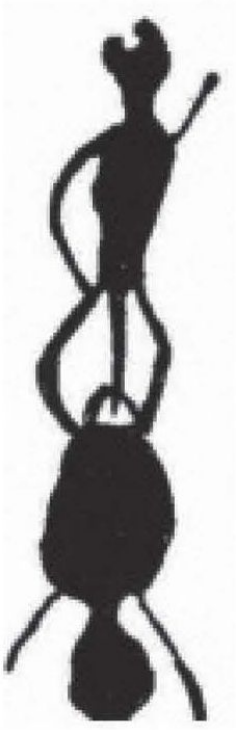
napa, 76). Deve-se ter em mente, no entanto, que na literatura etnográfica e folclórica esse termo aparece designando uma técnica de manufatura, o que provoca confusões. Ver Acordelado.

ROLETE – Pequenos cilindros de Posta (Ver) utilizados na confecção dos vasilhames cerâmicos. Ver Manufatura.

ROLO – Cilindro de pasta, de comprimento e diâmetro variáveis, empregados em algumas técnicas de confecção de vasilhame (Pronapa, 76). O mesmo que Rolete.

RUPESTRE – Ver Arte Rupestre.

S



SAMBAQUI – Sítio testemunho de bandos recoletores e pescadores do litoral. Apresenta-se como uma pequena colina arredondada, constituída quase que exclusivamente por carapaças de moluscos. Os sambaquis podem chegar a 30 m de altura e provavelmente filiam-se a várias fases, ainda que indubitavelmente constituam uma única tradição. Sernambi; casqueiro; concheiro. Cassificação cultural pouco precisa. – Sítio arqueológico cuja composição seja predominante de conchas (Pronapa, 76). A origem da palavra é Tupi-guarani: *Tombá*, monte e *qui*, conchas.

SEDIMENTAR, ROCHA – Deposição pela precipitação química ou de suspensão, de detritos de outras rochas ou de origem orgânica, normalmente depositadas em camadas. Imprestável para lascamento.

SEDIMENTO – Material originado pela destruição de rochas preexistentes, passível de ser transportado pelo vento ou água, e depositado em outro local.

SEDIMENTOLOGIA – Ramo da geomorfologia que estuda os Sedimentos (Ver), sua natureza e sua forma de deposição, de particular interesse para a Arqueologia de Campo (Ver), por auxiliar na interpretação das formas de deposição e dos processos pós-deposicionais a que as evidências arqueológicas estiveram expostas.

SEIXO – São fragmentos há muito tempo destacados da rocha mãe, com as arestas desgastadas, formas arredondadas e de superfície constituída por um córtex de espessura variável. Os seixos constituem a matéria-prima de um grande número de utensílios pré-históricos (*Pehhle culture*, cultura dos seixos). Não se deve julgar, como é comum, que uma indústria de seixos seja particularmente grosseira. Com efeito, se o termo "Pehhle culture" foi utilizado inicialmente para designar indústrias africanas arcaicas e grosseiras, em todos os lugares do mundo, onde os lascadores de pedra dispunham de seixos de rochas possíveis de serem lascados, eles o utilizavam. No litoral do Brasil Meridional, as indústrias, em grande número de casos, são feitas a partir de seixos. Somente os vestígios de córtex permitem decidir se a matéria-prima foi ou não um seixo. – Fragmento de rocha trasportado, de maneira a gastar e arredondar as arestas.

SEIXO UTILIZADO – Ver Pedra Utilizada.

SEMILUNAR – Ver Lâmina de Machado Semilunar.

SENSORAMENTO REMOTO – Exploração e mapeamento da superfície terrestre por satélites, usando métodos variáveis, como, p. ex: fotografias (p & b, cor, falsa cor), infra-vermelho, micro-ondas (radar) etc. Utilização de imagens obtidas por satélites para localização de sítios arqueológicos, tanto pela identificação direta como indiretamente, por alterações do relevo, solo ou cobertura vegetal.

SEPULTURA – Local onde se pratica um sepultamento, cova, pode ser simples ou com superestrutura, caso em que recebe a designação de túmulo. Classificação funcional.

SEQUÊNCIA SERIADA – Resultado cronológico da análise dos dados obtidos pela Estratigrafia ou Seriação (Ver), expostos metodologicamente (Pronapa, 76). Ver Seriação, Tipologia e Dotação Relativa.

SERIAÇÃO – Manipulação de um conjunto de dados obtidos de vários níveis, cortes e coleções de superfície, para alcançar uma sequência de história de uma cultura. – Uma vez que as variações de um objeto determinado foram classificadas mediante a Tipologia (Ver), pode-se observar que podem dividir-se em certas séries de desenvolvimento, tanto dentro da mesma linha como com ramificações (Bray & Trump, 70). Ver Sequência Seriada e Datação Relativa.

SÉRIE – Conjunto de tipos, decorados ou não, que pertencem ao mesmo gênero cerâmico (Pronapa, 76). O termo

aplica-se da mesma forma a conjuntos de ortefatos líticos ou queroto-ósteo--odonto-molacológicos. – Ampla unidade de classificação que compreende certo número de culturas interrelacionadas ou de estilos cerâmicos. Uma série tem uma duração no tempo, quando uma cultura ou estilo dão origem o outro, e no espaço (o área ocupado pelas várias culturas ou estilos que constituem a série) (Broy & Trump, 70). Ver Tradição e Área Cultural.

SERRILHADO – Tipo de Lábio (Ver) com entalhes retangulares regularmente espaçados. O mesmo que Dentado ou Denteado.

SERRUNGULADO – Tipo de decoração cerâmica que consiste em que a ação simultânea das pontas das unhas e dedos, em sentido oposto, na superfície cerâmica, provoque a formação de cordões em crista, separados por sulcos (Pronapa, 76).

SIGNO – Embora tenha o sentido geral de sinal, símbolo, em semiótica é um termo técnico, que implica na combinação de um significado ou conceito, e de um significante ou imagem. Tem sido usado na literatura sobre Arte Rupestre (Ver), mas não se deve esquecer que o significado perdeu-se no momento mesmo em que a cultura que produziu tais manifestações deixou de existir.

SÍLEX – Mineral de sílica formado em nódulos pela precipitação, por meio de soluções aquosas contendo sílica, em volta de um núcleo (normalmente orgânico), em camadas calcárias, sendo uma liga granular cripto-cristalina de sílica com calcário.

SIMPLES – Termo de uso geral. – Cerâmica sem decoração (Pronapa, 76). Ver Vaso.

SINALAÇÃO, SÍTIO – Local onde as principais evidências são Petroglifos (Ver), Pictoglifo (Ver) ou Geoglifos (Ver). Classificação tópica.

SINANTROPO – Ver *Homo erectus*.

SÍTIO – Designação genérica para o local onde se encontram testemunhos arqueológicos de quaisquer gêneros. O mesmo que jazida e jazimento.

SÍTIO-ACAMPAMENTO – Local com indícios de permanência temporária (Pronapa, 76).

SÍTIO ARQUEOLÓGICO – Local onde se encontram restos de cultura passa-

da. Não usar jazida, pois esta é indicativa de terminologia geológica. – O nome do sítio é sempre de livre escolha do arqueólogo, salvo se já se lhe houver atribuído designação anteriormente, a qual poderá ser de autoria do pesquisador que tenha trabalhado na área, ou, então, consagrada pelo uso popular. Neste último caso inserem-se os petroglifos e pictoglifos, os quais, por suas características estéticas, costumam despertar o interesse dos moradores locais, que os integram em seu cotidiano, a eles atribuindo significado específico em seu universo conceitual. Tem-se, assim, designações como Pedra Lavrada, Pedra Encantada, Pedra do Letreiro, Letreiro do Bugre, Itacoatiara, e outras. Também as grutas costumam apresentar nomes postos pelas populações locais tais como Gruta do Sumidouro, Lapa da Pedra, Lapa dos Milagres etc. Frequentemente são expressões de uso habitual em todo o Brasil, acarretando um acúmulo de sítios distintos, separados por centenas de quilômetros e apresentando a mesma designação, o que tem ocasionado não poucos mal-entendidos. Algumas regras, mais ou menos intuitivas, têm sido observadas na designação de sítios arqueológicos: 1. Caso o sítio possua designação popular, esta deve ser mantida; 2. Caso o sítio já tenha sido citado em outros trabalhos ou pesquisas, deve-se manter a designação que lhe foi atribuída pelo primeiro arqueólogo que o registrou; 3. Na eventualidade da designação popular ser inexistente ou inadequada, e de não existir nome anterior atribuído por outro pesquisador, deve-se atribuir ao sítio uma designação retirada do acidente geográfico mais próximo, de preferência vocábulo da etimologia indígena; 4. Na eventualidade de não existirem termos adequados, seja por já haverem sido empregados em outros sítios, seja por originarem cacófatos ou expressões pouco recomendáveis, o arqueólogo poderá optar por designações livres, como, por exemplo, o nome do proprietário da área, da fazenda, do descobridor do sítio etc.; 5. Quando vários sítios possuírem o mesmo nome (homonímia), ou quando se descobrem vários sítios em uma mesma área, pode-se utilizar uma única designação seguida por números romanos: I, II, III etc.; 6. Quando um sítio apresentar vários nomes (sinonímia), atribuídos por autores diferentes, em épocas distintas, terá prioridade a designação mais antiga, a qual deverá ser seguida do nome do autor e data, entre parênteses, registrando-se os demais como sinonímia. – Não se dispõe, até o momento, de uma classificação rigorosa dos sítios arqueológicos brasileiros. Alguns autores, como Pereira Jr., Angyone Costa, Rohr, Prous e outros, que intentaram uma abordagem abrangente da nossa pré-história, registraram e perpetuaram designações que foram surgindo aleatoricamente, ao sabor da formação intelectual de nossos primeiros pesquisadores. Mais recentemente, alguns termos foram convencionados, passando a ser usados corretamente. Estes, no entanto, estão muito longe de espelhar, ao menos parcialmente, a realidade que se nos apresenta. Observa-se, ainda, que em toda a biblio-

grafia coexistem vários tipos de sistematizações, a saber: Classificações morfólogicos – consideram a forma do sítio, o modo como ocupa um lugar no espaço. P. ex: Sítio-sobre-Duna; Classificações cronológicas – consideram, primordialmente, o período em que o sítio foi ocupado. P. ex: Sítio Pré-cerâmico; Classificações funcionais – os mais utilizados baseiam-se na utilização hipotética do espaço por parte daqueles que o ocupavam. P. ex: Sítio Cemitério, Acampamento; Classificações tópicas – também muito frequentes, prendem-se à evidência arqueológica mais significativa do sítio, ou à ausência de determinada classe de evidências. O critério para julgar se uma evidência é significativo ou não pode ser quantitativo ou estético. P. ex: Sítio Petroglifo, Sambaqui; Classificações culturais – consiste no emprego de um termo, geralmente um geonomástico, para identificar o conjunto observado, ficando o termo definitivamente associado àquele tipo de sítio, entendido este, como testemu nho de uma cultura específica. P. ex: Acampamento Tupi-guarani.

SÍTIO-CEMITÉRIO – Local onde foram encontrados apenas evidências de enterramentos primários ou secundários (Pronapa, 76).

SÍTIO CERÂMICO – Ver Cerâmica, Sítio.

SÍTIO-CERIMONIAL – Local onde foram encontrados apenas evidências de práticos religiosos ou sociais (Pronapa, 76).

SÍTIO COLONIAL – Ver Colonial, Sítio.

SÍTIO EM DUNA – Ver Duna, Sítio em.

SÍTIO-HABITAÇÃO – Ver Habitação, Sítio.

SÍTIO-OFICINA – Local onde foram encontrados apenas evidências de fabricação de ortefatos (Pronapa, 76).

SÍTIO PETROGLIFO – Ver Petroglifo, Sítio.

SÍTIO PICTOGLIFO – Ver Pictoglifo, Sítio.

SÍTIO SINALAÇÃO – Ver Sinalação, Sítio.

SONDA – Equipamento tubular, utilizado para obter amostras de um sítio arqueológico sem necessidade de escová-lo. Geralmente utilizam-se vários tubos articuláveis, que perfuram o solo por meio da rotação. Também se pode utilizar um trodo.

SONDAGEM – Um corte arqueológico profundo e com pequena área de extensão, destinada a verificar o conteúdo cultural e a estratigrafia. O mesmo que Corte-teste ou Poço-teste.

SUBTRADIÇÃO CORRUGADA – Uma variedade da Tradição Tupi-guarani caracterizado, no seu conjunto cerâmico, pela predominância da decoração corrugada sobre as decorações pintada e escovada (Pronapa, 76).

SUBTRADIÇÃO ESCOVADA – Uma variedade da Tradição Tupi-guarani caracterizado, no seu conjunto cerâmico, pela predominância da decoração escovada sobre as decorações pintada e corrugada (Pronapa, 76).

SUBTRADIÇÃO PINTADA – Uma variedade da tradição Tupi-guarani caracterizada, no seu conjunto cerâmico, pela predominância da decoração pintada sobre as decorações corrugada e escovada (Pronapa, 76).

SULCO – Em tipologia lítica, uma ranhura, mas mais estreita e menos profunda que uma garganta. Por convenção, pode-se-ia chamar garganta, por exemplo, a todas as ranhuras de mais de 5 mm ou maior largura e sulco, todas as ranhuras de menos de 5 mm de largura. Uma tal convenção teria a desvantagem de distribuir em grupos diferentes, séries de lâminas cujos sulcos tenham uma largura compreendida, por exemplo, entre 4 e 7 mm. Umas seriam chamadas lâminas com sulco e outras, lâminas com garganta, o que seria um flagrante absurdo. Desse modo, utiliza-se o termo garganta para todas as ranhuras periféricas, feitas nas lâminas de pedra polida, qualquer que seja sua profundidade e largura.

SUPERFÍCIE – Parte superficial e descoberta de um sítio (Pronapa, 7 6).

SUPORTE – Superfície dura (bigorna) ou mole (terra) na qual descansa o núcleo durante o processo de lascamento ou espatifamento.

SUPORTE-DE-PANELA – Peça de cerâmica, de forma cônica, cilíndrica, hiperbólica ou hemisférica, decorada ou não, geralmente utilizada em número de três e destinada a equilibrar recipientes cerâmicos. Podem ser empregados igualmente pedras ou anéis de capim torcido para a mesma função (Pronapa, 76). Na Amazônia existem suportes de panela, em forma de pedestal oco, onde os vasilhames encaixam.

SUPORTE-DE-TAMPA – Anel ou ressaltos internos, em torno da borda do vasilhame (Pronapa, 76).

SURVEY – Prospecção arqueológica sistemática com o objetivo de proceder a um levantamento em área ampla. Não inclui sondagens nem escavações. Seu principal objetivo é estabelecer uma malha sobre a área levantada, com a localização precisa dos sítios arqueológicos, geralmente com recurso ao GPS (Ver).

T

TACITAS – Ver *Morteros*.

TAIPA – Ver Casa Barreada ou de Taipa.

TALÃO – Parte de preensão ou de encabamento. Em uma lâmina, o Plano de Percussão é, geralmente, chamado talão. Esse termo, entretanto, tem tantos significados diferentes que é preferível não utilizá-lo.

TALHADOR – Artefato lítico lascado, nudeiforme, com gume em bisei duplo, destinado a fender, entalhar; ossos ou madeira. Ver *Choppers*.

TAMPA – Peça especialmente feita para vedar recipientes, podendo ser usados, também, outras vasilhas ou cacos para a mesma função.

TAQUARA – Tradição ceramista do sul do Brasil.

TAXONOMIA – Classificação de uma população ou amostra em tipos de acordo com critérios preestipulados. O mesmo que Classificação, Taxionomia, Taxinomia.

TEAR – Máquina ou equipamento para tecer. A presença de Tortuais de Furo (Ver), principalmente no Nordeste do Brasil, parece indicar o uso de Teares Verticais pelas populações pré-históricas. Ver Tecido.

TECIDO – Produto obtido mediante o entrelaçamento de fibras, sejam de origem vegetal ou animal (Broy & Trump, 70).

TECNOLOGIA – O conjunto de conhecimentos, instrumentos (ativos) e facilidades (passivos, p. ex.: tigela), possuído e exercido por uma sociedade humana para se articular com o seu meio ambiente. O exercício da tecnologia para prover as necessidades da sociedade e de seus membros denomina-se Economia.

TEMBETÁ – Ornamento labial de pedra polida, cilíndrica, bicônica ou triangular de lados levemente convexos. Os cilíndricos apresentam uma variação: uma saliência, também cilíndrica ou achatada, perpendicular ao corpo da peça (em forma de T ou de L). Ambos os tipos cilíndricos raramente são encontrados curvos. Pode ter existido uma parte interno, de madeira, para as retas, no qual ela se adaptaria. As rochas preferidas são o cristal de rocha, o quartzo leitoso e o basalto (Mentz-Ribeiro, 77). – São ornamentos labiais análogos aos que os índios usavam no época da descoberta e que alguns usam até hoje. Conhecem-se tembetás de pedra polida verde, de formos arredondados.

TEMPERO ou ANTIPLÁSTICO – Matéria introduzida no pasto, para conseguir condições técnicas propícias a uma boa secagem e queima, como: cocos triturados, areia, quartzo, conchas e ossos moídos, cauixi, cariopé etc. (Pronapa, 76). Deve-se distinguir entre temperos minerais (areia, quartzo triturado, hemotito, grafite, carvão mineral etc.), e temperos orgânicos (conchas trituradas, ossos moídos, carvão vegetal, cauixi, cariopé etc.).

TERMOLUMINESCÊNCIA – Técnica de Dotação Absoluta (Ver). As imperfeições na estrutura dos cristais retêm elétrons que emitem luz, quando eles são aquecidos. A quantidade de luz emitida depende de três fatores: número de imperfeições no cristal; potência da radiação a que foi exposta; e tempo de exposição. O segundo desses fatores pode ser medido diretomente da amostra analisada, e o primeiro, analisando-se de novo, depois de submetê-lo a uma fonte de radioatividade de potência conhecida. Dessa forma, pode-se calcular o terceiro e último fator, ou seja, o tempo transcorrido desde que o cristal foi aquecido pela última vez (Broy & Trump, 70). O método é particularmente útil para dotar a cerâmica, mas não tem dado bons resultados com material lítico originalmente submetido ao calor. Exige, também, que se enterrem dosímetros no sítio arqueológico, para medir a rodioatividade média anual, nas áreas para as quais tais dados ainda não estejam disponíveis.

TERRACOTA – Literalmente, significa barro cozido, cerâmica. Alguns autores, no entanto, têm usado o termo para referir-se a objetos cerâmicos secos ao sol.

TERRAÇO, SÍTIO EM – Termo retirado da geomorfologia para designar sítios que ocorrem em superfícies planas limitadas por duas escarpas, uma ascendente e outra descendente. Distinguem-se terraços superiores, médios e inferiores, que se formam nessa sucessão, à medida que o nível do mar recua e abaixa, ou que os rios ficam mais encaixados. Geralmente, mas não obrigatoriomente, os sítios ou ocupações dos terraços superiores são mais antigos do que os dos inferiores.

TERRA PRETA – Designação popular utilizada, na Amazônia, para indicar sítios arqueológicos.

TESO – Elevação natural do solo, de pouca altura, em zona inundável, podendo ou não ter servido para assentamento de populações pré-históricas. Classificação morfológica. Na Ilha de Marojó e, aparentemente, no Pantanal Moto-grossense, os tesos foram intencionalmente construídos.

TESTE DA FLUORESCEINA – Presente em águas subterrâneas, a fluoresceina paulatinamente substitui o cálcio dos ossos enterrados. A proporção com que se realiza tal substituição depende da quantidade de fluoresceina presente no local, mas não tem um padrão comum, tampouco é constante em um mesmo sítio. No entanto, é irreversível, de tal forma que se pode rapidamente separar ossos de diversas idades geológicas porventura misturados. Os mais antigos terão maiores teores de fluoresceina. É um método de Datação Relativa (Ver).

TESTEMUNHO – Termo de amplo emprego. Pode referir-se a partes do sítio arqueológico, mantidas intactas para estudos futuros; paredes do sítio deixadas para análise da estratigrafia; qualquer tipo de evidência arqueológica; colunas do sítio arqueológico, removidas intactas como blocos testemunho etc.

TETRÁPODA – Tipo de Base (Ver) com quatro apoios ou pés.

TEXTURA – Aspecto da pasta, depois da queima (Pronapa, 76). A textura pode ser l. Compacta; 2. Frouxa; 3. Arenosa; 4. Friável; 5. Vítrea; 6. Granular. – Qualidade da rocha, que varia desde vítrea até granular.

TIGELA – Peça de cerâmica, de boca ampliada e pouca profundidade (Pronapa, 76).

TIPO – Grupos de características comuns que distinguem determinados artefatos, ou seus restos, de outros semelhantes. Para cerâmica usa-se so-

mente com aqueles que têm descrição formal (Pronapa, 76). O conceito de tipo pode ser extendido a conjuntos culturais como um todo, tornando-se sinônimo de Configuração Cultural.

TIPOLOGIA – Conjunto de critérios considerados diagnósticos para a separação de uma população em categorias; agrupamento numa série de classes, dependendo das finalidades da tipologia. – É o estudo da forma dos artefatos e objetos elaborados pelo homem. Tem duas finalidades principais. Em primeiro lugar, sua classificação. Todos os exemplares de uma determinada classe podem ser agrupados segundo sua forma. Em segundo lugar, a comparação entre diversos tipos permite o estabelecimento de Seriações (Ver).

TIPOLOGIA ESTILÍSTICA – Uma cujos critérios separam uma população em classes, cada qual devendo representar um estilo distinto. Diz-se, nesse caso, que a raiz da tipologia é estética.

TIPOLOGIA MORFOLÓGICA – Uma cujos critérios separam uma população em classes, cada qual devendo apresentar uma forma distinta. Diz-se que a raiz da tipologia é morfológica.

TIPOLOGIA FUNCIONAL – Uma cujos critérios separam uma população em classes, cada qual devendo representar uma atividade ou função distinta. Diz-se que a raiz da tipologia é funcional.

TIPOLOGIA TECNOLÓGICA – Uma cujos critérios separam uma população em classes, cada qual devendo representar uma técnica de manufatura distinta. Diz-se que a raiz da tipologia é tecnológica.

TORNEADA – Técnica de confecção de cerâmica que consiste em elaborar o recipiente com o auxílio de uma roda de torno (roda de oleiro) (Pronapa, 76).

TORNO – Plataforma horizontal circular, que serve ao ceramista para trabalhar a argila. Usualmente tem um eixo central e com um pequeno prato na extremidade. O artesão move a plataforma com os pés e trabalha, com as mãos, a argila colocada sobre esse pequeno prato.

TORTUAL DE FUSO – Discos de pedra ou cerâmica, com perfuração central, destinados a servir de peso na fiação de tecidos de Algodão (Ver).

TRABALHO SECUNDÁRIO – É um conjunto de operações pelas quais dar-se-á a um objeto-núcleo, após o preparo de sua forma, ou a uma lasca, após a debitagem, uma forma, mais apta, ao trabalho ao qual se destinam tais objetos. O trabalho secundário pode consistir também em um reavivamento ou uma reforma de parte usadas ou quebradas. O trabalho secundário se limita geralmente aos bordos, ao plano de percussão ou ao bulbo da lasca. Ver Retoque.

TRACEOLOGIA – Estudo das marcas de uso de artefatos líticos ou sobre osso, dente, concha e chifre, por recurso à microscopia de reflexão com alta capacidade de ampliação da imagem (microscópios metalográficos, eletrônicos).

TRADIÇÃO – Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal (Pronapa, 76). – Uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica. No Quadro 2 são apresentadas as principais tradições arqueológicas brasileiras com suas respectivas fases.

UF	T. Pré-cerâmicas	T. Regionais	T. Tupi-guarani	T. Neobrasileira
RS	Amandaú	Caxias (T)	Botucaraí	Canguçu
	Antas (H)	Cerritos (V)	Camaquã (c)	Bojuru
	Araponga	Erveiras (T)	Comandaí (c)	Faxinai
	Batinga	Guabiju (T)	Guaratã (c)	Monjolo
	Caaguaçu	Guatambu (T)	Guaratã (c)	Rio Pardo
	Camboatá (H)	lbirapuitã	ljuí (c)	Reduções
	Camuri (Um)	Piratini	lnduá (c)	
	Canhemborá	Taquara (T)	lpirá (c)	
	Corá (H)	Taquaruçu (T)	lrapuã (p)	
	Humaitá	Torotama (V)	ltá (c)	
	lbicuí	Vacaria	Maratá	
	ltapuí (Um)	Vieira (V)	Maquiné (c)	
	ltaqui (Um)	Xaxim (T)	Missões (e)	
	Jacuí	Giruá (T)	Paranhana (e/e)	
	Lagoa		Toropi (c)	
	Paiquerê		Trombudo (c)	
	Panambi		Vacacaí (c)	
	Pinhal		Carazinho	
	Rio Pardinho			
	Serra			
	Santa Cruz			
	Umbu (Um)			
	Umbu (Um)			
SC	Acaraí (H)	Araquari (I)	Ipirá (e)	
	Cará (H)	Enseada (I)	Itá (c)	
	Congonhas	Ibirama	Itapacu (c)	
	Catia	Itapiranga (T)	Mandaí (c)	
	Itaió	Piraí	Poço Grande	
	Itajaí	Rio Lessa (I)		
	Morro do Ouro	Xaxim		
	Paiquerê			
	Ponta das Almas			
	Saguaçu			

UF	T. Pré-cerâmicas	T. Regionais	T. Tupi-guarani	T. Neobrasileira
	Saí Suruvi Tamanduá (H) Urubici			
PR	Andirá Bituruna Iguaçu Inajá Ipacaraí Ivaí (H) Pirajuí Potinga Tapejara Timburi (H) Vinitu Céu Azul (Um) Iguaçu (Um)	Açungui (I) Candói (I) Cantu (I) Casa Pedra (C Cantaduva (C Icaraíma Itararé (I) Xagu (I)	Caloré (e) Cambará (p) Condor (p) Guajuvira (p) Guaraci (c) lbirajé (p/c) lmbituva (p/c) ltacorá (p) lvinheima (c) Loreto (e) Pirapó (p) Sarandi (e) Tamboará (c) Tibagi (e) Umuarama (p)	Assuna Lavrinha
MS	Corumbá	Pantanal (Pa) Jacadigo (Pa)	lvinheima (c)	
SP	Andirá Marchiori Monjolo Velho Santa Rosa Santo Antônio Serra d'água Timburi (H)	ltararé (I)	Cambará (p)	
RJ	ltaipu A ltaipu B Mambucaba Pequerê Macaé Magé	Mucuri (U) Una (U) Jabaquara	lpuca (c) ltabapoana (e/e) ltacoara Governador Guaratiba (p) Praia Grande Semambitiba (c) Jequié (p)	Parati Calundu

UF	T. Pré-cerâmicas	T. Regionais	T. Tupi-guarani	T. Neobrasileira
MG	C. Cerca Grande Paracatu Ponte Nova	Ibiraci Itaci Jaguará (A) Paraopeba Piumhí (U) Sapucaí (A) Unaí (U)	Cochá	
ES		Guarabu (A) Itaúnas (A) Jacareípe (A) Tangui (U)	Cricaré (p) Tucum (p)	Moeda
BA	Periperi (P) Cajaíba (P)	Aratu (A) Itanhém (A)	Coribe (c) Itapicuru (p) Curaçá	
GO	Cocai (It) Paraná (It) Monte do Carmo Serranópolis Terra Ronca Paranaíba (It)	Aruanã (Ur) Itaberaí Itapirapuã (Ur) Jataí (U) Jaupaci (Ur) Mossârnedes (A) Tejuaçu (A) Uru (Ur) Uruaçu (Ur) Cachoeira (A)	Iporã	
PE	Acaí Jó Machados Paquevira Passassunga C. Bom Jardim Itagiba	Pedra do Cabloco	Cacimba	
RN	Martins	Papeba	Curimataú (p)	
CE		Quixadá (A)		

Fontes :
Simões, 1972; Mendonça de Souza, 1981 e 1984; Prous, 1992; e Base ACDC (Sistema lnfoArqueodata), 1995.

Abreviaturas:

A – Tradição Aratu;
Ac – Tradição Acuriá;
B – Bororo
c – Subtradição Corrugada;
C – Tradição Casa de Pedra;
D – Complexo Dourados;
e – Subtradição Escovada;
G – Tradição Guará;
H – Tradição Humaitá (pré-cerâmica);
I – Tradição ltararé;
lc – Tradição ltacaiunas;
lt – Tradição ltaparica;
J – Tradição Jamari;
M – Tradição Mina;
Ma –Tradição Macaé;
NB – Tradição Neobrasileira;
p – Subtradição Pintada (TG);
Pa – Tradições Pantanal;
P – Tradição Periperi;
T – Tradição Taquara;
TG – Tradição Tupi-guarani;
U – Tradição Una;
Um – Tradição Umbu (pré-cerâmica);
Ur – Tradição Uru;
V – Tradição Vieira.

FASES X TRADIÇÕES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

UF	T. Hachurada Zonada	T. Borda Incisa	T. Policroma	T. Inciso Pontedada	Outras Trads.
AP			Aristé	Mazagão	Aruã Maracá
PA	Ananatuba Jauari	Mangueiras	Marajoara Cararapi Criajó Independência Primavera	Konduri Tauá Curuá Curi Castanha	Arara (TG) Macapá (M) Acauã Areão (M) Aruã Carapanã Castália (M) Formiga ltacaiúna (lc) Mina(M) Pacajá (lc) Tauari (TP) T ucuruí (TP) Uruá (M) Guará (G) Macapá (M) Poco Tucumã Salvaterra
AM	Caiambé Manacapuru		Guarita Paredão Pirapitinga São Joaquim Tefé Caparu	ltacoatiara Sanabani Apuau	ltuxi Japurá Santa Luzia Pajurá Pocó Uma ri Japurá Mocajatuba (NB)
		Tradição Saracá?			

FASES X TRADIÇÕES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

UF	T. Hachurada Zonada	T. Borda Incisa	T. Policroma	T. Inciso Pontedada	Outras Trads.
AP			Aristé	Mazagão	Aruã Maracá
PA	Ananatuba Jauari	Mangueiras	Marajoara Cararapi Criajó Independência Primavera	Konduri Tauá Curuá Curi Castanha	Arara (TG) Macapá (M) Acauã Areão (M) Aruã Carapanã Castália (M) Formiga ltacaiúna (lc) Mina(M) Pacajá (lc) Tauari (TP) T ucuruí (TP) Uruá (M) Guará (G) Macapá (M) Poco Tucumã Salvaterra
AM	Caiambé Manacapuru		Guarita Paredão Pirapitinga São Joaquim Tefé Caparu	ltacoatiara Sanabani Apuau	ltuxi Japurá Santa Luzia Pajurá Pocó Uma ri Japurá Mocajatuba (NB)
RO	C. Dourados C. Periquiros		Aristé	Mazagão	Agua pé Aripuanã Caju Galera Limeira Matapi (J)

UF	T. Hachurada Zonada	T. Borda Incisa	T. Policroma	T. Inciso Pontedada	Outras Trads.
					Jamari (J) Cupuí (J) Urucuri (J) Massangana Pinimbu ltapipoca
AC	Periquitos				Maru Moa (Ac) Japiim (Ac) Acuriá (Ac) Jacamim Xapuri Quinari lacó Cintra (Ac)
MT	Vilhena (D) Jatobá (D) Tombador				Bororo (Ur/B) lpavu Miararré Diauarum Mampara (TG/B)
TO					Palmas (U)
MA					Cajari

TRADIÇÃO BORDA INCISA – Tradição ceramista da Bacia Amazônica caracterizada por motivos incisos sobre as largas bordas horizontais das vasilhas. Inclui também engobo vermelho e escovado. Dos artefatos de cerâmica participam raras estatuetas, cachimbos tubulares, batoques auriculares e labiais e cachimbos planos (Pronapa, 76).

TRADIÇÃO HACHURADA ZONADA – A mais antiga tradição ceramista da Bacia Amazônica. Caracteriza-se, além do engobo vermelho e escovado, por largas linhas incisas, quer isoladas ou definindo zonas de fino hachurado. Inclui cachimbos tubulares (Pronapa, 76).

TRADIÇÃO INCISO-PONTEADA – Tradição ceramista da Bacia Amazônica caracterizada por incisões predominantemente retilíneas, às vezes em padrões desenhados com precisão em linhas paralelas, e associadas a ponteados. Ocorre também modelagem em baixo-relevo ou em adornos biomorfos sobre a borda ou parede do vaso, e a pintura. De artefatos de cerâmica são comum estatuetas, cachimbos angulares, rodelas-de-fuso e suportes-de-panelas (Pronapa, 76).

TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA – Uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnósticos as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras (Pronapa, 76).

TRADIÇÃO POLICROMA – Grande tradição ceramista da Bacia Amazônica. Embora a pintura vermelha e ou preta sobre engobo branco seja a decoração mais popular, a tradição se caracteriza por grande proliferação de técnicas decorativas, como incisão, excisão e acanalado sobre superfícies simples ou engobadas. Enterramentos secundários em urnas antropomorfas; de artefatos de cerâmica estão incluídos estatuetas, rodelas-de-fuso, colheres, bancos, tangas e suportes-de-panelas (Pronapa, 76). Os sítios mais famosos associados a essa tradição são os da Fase Marajoara.

TRADIÇÃO TUPI-GUARANI – Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e pelo uso de tembetás (Pronapa, 76). Ver Subtradição Pintada, Subtradição Corrugada, Subtradição Escovada.

TRANSLÚCIDA – Qualidade de uma rocha de transmitir, parcialmente (*i.e.*, pelas margens e partes mais finas), uma luz vista do outro lado. Quartzo e obisidiana são bem translúcidas; Opala, Ágata e Calcedônia parcialmente translúcida; Jaspe apenas irregularmente e Sílex e Chert opacas.

TRANSGRESSÃO – Fenômeno de avanço progressivo do mar sobre as áreas continentais, levando à submersão, em consequência da subida do nível do mar, da subsidência do continente ou pelo movimento vertical de ambos. A transgressão, assim como a regressão, tem-se alternado através dos tempos geológicos, constituindo-se inclusive em critério para classificações estratigráficas (Suguio, 92).

TRASNGRESSÃO PÓS-GLACIAL – Transgressão subsequente ao último avanço glacial do Hemisfério Norte (exemplo: Würm nos Alpes). Essa transgressão tem recebido várias denominações locais: Transgressão Flandriana (Países Baixos), Transgressão Littorina (Escandinávia). Transgressão Santos (Brasil) etc. A chamada Transgressão Santos, principalmente na sua porção correspondente aos 6.000 a 7.000 anos AP até hoje foi pesquisada em detalhes nas costas oriental e sudeste do Brasil e segundo Suguio e Martin (1978) exibe o seu nível máximo em torno de 5.150 anos AP (Suguio, 92). Aparentemente, é por essa época que surgem as primeiras adaptações litorâneas no Brasil. Ver Holoceno, Período Glacial, Sambaqui.

TRANSGRESSÃO SANTOS – Ver Transgressão Pós-Glacial.

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE – Processo de acabamento de superfícies (Pronapa, 76).

TRATAMENTO TÉRMICO – Processo de recozimento da rocha, pela qual um calor determinado durante um período definido resulta em maior homogeneidade da textura da rocha.

TREMPE – Conjunto de três ou mais pedras, colocados a distâncias variáveis do centro das fogueiras, destinados a apoiar vasilhames cerâmicos de base arredondada. A distância ao fogo estabelecia a temperatura de cozimento do alimento.

TRINCHEIRA – Tipo de Escavação Arqueológica (Ver), em que os cortes são de maior comprimento do que largura.

TRÍPODA – Tipo de Base (Ver) de vasilhame cerâmico com três apoios ou pés.

TRITURADOR – O mesmo que Moedor (Ver). Nomenclatura funcional.

TÚMULO – Sepultura com superestrutura, lápide, grupos de pedra, amontoados de terra etc. Classificação morfológica.

TUPI-GUARANI – Ver Tradição Tupi-guarani.

U

UNGULADO – Tipo de decoração que consiste em imprimir, com a ponta das unhas, marcas agrupadas em diversas posições, na superfície do vasilhame.

UNIFACE – É, de modo geral, um utensílio lascado em uma só face e definido em oposição aos bifaces que são lascados nas duas faces. Utensílios feitos a partir de um seixo, sendo que uma das faces foi deixada em bruto. A forma e, provavelmente, a função desses utensílios são equivalentes às dos bifaces. Foram descritos sob termos diversos (bifaces parciais etc.).

URNA – Vasilha utilizada para enterramento primário ou secundário (Pronapa, 76). – Termo que induz à confusão e que se vem empregando para designar qualquer vaso cerâmico de tamanho médio a grande, geralmente profundo e sem asas, empregados, possivelmente, para armazenar alimentos (Bray & Trump, 70).

URNA CINERÁRIA – Urna (Ver) de menores dimensões, no interior da qual se encontram cinzas provenientes de cremações de pessoas mortas.

URNA FUNERÁRIA – Urna (Ver) no interior da qual se encontram Restos diretos (Ver), com Acompanhamento funerário ou não.

USO DESCONHECIDO – Termo empregado quando o uso ou função de objetos de pedra, osso ou cerâmica não pode ser esclarecido.

UTENSÍLIO – Qualquer instrumento de trabalho, de que se serve um artista ou um artesão. Objeto que serve de meio ou instrumento para se fazer qualquer coisa. Segundo essa definição, mó é um utensílio, do mesmo modo que uma faca. Designa uma unidade indeterminada. Apesar de utensílio e instrumento serem considerados sinônimos, o primeiro é mais abrangente. Assim, entende-se um vaso de cerâmica como sendo um utensílio, mas não um instrumento. O termo torna-se claro quando se considera seu étimo. Do latim *utensilia*, plural de *utensile*, tudo quanto serve para nosso uso. Ver Instrumento, Objeto, Artefato.

V

VARIEDADE – Termo de uso genérico, é muito empregado em Arte Rupestre (Ver) e em análise de cerâmica, para indicar pequenas modificações dentro de um tipo. Está para os artefatos, assim como Fácies (Ver) desta, para os conjuntos.

VASADA – Tipo de Borda (Ver) que é internamente oca.

VASILHAME – Termo que abrange todas as formas de recipientes de cerâmica (Pronapa, 76), de pedra e, até, de osso de baleia. Destinam-se a conter água, alimentos etc. O de boca constricta é aquele em que o diâmetro da boca

é menor que o máximo diâmetro do corpo, e o de boca ampliada é aquele em que o diâmetro da boca é maior que o diâmetro máximo do corpo. Ver Contorno.

VASO – Ver Contorno e Vasilhame.

VASO DE PEDRA – Recipientes de pedra, só podem ser distinguidos dos pilões e almofarizes por meio do estudo das marcas de uso. Um recipiente que serviu só para guardar líquidos e sólidos, como, por exemplo, farinhas, corantes etc., não mostrará marcas de uso, a não ser ligeiras diferenças de coloração entre a parte que esteve em contato com o conteúdo e a que não esteve.

VERNIZ – Modificação superficial da rocha, pela qual adquire um lustro ao mesmo tempo que a cor muda, tornando-se distinta da do interior da rocha. Difere do Lustro (Ver), e da Intemperização (Ver).

VERTICAL – Tipo de Borda (Ver) reta, em que o diâmetro da Boca (Ver) é igual ao diâmetro do Pescoço (Ver). O exemplo típico de uma borda vertical é a de um vaso cilíndrico.

VIROTE – Objeto de pedra polida, com um corpo longo, regular, bicônico, lastreado na parte superior por uma larga excrescência circular. No Paraná, nos tempos históricos, os virotes eram lançados em direção às pinhas para fazer cair os pinhões, importante fonte de alimento para os índios do planalto (Mentz-Ribeiro, 77).

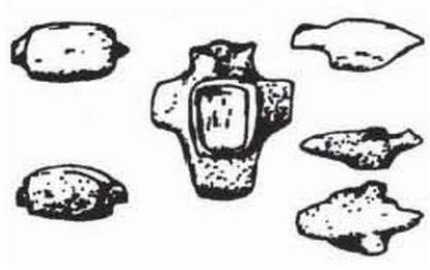
W

WÜRM – Quarta e última glaciação do Pleistoceno (Ver) Europeu. Corresponde ao Winconsin na América. Ver Período Glacial.

Z

ZONA NEUTRA – Em tipologia lítica, é a área caracterizada pela ausência de traços ou sinais de uso. Pode, em caso de uma análise mais fina, ser estudada separadamente. O comprimento deverá ser medido paralelamente ao eixo longitudinal.

ZOÓLITOS – São assim chamadas as pedras esculpidas na forma de animais. É muito comum apresentarem, na composição da forma, uma disposição cruciforme. Um eixo é constituído pela cabeça e pela cauda e outro eixo, pelas asas na representação de peixes etc. Usualmente existe uma larga e raza depressão escavada na face ventral. Ignora-se completamente o uso dos zoólitos cuja área de dispersão se estende desde São Paulo até o Rio de la Plata. No Brasil existe um único registro de zoólito Antropomorfo (Ver) resgatado no vale do rio Ribeira, São Paulo.



ZOOMORFO – Diz-se dos motivos, em Arte Rupestre, cerâmica e demais artefatos, que representam animais, como os Zoólitos (Ver) e os Muiraquitãs (Ver), em sua maioria, são zo-omorfos.

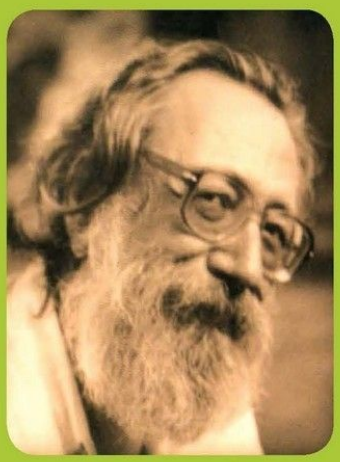
ZONA DE PREENSÃO – Parte do artefato destinada ao encabamento ou manipulação com as mãos. Ver Extremidade Proximal.

ZONA ÚTIL – Parte ativa do artefato, aquela que executa a ação pretendida. Ver Extremidade Distal.

ZUMBIDOR – Carapaças de moluscos terrestres são comumente encontradas, em sítios litorâneos, com aberturas simétricas. Alguns autores acreditam que seriam presas em cipós e giradas por sobre a cabeça, provocando um zumbido.

GRÁFICA MODERNA
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado



A produção do dicionário foi uma das últimas contribuições do prof. Alfredo Mendonça de Souza para a Arqueologia brasileira.

A unificação da terminologia era solicitada desde que os arqueólogos começaram a se perceber e pensar como grupo e profissão. Por isso, os fundadores da nova fase da Arqueologia brasileira, que se instalou na década de 1960, foram criando, para uso dos participantes de seus programas de pesquisa e comunicação com os pares, modelos restritos de semelhantes vocabulários. Primeiro foi produzido o *Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul*, de Annette Laming-Emperaire (1967), depois a *Terminologia Arqueológica Brasileira* para a Cerâmica, de Clifford Evans e Betty J. Meggers, coordenadores do Pronapa (Chmyz, ed., 1966). Foram seguidos por autores nacionais: pe. João Alfredo Rohr, S. J. juntou a terminologia relacionada com artefatos de osso, chifre, dente, concha (1977); Pedro Augusto Mentz Ribeiro incluiu um pequeno vocabulário arqueológico no seu *Manual de Introdução à Arqueologia* (1977) e Kenitiro Suguio organizou os termos geológicos e geomorfológicos (1992).

O autor do *Dicionário* se refere a essas obras repetidas vezes, indicando que elas foram a sua inspiração e devem ter fornecido grande parte dos termos por ele compilados. Os restantes se originariam do profundo conhecimento que o autor tinha da bibliografia arqueológica nacional.

A obra produzida é um dicionário dos termos mais comumente usados na Arqueologia brasileira para se referir a elementos arqueológicos, biológicos, etnográficos, paleontológicos, geológicos e geomorfológicos, técnicos e metodológicos, bem como dos nomes usados nos produtos das classificações, muitas vezes reunidos num sistema de tradições e fases. O *Dicionário* informa sobre o sentido com que essas palavras costumam ser usadas, mas não pretende ser um manual de metodologia, de teoria ou de história. Também não pretende ser exaustivo, pois não inclui muitos termos de selares especializados de pesquisa.

ISBN 856421832-1
9 788564 218321

Secretaria de
Estado de Cultura

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

**TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES**

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA